

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

**A DISTRIBUIÇÃO DO OBJETO NULO NO PORTUGUÊS  
EUROPEU E NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

**RENATA LOPES MARAFONI**

**2010**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



**Universidade Federal do Rio de Janeiro**  
**Faculdade de Letras**  
**Comissão de Pós-Graduação e Pesquisa**

## **A Distribuição do Objeto Nulo no Português Europeu e no Português Brasileiro**

Renata Lopes Marafoni

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (Letras Vernáculas), Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Letras Vernáculas na Área de Concentração Língua Portuguesa.

Orientadora: Maria Eugênia Lamoglia Duarte

Rio de Janeiro  
Março de 2010

Marafoni, Renata Lopes.

A Distribuição do Objeto Nulo no Português Europeu e no Português Brasileiro. / Renata Lopes Marafoni. Rio de Janeiro: UFRJ / FL, 2010.

X, 158 f.: il.; 31 cm.

Orientadora: Renata Lopes Marafoni (UFRJ).

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro / Letras / Programa de Letras Vernáculas, 2010.

Referências Bibliográficas: f. 153 – 157.

1. Variação 2. Parâmetro do Objeto Direto I. Duarte, Maria Eugênia Lamoglia. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras. III. Título.

A Distribuição do Objeto Nulo no Português Europeu e no Português Brasileiro

Renata Lopes Marafoni

Orientadora: Maria Eugênia Lamoglia Duarte

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Doutor em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Examinada por:

---

Presidente, Professora Doutora Maria Eugênia Lamoglia Duarte (UFRJ)

---

Professor Doutor Marcos Bagno (UnB)

---

Professora Doutora Chistina Abreu Gomes (Linguística – UFRJ)

---

Professora Doutora Mônica Tavares Orsini. (Letras Vernáculas – UFRJ)

---

Professora Doutora Sílvia Regina de Oliveira Cavalcante. (Letras Vernáculas – UFRJ)

---

Professora Doutora Vera Lúcia Paredes Pereira da Silva. (Linguística – UFRJ, suplente)

---

Professora Doutora Dinah Maria Isensee Callou. (Professora Emérita – UFRJ, suplente)

Rio de Janeiro  
Março de 2010

**A Deus, por mais uma etapa cumprida.**

## Agradecimentos

A Deus, que iluminou mais uma vez o meu caminho durante a elaboração desta Tese.

Ao Marco, meu esposo e amigo, por me acalmar e incentivar a concluir este trabalho nos momentos de angústia e também por ser sempre um exemplo a ser acompanhado. Obrigada também pela ajuda imprescindível na formatação do texto e na tabulação dos testes de intuição.

À minha mãe, Laura, pela enorme paciência com que me aturou durante toda a minha vida acadêmica (repleta de papéis *imexíveis* espalhados por toda a casa). Exemplo de mãe e de mulher. Verdadeira Fênix.

À minha orientadora, Maria Eugênia, por sua orientação atenta, quase maternal, por sua disponibilidade constante e, especialmente, pela oportunidade de trabalhar com a língua efetivamente brasileira. Obrigada por me iniciar e me guiar pelos caminhos da pesquisa sociolinguística. Muito obrigada pelos constantes incentivos.

À Juliana Espósito Marins, por sua enorme ajuda com aquelas rodadas do Varbrul. Valeu, Juju!

Ao Humberto Soares da Silva pelo “resumen”. Gracias.

Ao meu irmão, Victor Hugo, exemplo de determinação e de responsabilidade. Sempre lutando por fazer o que realmente o faz feliz. Espírito livre e incansável. Obrigada por me mostrar que a vida pode (e deve!) ser mais leve.

Ao meu irmão, Léo, que, assim como Victor, sabe dividir muito bem o seu tempo. Concilia dedicação aos estudos, vida de atleta e diversão com os amigos. Regido por Apolo, é a personificação da tranquilidade: tem plena consciência de seu potencial e, aos poucos, está trilhando uma vida acadêmica e profissional brilhante. Obrigada por tudo, inclusive pelo moderm.

Às minhas cunhadas, Rachel e Vanessa, que já sabem muito sobre o objeto nulo, pelo carinho e por serem cobaias de testes de julgamento.

À minha tia, Eugênia Maria, a minha Maria Eugênia por parentesco! Professora de português **atuante** no Município de São Gonçalo. Lutadora. Fonte de inspiração. Profissional digna, séria e respeitada. A educação no Brasil necessita de **educadoras** como ela.

À minha tia, Mara, e à minha prima, Fernanda, pela grande acolhida lá no iniciozinho da Graduação.

À minha sogra, Terezinha, pela paciência e carinho com que me recebeu. Não é fácil ter uma Mumm-Rana dentro de casa.

Aos meus cunhados, Rinaldo e (Ana) Célia, por ouvirem sempre com enorme paciência as teorizações de uma doutoranda alucinada. Obrigada também pelas jogatinas e pelas pizzas dos Sábados. Precisamos retomar esses hábitos. Alícia agradece.

Aos professores da Faculdade de Letras (UFRJ), que, direta ou indiretamente, contribuíram para que eu chegasse até aqui.

Aos meus alunos que se dedicaram aos estudos e compreenderam o verdadeiro objetivo do ensino da Língua Portuguesa, ou melhor, Brasileira. É uma honra enorme ter ex-(sempre)-alunos como o Dimitri, o Nicolaus, a Gabriela, a Mariana e a Fernanda, hoje, graduandos da FL – UFRJ.

Aos amigos-professores das escolas por que passei: Simone, Dilma, Fátima, Avelino, Liliane, Adriana, Máxima, Denir, Ana Cláudia, Ana Cristina, Jorge Marcelo... Impossível citar todos.

Aos professores da Unidade Niterói do CP2, profissionais brilhantes, dedicados e amigos. Agradecimento especial à minha equipe. Valeu, Bia, Márcio, Franquelim, Rosângela, Tânia e Silvia. Obrigada também ao grupinho (Adofuned?!) que promove nossas idas ao Mário pelos momentos de descontração e pela calorosa acolhida.

Ao Colégio Pedro II pela concessão da redução da carga-horária que me permitiu chegar ao fim de mais essa etapa de minha vida acadêmica.

"A vida não me chegava pelos jornais  
nem pelos livros. / Vinha da boca do povo  
na língua errada do povo. / Língua certa  
do povo / porque ele é que fala gostoso o  
português do Brasil." **(Manuel Bandeira –  
Evocação do Recife)**

## **SINOPSE**

Distribuição do objeto nulo no Português Europeu e no Português Brasileiro. Estudo qualitativo à luz da teoria dos Princípios e Parâmetros juntamente com o modelo de mudança de Weinreich, Labov & Herzog (2006[1968])

## Resumo

A Distribuição do Objeto Nulo no Português Europeu e no Português Brasileiro

Renata Lopes Marafoni

Orientadora: Maria Eugênia Lamoglia Duarte

Resumo da Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Doutor em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

O objetivo deste trabalho é apresentar uma descrição dos contextos em que ocorre efetivamente o objeto nulo no Português Europeu (PE), comparando esses resultados com os obtidos para o Português Brasileiro (PB) por Marafoni (2004), entre outros. Partimos de estruturas apresentadas por Raposo (2004) com contextos estruturais que aceitam sem restrições / com restrições / ou rejeitam o objeto nulo no PE. Utilizamos entrevistas com amostras de fala, provenientes das gravações do CD-Oral-Rom (Cresti & Moneglia 2005) para o PE e das gravações das amostras Censo e Recontato (PEUL) para o PB. Testes de julgamento do PB e do PE também foram usados para complementar a análise. Os resultados apontam que PE e PB se diferenciam fortemente em termos qualitativos em relação ao objeto nulo. Enquanto um antecedente no discurso não constitui qualquer obstáculo ao objeto nulo no PE, o objeto nulo é fortemente condicionado por um antecedente dentro de uma estrutura sintática, que compreende uma principal e suas(s) subordinada(s). Em tais estruturas, o objeto nulo é aceito por alguns falantes se seu antecedente estiver na mesma função e apresentar o traço [-animado]. Para o PB as restrições se limitam a um antecedente sujeito de verbos psicológicos. Este estudo utiliza como teoria linguística a Teoria de Princípios e Parâmetros, focalizando o Parâmetro do Objeto Nulo e as propriedades a ele associadas, e como modelo de mudança aquele proposto por Weinreich, Labov & Herzog (2006[1968]).

Palavras-chave: Parâmetro do objeto nulo, variantes/ gramáticas em competição, restrições, Português Europeu, Português Brasileiro.

## Abstract

The Distribution of Null Objects in European and Brazilian Portuguese

Renata Lopes Marafoni

Supervisor: Maria Eugenia Lamoglia Duarte

Abstract of the Ph.D. thesis submitted to the Post-Graduation Program of Vernacular Languages of the Federal University of Rio de Janeiro - UFRJ, as part of the requirements for obtaining the degree of Doctor Vernacular Languages (Portuguese Language)

This work presents a comparative analysis of the distribution of null objects in European and Brazilian Portuguese (BP), based mainly on the contexts proposed by Raposo (2004), ranging from those accepted without restriction in European Portuguese (EP) to those in which a null object is completely rejected. The sample for EP speech comes from Cresti and Moneglia (2004) and for BP from the sample collected by PEUL (Program of studies of the use of language). Tests of grammaticality have also been used in order to cover structures not found in the samples. The results show that EP and BP differ strongly in qualitative terms. Whereas an antecedent in discourse does not prevent a null object in EP, it is strongly constrained when the antecedent is in a syntactic structure with a main clause and its subordinates. In such structures, some speakers accept a null object if its antecedent is [-animate] and has the same function. The acceptability decreases with [+animate] antecedents in the same function and disappears if it is in a different function. As for BP, the restrictions apply strongly only when the antecedent is a [+animate] subject of a psychological verb. This study associates the Principles and Parameters theoretical framework, focusing the Null Object Parameter, with the model proposed by Weinreich, Labov and Herzog (2006 [1968]) for the study of language change.

Keywords: Null Object Parameter, variants,/grammars in competition, constraints, European Portuguese, Brazilian Portuguese.

## Resumen

La Distribución del Objeto Nulo en el Portugués Europeo y el Portugués Brasileño

Renata Lopes Marafoni

Directora: Maria Eugênia Lamoglia Duarte

Resumen de la Tesis Doctoral sometida al Programa de Posgrado en Letras Vernáculas de la Universidad Federal de Río de Janeiro – UFRJ, como parte de los requisitos necesarios a la obtención del título de Doctor en Letras Vernáculas (Lengua Portuguesa).

El objetivo de este trabajo es presentar una descripción de los contextos en los que ocurre efectivamente el objeto nulo en el Portugués Europeo (PE), comparando esos resultados con los obtenidos para el Portugués Brasileño (PB) por Marafoni (2004), entre otros. Partimos de estructuras presentadas por Raposo (2004) con contextos estructurales que aceptan sin restricciones / con restricciones / o rechazan el objeto nulo en el PE. Utilizamos entrevistas con muestras de habla, provenientes de las grabaciones del CD-Oral-Rom (Cresti & Moneglia 2005) para el PE y de las grabaciones de las muestras Censo y Recontato (PEUL) para el PB. También usamos tests de juicio del PB y del PE para complementar el análisis. Los resultados señalan que PE y PB se diferencian fuertemente en términos cualitativos en relación al objeto nulo. Mientras un antecedente en el discurso no constituye obstáculo al objeto nulo en el PE, el objeto nulo lo condiciona fuertemente un antecedente dentro de una estructura sintáctica, que comprende una principal y su(s) subordinada(s). En tales estructuras, algunos hablantes aceptan el objeto nulo si el antecedente tiene la misma función y presenta el rasgo [-animado]. Para el PB, las restricciones se limitan a un antecedente sujeto de verbos psicológicos. Este estudio utiliza como teoría lingüística la Teoría de Principios y Parámetros, enfocando el Parámetro del Objeto Nulo y las propiedades asociadas, y como modelo de cambio aquel propuesto por Weinreich, Labov & Herzog (2006[1968]).

Palabras clave: Parámetro del Objeto Nulo, variantes/gramáticas en competición, restricciones, Portugués Europeo, Portugués Brasileño.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>14</b>
<b>1. RETROSPECTIVA: O INTERESSE PELO ESTUDO DO OBJETO DIRETO ANAFÓRICO</b> .....	<b>17</b>
1.1. PESQUISAS SINCRÔNICAS DE CUNHO VARIACIONISTA .....	17
1.1.1. A fala .....	18
1.1.1.1. Uma pesquisa sobre a aquisição do objeto anafórico por crianças Brasileiras .....	36
1.1.2. Da fala para a escrita .....	38
1.1.3. A língua escrita.....	40
1.2. A PERSPECTIVA DIACRÔNICA DE CYRINO – O PROCESSO DA PERDA DO CLÍTICO .....	46
1.3 O PROCESSAMENTO DO OBJETO DIRETO ANAFÓRICO NO ÂMBITO DA PSICOLINGUÍSTICA EXPERIMENTAL .....	48
<b>2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: A INTERPRETAÇÃO DO OBJETO NULO NO PORTUGUÊS</b> .....	<b>51</b>
2.1 O MODELO DE MUDANÇA APRESENTADO POR W. L. & H. [2006(1968)] ....	51
2.2 TEORIA DE PRINCÍPIOS E PARÂMETROS .....	54
2.2.1 As diferentes interpretações teóricas para o objeto nulo no PB no âmbito da teoria gerativa.....	56
2.2.2 A anáfora do complemento nulo .....	67
<b>3. METODOLOGIA</b> .....	<b>70</b>
3.1 TESTE DE JULGAMENTO COM FALANTES DO PB .....	73
3.2 HIPÓTESES NO QUE DIZ RESPEITO À OCORRÊNCIA DE OBJETO NULO COM ANTECEDENTE SN .....	80
3.3 AMOSTRAS .....	81
3.3.1 <i>Corpus</i> para análise do PB proveniente do PEUL (Programa de estudos sobre os usos da língua) .....	81
3.3.2 <i>Corpus</i> para análise do PE provenientes do CD-Ora-Rom .....	82

3.3.3 Grupos de fatores considerados na coleta e codificação dos dados .....	84
<b>4. ANÁLISE DOS DADOS .....</b>	<b>103</b>
4.1 AS ESTRATÉGIAS DE REALIZAÇÃO DO OBJETO DIRETO ANAFÓRICO....	104
4.2 ANÁLISE .....	105
4.2.1 A distribuição das estratégias pelos contextos de ordem morfológica, sintática e semântica .....	109
4.2.1.1 Contexto de natureza morfológica.....	109
4.2.1.2 Contexto de natureza sintática .....	115
4.2.1.3 Contexto de natureza semântica.....	127
4.2.1.4 Estilo (formal / informal) das gravações .....	135
4.3 TESTE DE JULGAMENTO COM FALANTES DO PE.....	136
<b>5. CONCLUSÃO: SÍNTESE E CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>146</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>153</b>
<b>ANEXO .....</b>	<b>158</b>

## Introdução

O objetivo deste trabalho é apresentar uma análise qualitativa da realização do objeto direto anafórico no português europeu (PE) e no português brasileiro (PB), focalizando de modo especial como o objeto nulo se distribui nessas duas gramáticas<sup>1</sup>. Diversos estudos já abordaram o parâmetro do objeto nulo tanto no português brasileiro como no europeu, mas o fizeram através de outro enfoque conforme veremos no capítulo de revisão de estudos anteriores. Em Marafoni (2004), já havíamos acrescentado mais uma análise do fenômeno da realização do objeto direto anafórico, dessa vez através de um estudo de painel (cf. Labov 1994, Paiva e Duarte 2000) com base na fala carioca. Esse estudo confirmou a implementação do objeto nulo no PB, inclusive, nas chamadas ilhas sintáticas<sup>2</sup> apontadas por Raposo (1986) como estruturas nas quais não ocorreria essa forma. O “gatilho” para o presente estudo foram dois artigos: o primeiro de Kato

---

<sup>1</sup> Estamos aqui usando o termo ‘gramática’ no sentido de Língua-I (internalizada). Para Gaves (1998), uma marcação diferente no valor de um parâmetro justifica considerar uma gramática diferente de outra.

<sup>2</sup> Contextos dos quais não se pode extrair um constituinte para uma posição periférica à sentença.

e Raposo (2001) em que o autor revisita seu clássico texto de 1986 e revê as restrições apontadas por ele naquela ocasião; o segundo de Raposo (2004) em que o pesquisador aprofunda as ideias apresentadas no texto de 2001. Além disso, os dois textos comparam o PB e o PE no que tange à realização do objeto nulo e criam algumas sentenças em que se avalia a possibilidade ou não de ocorrência da estrutura em questão nas duas gramáticas. No próximo capítulo, veremos passo a passo quais seriam as novas restrições.

Para atingir nosso objetivo, trabalhamos com a Teoria Linguística de **Princípios e Parâmetros**, centrando-nos especialmente no Parâmetro do objeto nulo. Utilizaremos também o **modelo de mudança** proposto por Weinreich, Labov & Herzog (2006[1968]). Partimos da hipótese de que o objeto nulo encontrado em PE não é tão raro quanto se acredita, mas não ocorre tampouco de forma irrestrita como parece ocorrer no PB. Mais importante do que a estrutura em que o objeto nulo ocorre é a função sintática e o traço semântico de seu antecedente. O pacote de programas matemático-estatístico, utilizado pela Sociolinguística Variacionista, Varbrul (Pintzuk, 1988), será, mais uma vez, nosso aliado para a quantificação dos dados. Nossos **corpora** são provenientes do CD-Oral-Rom (Cresti and Moneglia 2005), material que reúne vários tipos de gravações formais e informais de quatro línguas românicas: espanhol, francês, italiano e português europeu; e das amostras Censo e Reconto (utilizadas em nossa dissertação de mestrado), compostas de entrevistas gravadas com informantes que representam a fala popular carioca, adquiridas no PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da língua.

Nossa metodologia segue os passos da pesquisa sociolinguística no estabelecimento dos grupos de fatores, a partir da perspectiva teórica adotada, na codificação e na quantificação dos dados no Varbrul.

Esta Tese é composta desta introdução, seguida por cinco capítulos, pelas referências bibliográficas e por um anexo. O capítulo primeiro fará o percurso dos trabalhos empíricos sincrônicos e diacrônicos realizados com base no PB e no PE, terminando com uma volta à dissertação de mestrado com o objetivo de mostrar a motivação pelo tema ainda explorado nesta Tese. No segundo capítulo, apresentaremos o arcabouço teórico no qual esta pesquisa está apoiada. O terceiro capítulo será reservado para a reafirmação dos objetivos e hipóteses, além da apresentação da metodologia e das amostras utilizadas para compor nossa análise do objeto direto anafórico. Nesse mesmo capítulo, teremos ainda a análise de um teste de gramaticalidade aplicado a falantes do PB. No quarto capítulo, procederemos à análise dos resultados encontrados nesta pesquisa e à descrição dos resultados do teste de julgamento, aplicado aos falantes nativos do português europeu, que servirá como complemento para a análise dos resultados obtidos nos dados de fala espontânea. Finalmente, encerraremos com algumas considerações sobre os resultados a que a análise permite chegar, seguidas pelas referências bibliográficas nas quais pautamos nosso estudo e pelo anexo.

## Retrospectiva: o interesse pelo estudo do objeto direto anafórico

Nesta seção, será (re)feito o percurso do interesse pelo estudo do objeto direto anafórico no português. Faremos uma volta às origens das pesquisas que abordaram o fenômeno, especialmente no que tange ao português brasileiro. Apresentaremos, inicialmente, uma revisão dos estudos empíricos e depois veremos algumas propostas teóricas para a caracterização do objeto nulo, uma categoria que continua desafiando os gerativistas e que distingue o português das demais línguas ocidentais<sup>3</sup>. Retrataremos, pois, a partir de agora, um percurso histórico dos estudos sobre o objeto direto anafórico nulo: das origens às abordagens atuais.

### 1.1. Pesquisas sincrônicas de cunho variacionista

Veremos neste item algumas das primeiras pesquisas a tomar o objeto direto anafórico como alvo de seus estudos.

---

<sup>3</sup> No Latim clássico, é possível, entretanto encontrar ocorrências de objetos nulos: “Virtus et conciliat amicitias et conservat” (De amicitia, 100). “A virtude não só atrai as amizades como conserva \_\_\_”.

### 1.1.1 A fala

- **Omena (1979) – um estudo variacionista da fala popular**

O primeiro trabalho, de cunho variacionista, a estudar a variável objeto direto anafórico no PB foi a dissertação de mestrado de Omena (1979). A pesquisadora já havia analisado a variável na fala de um universitário em um estudo-piloto e, na dissertação, trabalhou com a fala de quatro mobralenses. Dentre as três estratégias possíveis para a realização do objeto direto anafórico - clítico acusativo; pronome lexical ou pronome nominativo e objeto nulo – Omena encontrou 76% de objeto nulo e 24% de ocorrência do pronome lexical (pronome nominativo em função acusativa). Não houve sequer uma ocorrência de clítico acusativo na fala desses informantes, uma variante que só apareceu na fala de um universitário de seu estudo piloto e, ainda assim, com apenas três ocorrências.

O trabalho pioneiro de Omena configura-se como uma importante fonte para estudos subsequentes sobre o objeto direto anafórico nulo no PB, pois já aponta o uso de duas variantes para o fenômeno analisado, além de nos mostrar o desaparecimento do clítico acusativo no português brasileiro (na fala culta e popular) e de nos apresentar também alguns dos fatores condicionantes para o uso mais frequente de uma variante em detrimento da outra. Segundo suas pesquisas, os fatores condicionantes para a maior ocorrência da variante objeto nulo foram: **(a)** a animacidade do antecedente – o traço [- animado] do antecedente, com cerca de 95% das ocorrências, favorece o uso de objeto nulo; **(b)** o antecedente exercendo a mesma função sintática do objeto direto, o equivalente a 86,5 % dos

dados, contribui também para o alto índice de objeto nulo; e **(c)** sua ocorrência em estruturas SVO (78,6%). Estruturas em que o elemento que recebe caso acusativo é sujeito de uma infinitiva, completiva de verbo causativo ou perceptivo, ou ainda de uma minioração favorecem o uso de pronome lexical. Contudo, não observamos ainda em seu trabalho o comportamento da variante SN anafórico que será devidamente contemplada no estudo que veremos a seguir.

- **Duarte (1986, 1989) e a análise de uma nova variante: o SN anafórico**

Em sua pesquisa, Duarte observa o comportamento de mais uma variante: o SN Anafórico. A análise de mais uma variante é muito importante para o estudo da variável objeto direto anafórico no PB, visto que, em estudos mais recentes, notamos a disputa, muitas vezes acirrada, entre essa variante e o objeto nulo pela primeira posição no “ranking” das variantes, uma concorrência que a pesquisadora já previra em sua pesquisa.

Seu estudo mostra-se inovador não só pelo fato de abordar mais uma variante, mas também por trabalhar com informantes de faixas-etárias e graus de escolaridade diversos, fornecendo-nos, portanto, uma visão mais global da variável, já que, além de analisar os condicionamentos linguísticos que atuam na realização do objeto direto anafórico, como fez Omena (1979), Duarte (1986, 1989) trabalha também com fatores extralinguísticos que podem estar atuando na realização da variável. Outra novidade em sua pesquisa é um teste de percepção e de produção que faz com seus informantes, através do qual observa a reação dos falantes diante da utilização das variantes estudadas em diferentes contextos. A ausência de estigma em relação ao objeto nulo, sequer percebido pelos informantes, já é garantia de que seu uso possa ser mais expressivo que o do pronome lexical,

visivelmente estigmatizado por esses mesmos informantes, a depender do contexto sintático. Em estruturas SVO, ele é mais notado do que em estruturas complexas, em que, como vimos, tem a função de sujeito, e, ainda assim, somente é notado por falantes com nível mais alto de escolaridade.

Os resultados encontrados confirmam, em muitos aspectos, a pesquisa de Omena (1979): o objeto nulo é a variante mais utilizada (62,6%), seguido pelo SN anafórico com 17,1% e pelo pronome lexical (15,45). O clítico acusativo tem o resultado menos expressivo: 4,9% do total dos dados, ficando restrito à fala de indivíduos com nível de escolaridade mais alto e a estruturas SVO. Os mesmos fatores que favorecem o uso da variante objeto nulo em Omena (1979) atuam em Duarte (1986, 1989): o traço [- animado] do antecedente. O objeto nulo é superado pelo pronome lexical, quando temos “dupla função” - a autora refere-se a tais estruturas como aquelas em que o objeto exerce “dupla função sintática”-, com verbos como *obrigar*, em que o objeto controla o sujeito da oração infinitiva, essa restrição ao uso do objeto nulo também já havia sido descrita por Omena (1979), além dos casos em que o elemento acusativo não é objeto, mas sujeito de infinitivo e de miniorações, conforme já mencionado.

- **Uma volta à Dissertação de Mestrado...**

Para melhor apresentar o interesse pelo tema desta tese de Doutorado – a realização da variável objeto direto anafórico, seria conveniente fazer uma retomada de nossa dissertação de mestrado, defendida em 2004 sob o título “A realização do objeto direto anafórico: um estudo em tempo real de curta duração.”. Nessa pesquisa, foi realizada uma análise variacionista da realização do objeto direto anafórico na fala popular do Rio de Janeiro. Trabalhamos com quatro variantes para

representar o objeto direto anafórico (ou outras funções marcadas com o caso acusativo):

- Uso do **Clítico Acusativo**, que é o pronome oblíquo, estratégia recomendada pela gramática normativa em caso de referência anafórica, como podemos ver no exemplo abaixo:

(1) Eu vejo muitos pais preocupados em suprí e as falha... Eu num tô cum *meu filho* durante o dia, então quando ele chega, vô levá-**lo** ao cinema. (Fat23 - 2000, L29, P7)<sup>4</sup>

- Uso do **Pronome Lexical**, que é o pronome nominativo em função acusativa, como mostramos em (2):

(2) Nós tamos governado por uma série de *incompetentes, pessoas incompetentes*, que não têm capacidade nem para administrá a casa dele, quer ser governo de um país ou governador de estado. Por quê? Por nossa culpa, que nós é que elegemos **ele**. (Jan03 – 2000, L14, P12)

- **SN Anafórico**, que é o uso de um sintagma nominal (SN), idêntico ou com o determinante modificado, ou de um demonstrativo “isso”, retomando o antecedente mencionado, conforme ilustramos nos exemplos (3) e (4) a seguir:

(3) Meu marido era uma pessoa tão simples em relacionamento que vivê com ele era praticamente vivê sozinha. Então eu já tô muito enraizada na minha *solidão*, vamo assim dizê, pra podê dividí **essa solidão** com outra pessoa. (Eve43–2000, L34, P4).

(4) A televisão mostra uma realidade, o que estamos acostumados a vê ao nosso redor, não? *Aquele monte de barbaridades e tudo*. Mas, no interior, eles não estão acostumados a ver **isso**. (Eve43 – 80, L27, P13).

---

<sup>4</sup> O código entre parênteses representa o informante, a década da entrevista, a linha e a página de onde foi tirado o exemplo.

- E, finalmente, o uso do **Objeto Nulo**, termo utilizado para nomear a estrutura com a ausência de qualquer elemento foneticamente representado, como vemos no próximo exemplo:

(5) A garota não sabe sequer ler, recebe *carta de colega*, a mãe tem que lê \_\_\_ pra ela. (San39 – 80, L37, P12)

Nossa análise, que deu sequência a uma variedade de pesquisas que serão mostradas em seções subsequentes, tomou por base pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Weinreich, Labov & Herzog (2006 [1968]) e trabalhos gerativistas como os de Galves (1993, 1998), além de pesquisas que buscam associar ambas as perspectivas teóricas, ou seja, tentam responder a certas questões básicas do modelo de estudo da mudança proposta em W, L & H (2006 [1968]), utilizando como guia as propriedades que caracterizam o parâmetro do objeto nulo no âmbito da teoria gerativa (cf. Duarte 1999). Ou seja, buscamos olhar como se comporta o PB em relação ao Parâmetro do Objeto Nulo (PON). Analisamos a fala de 16 indivíduos, gravados em dois momentos separados por cerca de 20 anos, realizando um estudo de painel (Labov 1994, Paiva e Duarte 2003), que consiste justamente em analisar os dados coletados de um mesmo informante separado por um espaço de tempo, com o objetivo de investigar **(a)** se eles mudaram ou não seu comportamento linguístico nesse período, independentemente da mudança no nível de escolaridade e **(b)** se as restrições ao uso do objeto nulo se mantinham ou se seu efeito tinha enfraquecido.

A partir da leitura dessas entrevistas, extraímos os trechos em que temos ocorrências de objeto direto anafórico; procedemos a uma codificação pautada nos grupos de fatores que julgamos atuantes para a realização de uma das quatro variantes com que trabalhamos e, depois, rodamos os dados no programa Varbrul (Pintzuk 1988), para fazer uma análise quantitativa dos resultados.

Os resultados gerais mostraram estabilidade nos últimos 19 anos, confirmando a escolha do objeto nulo (67,3%) para a realização da variável, e revela ampla preferência por essa variante que é seguida pelo uso do SN anafórico (19%). O pronome lexical alcançou 13% e o clítico apresentou menos de 1%. (0,7%). Como veremos, em tabelas a serem apresentadas em seções posteriores, esses resultados confirmaram a maioria dos encontrados por pesquisadores que nos antecederam. Nesse estudo, analisamos conjuntamente os casos em que o objeto anafórico retoma um SN e também quando ele retoma um antecedente sob a forma oracional. Foram encontrados apenas 62 dados nessa última estrutura. Desse total, 51 aparecem sob a forma de objeto nulo.

Tomando a variante objeto nulo como valor de aplicação, procedemos a rodadas no Varbrul (Pintzuk, 1988), que selecionou os grupos de fatores que favorecem a implementação dessa variante em PB. Além do indivíduo, foram selecionados os seguintes fatores estruturais: **(a)** Função Sintática do Antecedente; **(b)** Traço Semântico do Antecedente; **(c)** Estrutura Projetada pelo Verbo; e **(d)** Topicalização do Antecedente – esse selecionado apenas na década de 80.

A tabela a seguir apresenta o comportamento do indivíduo nos dois momentos focalizados.

Falante	Amostra 80 (input .70)			Amostra 2000 (input .72)		
	Idade	%	P.R.	Idade	%	P.R.
Eri59	9	<b>89</b>	<b>.68</b>	25	<b>74</b>	.44
Adr57	10	<b>73</b>	.47	26	<b>89</b>	<b>.69</b>
Adr63	12	<b>48</b>	.25	28	<b>82</b>	<b>.59</b>
Fat23	15	<b>74</b>	.51	33	<b>59</b>	.46
San39	15	<b>85</b>	<b>.69</b>	33	<b>75</b>	.31
Leo38	18	<b>66</b>	.46	36	<b>67</b>	.39
Jup06	18	<b>57</b>	.46	35	<b>72</b>	<b>.59</b>
Lei04	25	<b>67</b>	.51	43	<b>78</b>	<b>.75</b>
Dav42	31	<b>72</b>	.58	48	<b>73</b>	.64
Jvas26	32	<b>65</b>	.50	48	<b>79</b>	<b>.65</b>
Eve43	42	<b>44</b>	.25	59	<b>38</b>	.27
Mgl48	52	<b>48</b>	.29	70	<b>51</b>	.26
Jan03	56	<b>73</b>	<b>.67</b>	74	<b>60</b>	.47
Nad36	57	<b>77</b>	.65	74	<b>81</b>	.64
Jos35	59	<b>60</b>	.48	75	<b>61</b>	.43
Ago33	60	<b>53</b>	.31	77	<b>58</b>	.38

Tabela 1: objeto nulo ( *versus* preenchido) por indivíduo em dois momentos

Os seis primeiros informantes retratados na tabela acima aumentaram o grau de escolaridade durante o período que separa as duas amostras. Os demais falantes mantiveram o nível de escolaridade nas duas amostras estudadas. Dos seis informantes que alteraram o grau de escolaridade, apenas dois: Fat23 e Leo38 mantêm o mesmo comportamento em relação à variável analisada, com .05 e .07, respectivamente, de diferença entre os pesos relativos nos dois momentos estudados – a diferença de até .10 pontos entre os pesos relativos não é significativa (cf. Paiva & Duarte, 2003). Apresentam aumento no favorecimento do uso do objeto nulo os falantes Adr57 e Adr63, respectivamente, com .22 e .34 de diferença entre os pesos nos dois períodos focalizados. Ao contrário, os outros dois: Eri59 e San39 apresentam, respectivamente, .24 e .38 de diferença, diminuindo o favorecimento do uso da variante objeto nulo. Percebe-se, portanto que o comportamento dos indivíduos que compõem esse grupo mostra-se bastante irregular, ilustrando fluxos e contrafluxos do comportamento linguístico desses informantes, alguns apontam para

o favorecimento da variante tomada como valor de aplicação da rodada: objeto nulo; outros perfazem o caminho inverso; e ainda há aqueles que se mantêm estáveis. Não temos, portanto, como seguir um padrão que indica uma regularidade, o que poderia indicar se temos uma variação estável ou uma mudança em progresso. Parece que o objeto nulo já chegou a um patamar que sugere mudança concluída.

O comportamento dos dez informantes que não alteraram o nível de escolaridade é bem mais regular. Apenas o informante Jan03 apresenta diminuição no favorecimento do uso da variante objeto nulo com .20 de diferença entre os dois pesos relativos. Ao contrário, apresentam aumento em favor do uso do objeto nulo os falantes Jup06, Lei04 e Jvas26 com .13, .24 e .15 de diferença entre os pesos relativos, respectivamente. Os outros seis informantes mantêm o mesmo comportamento em relação à variável.

A tabela 2, abaixo, ilustra a distribuição dos dados, quando o fator em destaque é a função sintática do antecedente do objeto:

Condicionamento	Amostra Anos 80		Amostra Anos 2000	
	Nº	P.R.	Nº	P.R.
Igual a do Antecedente	373/505	.58	365/497	.53
Diferente do Antecedente	139/269	.36	135/234	.43

Tabela 2: objeto nulo e a Função Sintática do Antecedente

Como mostram os resultados, quando temos um antecedente exercendo igualmente a função sintática de objeto direto, há um nítido favorecimento em direção à variante objeto nulo. Veja-se, porém, que a diferença entre os pesos relativos .22 em 80 não passa de .10 em 2000. Isto significa que o objeto nulo ganha terreno também quando seu antecedente exerce função sintática diferente da de objeto direto. Essa variável, contemplada na análise de Omena (1979) é de extrema

relevância para a ocorrência do objeto nulo e será retomada no presente trabalho.

Os exemplos (6) e (7) ilustram os dois fatores supracitados:

- (6) Tem o tradicional (cajuzinho), que compra *o amendoim* e torra \_\_\_ e tira *a casquinha*, sopra \_\_\_ assim, suja tudo, né? Tem que tira *a casquinha* soprá \_\_\_ é casca de amendoim pra tudo quanto é lado. (San39 – 80, L9, P15)
- (7) Eu ganho aí *um dinheirinho*, o que que eu faço? Eu não tenho onde gastá \_\_\_ , eu vô viajá. (Jan03 – 2000, l2, p8,7)

Outro grupo selecionado foi o Traço Semântico do Antecedente. A terceira tabela ratifica, para os anos 80, os resultados encontrados em estudos anteriores (Omena, 1979; Duarte, 1986), ao apontar o antecedente proposicional ou oracional como aquele que mais favorece o uso da variante objeto nulo na fala popular carioca na década de 80, seguido pelo traço [- animado] do antecedente. O traço [+ animado] do antecedente seria aquele que menos favoreceria o uso do objeto nulo na década de 80. Vejamos a tabela 3:

Condicionamento	Amostra 80		Amostra 2000	
	Nº	P.R.	Nº	P.R.
[ + animado]	145/267	.41	91/176	.33
[ - animado ]	346/484	.53	379/516	.56
Proposicional / oracional	21/23	.87	30/39	.45

Tabela 3: objeto nulo e o Traço Semântico do Antecedente

Nos anos 80, temos um peso relativo de .87, apontando o favorecimento da variante objeto nulo quando o antecedente é proposicional ou oracional, seguido

pelo resultado de .53 quando o antecedente é marcado pelo traço [- animado] do antecedente, e, por último, teríamos o traço [+ animado] do antecedente que se configuraria ainda como um contexto de resistência ao uso do objeto nulo na década de 80.

A amostra 2000, entretanto, coloca o traço [- animado] na liderança do favorecimento do objeto nulo. O peso menor obtido para o objeto oracional se deve ao fato de, nesse contexto, concorrerem o objeto nulo e o uso de “isso”. A retomada de um objeto sentencial não constitui objetivo deste trabalho por não se configurar como uma questão polêmica, visto que o PE também aceita complementos oracionais nulos. Vamos levantar, então, em nossa tese, apenas o que de fato nos interessa que é o objeto direto anafórico que retoma um SN.

Observamos, na tabela 3, que a diferença entre os pesos relativos obtidos nos dois períodos analisados (o mais alto e o mais baixo) diminui, de .46, no primeiro momento para .23 em 2000, o que talvez possa indicar que a restrição ao uso de objeto nulo com antecedentes [+ animados] vai aos poucos enfraquecendo.

Outro fator selecionado foi a estrutura projetada pelo verbo, como podemos ver na tabela a seguir:

Condicionamento	Amostra Anos 80		Amostra 2000	
	%	P.R.	%	P.R.
1. OD (SN) / OD (S)	71	.55	73	.55
2. OD (SN) + Comp. Circunstacional / OD (SN) + OI (SN)	59	.43	66	.48
3. OD (SN) + OI (S) / OD (SN) + Predicativo / OD (SN) + S	56	.38	43	.23

Tabela 4: objeto nulo e estrutura projetada pelo verbo

Como houve knockouts (nenhuma ocorrência de algumas estruturas que esperávamos que ocorressem) durante a rodada, reunimos em (1) estruturas com

dois argumentos, em (2) estruturas com três argumentos simples e em (3) o que chamamos estruturas complexas: uma em que o objeto controla o sujeito da oração subordinada e tem sempre o traço (+ animado), como ‘obrigar alguém a alguma coisa’; e duas em que o elemento que recebe caso acusativo não é um **objeto**, mas o **sujeito** de **(a)** uma oração infinitiva/gerundiva, que funciona como complemento de um verbo causativo ou perceptivo (mandar, deixar, vir, observar) e **(b)** de uma minioração. Em ambos os contextos, o sujeito recebe caso acusativo do verbo da oração mais alta, já que o infinitivo não flexionado, o gerúndio e o predicativo não são atribuidores de caso, não podendo marcar com nominativo seu sujeito (veremos que no PB tanto podemos ter o “ele” acusativo como podemos ter o infinitivo flexionado). É exatamente por isso que dos três grupos ilustrados no quadro anterior, esse é o que tem o menor peso relativo (.38 na década de 80 e .23 em 2000), para o uso do objeto nulo, que é favorecido nas estruturas agrupadas em 1 na tabela acima. Os exemplos **(8)**, **(9)** e **(10)** ilustram esses grupos:

- (8)** Eu... eu costumo analisá bem *a pessoa*, quando conheço \_\_, observo \_\_, estou atento a tudo nos mínimos detalhes. (Dav42 – 2000, L4,P2)
- (9)** Eu faço minha *comida*, eu tenho também... às vezes eu, quando não tenho tempo, eu peço... eu pago uma pessoa para vim fazê \_\_ pra mim e tudo. (Jan03–80, L12, P6)
- (10)** Ah, porque a mãe da minha... a mãe da *minha colega* dexa **ela** viajá com catorze anos. (Eri59 – 2000, L8, P9)

O último grupo selecionado pelo Varbrul foi aquele em que o antecedente aparece como tópico estrutural ou aparece no discurso precedente conforme pode ser observado na tabela abaixo:

Condicionamento Topicalização	Amostra 80		Amostra 2000	
	Nº	P.R.	Nº	P.R.
Antecedente topicalizado	35/44	.70	66/82	.63
Antecedente não topicalizado	477/730	.49	434/649	.48

Tabela 5: objeto nulo e topicalização do antecedente

Na década de 80 a diferença de peso relativo entre o objeto nulo com antecedente topicalizado e não topicalizado é de .21. Esse peso diminui na amostra 2000 para .15, o que pode nos mostrar que o objeto nulo no PB também se implementa em contextos em que seu antecedente não precisa estar topicalizado. Observemos os exemplos **(11)** e **(12)** que ilustram esse grupo de fatores:

- (11)** Então o Lucas estuda o dia inteiro no São Bento, *o Mateus* o Lelei pega \_\_, meu marido pega \_\_ às quatro da tarde na escola. (Fat23 – 2000, L23, P1)
- (12)** Não é dando *o pexe* pra alimenta que você vai ajudá a pessoa. Você tem que dá o caniço pra que ela possa pescá \_\_. (Eve43 – 2000, L15,P2)

Foram apresentados, até aqui, os grupos de fatores selecionados pelo Varbrul como favorecedores da variante objeto nulo; analisamos tabelas que retratam os pesos relativos dos fatores selecionados e a distribuição das variantes pelos fatores que favorecem o uso da variante tomada como valor de aplicação na rodada.

Contudo, é interessante apresentar os resultados de alguns grupos de fatores que não foram selecionados pelo programa computacional com o qual trabalhamos, pois suas exclusões nas rodadas também puderam indicar resultados bastante interessantes para o fenômeno estudado.

O primeiro grupo de fatores descartado que vamos observar é o Tipo Sintático da Oração. Vejamos a tabela a seguir:

Condicionamento	Amostra Anos 80			Amostra 2000		
Tipo Sintático da Oração	Nº	%	P.R.	Nº	%	P.R.
Adjunta	74 /109	68	.48	71/98	72	.57
Raiz	378/572	66	.51	363/524	69	.49
Completiva	50/77	65	.49	51/84	61	.42
Relativa	10/16	63	.52	15/25	60	.65
Total	512/774			500/731		

Tabela 6: objeto nulo e tipo sintático da oração em dois períodos.

Como podemos ver, através dos percentuais expressos na tabela acima, há uma distribuição bastante equilibrada do objeto nulo em todos os tipos sintáticos analisados nos dois momentos estudados, o que explica a não seleção desse grupo. De acordo com os números dos Pesos Relativos ilustrados nessa tabela, .52 na década de 80 e .65 na de 90, o tipo sintático que mais favorece a variante objeto nulo seria a Oração Relativa. Naturalmente, o grupo não foi selecionado porque praticamente não há diferença entre eles e é justamente essa distribuição homogênea dos percentuais que sugere que na fala popular carioca não há qualquer restrição ao uso do objeto nulo em estruturas que formam as chamadas “ilhas sintáticas”, ao contrário do que Raposo (1986) aponta para o português europeu, conforme veremos mais acuradamente em seção subsequente. Assim, a não seleção do tipo sintático da oração é importante.

Outro aspecto que analisamos em nossa dissertação e que pretendemos retomar mais detidamente em nossa tese é o grupo de fatores a que nos referimos como “Especificidade do Antecedente”. Esse grupo considera a presença / ausência de determinantes e o uso do singular para nomes contáveis. Trabalhamos com esse grupo de fatores com o intuito de verificar se a ocorrência de objetos nulos com antecedentes não-contáveis e contáveis no singular sem um determinante (artigo, quantificador, etc) no PB seria um elemento favorecedor desse uso e se, ao mesmo tempo, caracterizaria um diferencial em relação ao PE, no qual esses SNs contáveis no singular não ocorreriam (Cf. o SN “carta de colega” no exemplo (5), repetido abaixo como (13)).

- (13) A garota não sabe sequer ler, recebe carta de colega, a mãe tem que lê \_\_\_ pra ela. (San39 – 80, L37, P12)
- (14) A minha neta diz: “ Vó, arranja *carambola* pra fazê aquele doce que fica com estrelinha.” Eu falei: “Eu não tenho \_\_\_\_.” (Nad36 – 2000, L4, P10).
- (15) Cidade pequena não tá conseguindo mesmo, tá difícil mesmo. Tem que dá uma sorte assim... e sorte... e contá com a sorte, minha filha, ninguém tá podendo, né? Vô ficá contando com a sorte que eu vô ganhá na loteria, vô ficá ... *Sorte* é uma coisa que pinta. Se pintô, tem que agarrá \_\_\_\_ mermo.(Eri59 – 2000, L28, P11).

A tabela a seguir ilustra esse grupo de fatores com que trabalhamos em nossa dissertação:

Condicionamento	Amostra Anos 80			Amostra 2000		
	Nº	%	P.R.	Nº	%	P.R.
Nome Contável no Singular Sem Determinante	60/86	70	.56	53/74	72	.52
Nome não Contável Sem Determinante	18/21	86	.75	3/11	27	.51
Nome Com Determinante	434/667	65	.48	444/646	69	.51

Tabela 7: objeto nulo e especificidade do antecedente

Em termos percentuais e relativos, notamos que nossa hipótese se confirmou: a preferência pelo objeto nulo com antecedentes não contáveis no singular sem determinante é maior do que com determinante. Pretendemos, como dito anteriormente, observar mais atentamente esse grupo de fatores. Nossa intenção é investigar detidamente a estrutura do antecedente do objeto direto anafórico na fala do PE e do PB a fim de verificar sua influência no uso do objeto nulo nas duas línguas. Para atingir nossos objetivos, trabalharemos novamente com pressupostos teóricos oriundos da união do modelo de mudança de W, L & H (2006 [1968]) com uma teoria linguística que procura observar a variação entre línguas, a partir dos trabalhos realizados entre nós por Tarallo e Kato (2001).

- **Outros estudos feitos em diversas regiões do Brasil**

Inúmeras outras pesquisas realizadas em diferentes regiões do país analisaram também o objeto direto anafórico. Os resultados confirmam que o clítico acusativo de 3ª pessoa já não faz parte do português L1, sendo “aprendido” no processo de escolarização e, pelo visto, sendo de uso muitíssimo restrito na fala espontânea desses escolarizados. Sua “recuperação” se faz notar apenas na escrita.

Como podemos ver, nas tabelas 8 e 9 a seguir, não há sequer uma ocorrência de clítico na fala dos analfabetos retratada na tabela 8, e, na fala de grupos com diferentes níveis de escolaridade, representada na tabela 9, os percentuais de ocorrência de clítico não passam de 5%. O objeto nulo, por outro lado, representado na penúltima linha de cada quadro, é a estratégia mais frequente em todos os estudos.

<b>Pesquisas</b>	<b>OMENA 1979 – RJ</b>	<b>PARÁ 1997 – RJ</b>	<b>F. SILVA 2004 – BA</b>
Instrução	Analfabetos	Analfabetos	Analfabetos
Clítico	0%	0%	0%
Pronome	24%	14%	12%
SN	---	24%	16%
Objeto Nulo	76%	63%	72%
Total	100%	100%	100%

Tabela 8: Realizações do objeto direto anafórico em pesquisas sobre língua oral com falantes analfabetos

<b>Pesquisas</b>	<b>DUARTE 1986 – SP</b>	<b>MALVAR 1992 – DF</b>	<b>LUÍZE 1997 – SC</b>	<b>AVERBUG 1998 – RJ</b>	<b>FREIRE 2000 – RJ</b>	<b>BALTOR 2003 – PB</b>	<b>MARAFONI 2004 – RJ</b>
Instrução	3 níveis	2 níveis	3 níveis	3 níveis	NURC	2 níveis	3 níveis
Clítico	5%	1%	1%	1%	35	4%	0,7%
Pronome	15%	25%	9%	15%	4%	28%	13%
SN	17%	28%	36%	41%	34%	22%	19%
Obj. Nulo	63%	46%	54%	43%	59%	46%	67,3%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Tabela 9: Realizações do objeto direto anafórico em pesquisas sobre língua oral com falantes escolarizados.

Através da análise das tabelas anteriores, percebemos que a forma considerada padrão é a menos utilizada em todos os estudos ilustrados acima, ao passo que a mais usada é o objeto nulo. Examinando a tabela 8, vemos que, de fato, o clítico está absolutamente ausente da fala dos analfabetos. O estudo de Pará (1997), centrado na fala de pescadores do Norte Fluminense e o de Figueiredo Silva (2004), uma pesquisa feita com base na fala de quatro comunidades da Bahia, que viveram em relativo isolamento, apresentam resultados semelhantes aos de Omena

(1979). Figueiredo Silva busca descrever o português rural afro-brasileiro, no intuito de encontrar vestígios de uma criouliização prévia no que se refere à realização do objeto direto anafórico a partir das diferenças existentes entre o PB e o PE. Essa pesquisa mostra-se interessante para o presente estudo, pois os resultados encontrados pela pesquisadora nessas comunidades que vivem em relativo isolamento mostram-se bastante similares aos descritos pelos outros pesquisadores em diversos pontos do país. A variante mais utilizada por seus informantes também é o objeto nulo, com 72% - resultado bastante próximo aos 76% encontrado por Omena (1979) em seu estudo com mobralenses, como aludimos anteriormente.

Quanto à tabela 9, observamos que, na maioria das pesquisas, a expressão da variável objeto direto anafórico através de um objeto nulo supera a realização das outras variantes, inclusive, podemos contrapô-lo à soma das demais variantes, fazendo uma oposição entre a forma zero *versus* as formas plenas (clítico acusativo, pronome lexical e SN anafórico). Todavia, três das pesquisas retratadas na tabela anterior nos impedem de fazer essa oposição entre objetos diretos anafóricos representados de forma preenchida e de forma nula, pois nesses estudos, especialmente em Averbug (1998) vislumbra-se o aumento do SN anafórico, que já concorre de perto com o objeto nulo, situação já prevista em Duarte (1986,1989) quando retrata a fala proveniente de gravações de entrevistas televisivas, embora naquele estudo tenhamos uma fala mais formal.

- **Freire (2000): estudo comparativo da fala brasileira e lusitana**

O pesquisador estuda o emprego dos clíticos de terceira pessoa nas funções

acusativa, dativa e reflexiva, com base na fala de brasileiros e portugueses com nível universitário. Mostraremos alguns dos resultados encontrados por Freire para a realização do objeto direto anafórico. A seguir, reproduzimos uma tabela extraída de Freire (2000) na qual ele apresenta a distribuição dos dados segundo a variante usada.

Variante	Clítico		Pron. Lexical		SN Anafórico		Objeto Nulo		Total	
	N <sup>o</sup>	%	N <sup>o</sup>	%	N <sup>o</sup>	%	N <sup>o</sup>	%	N <sup>o</sup>	%
PB	4	3	5	4	40	34	68	<b>59</b>	117	100
PE	48	<b>44</b>	–	–	27	25	34	31	109	100

Tabela 10: Distribuição das variantes na modalidade falada em PB e em PE.

De acordo com os resultados encontrados em Freire (2000), os índices relevantes de ocorrência das variantes objeto nulo (59%) e SN anafórico (34%) no PB sinalizariam que a realização do objeto direto anafórico estaria se resolvendo em direção à implementação dessas duas variantes, já que parecem não ser estigmatizadas pelos falantes universitários, ao contrário do que acontece com a forma pronome lexical, cujo baixo índice de ocorrência (4%) estaria relacionado à pressão normativa durante o processo de escolarização e certamente ao contato com a leitura. O baixo índice de realização do clítico em PB (3%) confirma sua tendência ao desaparecimento em decorrência do fato de a variante normativa já não mais fazer parte dos dados presentes durante o processo de aquisição de L1 pelo falante, sendo aprendida via escolarização (e, pelo visto, ficando produtiva apenas na escrita), conforme comprovaram os estudos de Corrêa (1991) com dados de fala e escrita em PB (cf.1.1.2) e os de Averbug (2000) com dados de escrita de estudantes em PB (cf. 1.1.3).

Em relação à análise dos dados extraídos do PE, Freire (2000) nos mostra que, conforme o esperado, o clítico acusativo apresenta o maior índice de ocorrência (44%) e que não houve um só caso de pronome lexical nos dados analisados. O pesquisador destaca que, apesar do que muitos pensam, entretanto, as variantes objeto nulo e SN anafórico não ocorrem apenas no PB e apresentam respectivamente 31% e 25% do total das ocorrências de objeto direto anafórico encontradas em PE. Esses números mostram-se bastante relevantes, visto que, somados, ultrapassam o percentual de uso do Clítico Acusativo; precisam, pois, ser mais explorados, merecendo uma análise mais refinada que pretendemos concretizar no presente estudo, olhando mais detidamente o comportamento do antecedente do objeto anafórico nas duas línguas, além do tipo de estrutura em que ocorre essa estratégia.

#### **1.1.1.1 Uma pesquisa sobre a aquisição do objeto anafórico por crianças brasileiras**

Averbug (2008) faz um estudo empírico da realização do objeto, pautado na produção de três crianças em fase de aquisição do PB como L1. Sua pesquisa parte da análise de gravações realizadas com as crianças em interação com pais, mediadores e irmãos e busca verificar o comportamento desses indivíduos em relação ao fenômeno estudado. A pesquisadora nos mostra que os objetos anafóricos nulos representam grande parte dos dados, especialmente quando o antecedente é [- animado; + específico] e proposicional seguidos de DPs. Por outro lado, o uso de pronome nominativo é apontado como inexpressivo e, conforme podíamos imaginar, não há sequer uma ocorrência do clítico acusativo de 3ª pessoa, o que mais uma vez, evidencia o fato de essa variante não fazer mais parte da

gramática interna do falante nativo do PB. Sua realização rarefeita (conforme já visto) na fala popular ou culta é reflexo não de aquisição, mas de um pouco de retenção do que surgiu via aprendizagem através da interferência escolar.

Nessa seção, fizemos uma retomada dos principais resultados encontrados em pesquisas sincrônicas a respeito da realização do objeto direto anafórico na modalidade falada da língua portuguesa, mostrando suas contribuições para o presente estudo. Os resultados dessas pesquisas nos dizem que o clítico acusativo não se configura mais como estratégia de realização do objeto direto anafórico na fala brasileira, tendo em vista seu percentual reduzidíssimo de ocorrência, o que nos confirma que essa estrutura entra na língua via aprendizado escolar, não fazendo mais parte, portanto, da aquisição linguística do brasileiro. O pronome lexical é uma realidade da fala brasileira, concretizando-se especialmente naqueles contextos em que exerce “dupla função”, e, tendo sua ocorrência controlada com o aumento progressivo de escolaridade, mas ainda assim resistindo nesses contextos. O SN anafórico configura-se como uma estratégia que vem crescendo o longo do tempo e que, por não ser estigmatizada como o pronome lexical, tem um índice de realização superior a esse. O objeto nulo é de fato a estratégia preferida pelo brasileiro, ocorrendo na fala de informantes dos mais variados graus de escolaridade. É um componente da gramática do português brasileiro; é a estratégia que, de fato, é usada pelo brasileiro quando ele usa um objeto direto anafórico. Tomou o lugar que a gramática normativa concede aos clíticos. E sem dúvida um antecedente [- animado] e exercendo função sintática de objeto direto favorecem esse tipo de estrutura.

A seguir, apresentaremos alguns dos resultados encontrados na pesquisa realizada por Corrêa (1991), que aborda o objeto direto anafórico através de um confronto entre as modalidades falada e escrita da língua portuguesa no Brasil.

### 1.1.2 Da fala para a escrita

Corrêa (1991) estuda o comportamento do objeto anafórico em um estudo sincrônico com base em um *corpus* constituído de textos orais e escritos produzidos por 40 alunos do Ensino Fundamental, cinco para cada uma das oito séries que o compõem. Trabalha ainda com fala e escrita de cinco universitários e também com a fala de adultos analfabetos. Com base na análise dos dados extraídos do material produzido por esses falantes, Corrêa (1991) pôde observar a influência da escolarização sobre a variável estudada, revelando se a escola contribui ou não para a manutenção e para a recuperação do clítico acusativo em PB. A seguir, analisaremos os resultados retratados pela pesquisadora nas tabelas 11 e 12:

Tipo De Objeto	Adultos analfabetos	Série					Total
		1 <sup>a</sup> /2 <sup>a</sup>	3 <sup>a</sup> /4 <sup>a</sup>	5 <sup>a</sup> /6 <sup>a</sup>	7 <sup>a</sup> /8 <sup>a</sup>	Universitários	
Objeto Nulo	66,6	72,4	77,7	71,2	71,1	67,8	72,0
Pron. Lexical	25,6	24,1	8,6	19,1	20,1	7,1	18,2
SN Anafórico	7,6	3,4	13,6	7,4	7,6	14,2	8,3
Clítico				2,1	0,9	10,7	1,3

Tabela 11 Ocorrência de objeto direto anafórico em textos orais (%).

<b>Tipo De Objeto</b>	<b>Série</b>					<b>Total</b>
	1 <sup>a</sup> / 2 <sup>a</sup>	3 <sup>a</sup> / 4 <sup>a</sup>	5 <sup>a</sup> / 6 <sup>a</sup>	7 <sup>a</sup> / 8 <sup>a</sup>	Universitários	
Objeto Nulo	57,5	65,6	52,3	53,5	9,5	51,4
Pron. Lexical	7,5	6,2	15,3	10,7	—	9,8
SN Anafórico	35,0	18,7	13,8	5,3	4,7	15,4
Clítico	—	9,3	18,4	10,3	85,7	23,3

Tabela 12 Ocorrência de objeto direto anafórico em textos escritos (%).

Ao observarmos os percentuais de ocorrência do clítico acusativo, percebemos que ele chega aos falantes por meio da escolarização, visto que sua presença na escrita dos indivíduos analisados acontece, pela primeira vez, na 3<sup>a</sup> / 4<sup>a</sup> séries e na fala somente a partir da 5<sup>a</sup> / 6<sup>a</sup> séries, o que ratifica a hipótese de que a variante normativa já não faz mais parte do *input* que leve à aquisição de L1 no PB, ao contrário do que ocorre em Portugal. A atuação da escola na manutenção e na recuperação do clítico pode ser observada através do alto percentual de ocorrência que essa variante atinge com o aumento da escolaridade, passando de 9,3 % nas 3<sup>a</sup> / 4<sup>a</sup> séries para 85,7 % na escrita universitária. Essa atuação da escola também pode ser vislumbrada no seu combate à variante pronome lexical, pois, se já há uma diminuição em sua ocorrência na fala com o aumento do nível de escolaridade (de 25,6 % na fala de adultos analfabetos passa para 7,1% na fala de universitários), na escrita, percebemos uma atuação ainda mais efetiva da escola, visto que o uso do pronome nominativo em função acusativa é inibido a ponto de não aparecer sequer um dado em nível universitário. O objeto nulo mostra-se como a estratégia mais estável, sendo a preferida tanto na fala quanto na escrita, a única exceção ocorre em textos escritos por universitários, pois seu percentual é de 9,5 %, deixando o primeiro lugar para o clítico acusativo (85,7%).

Corrêa defende ainda que o objeto nulo em PB é uma categoria vazia com valor pronominal – *pro*, pois, ao contrário do que ocorre em Portugal, o objeto nulo no Brasil se realiza sem restrições tanto em completivas nominais, quanto em adverbiais e até em relativas, ao passo que em PE, como nos mostra Raposo (1986), a realização do objeto direto anafórico sofre restrições de ilhas.

A seguir, veremos as contribuições do estudo de Averbug (2000), que aborda as formas de realização do objeto direto anafórico na escrita de estudantes dos ensinos fundamental, médio e universitário.

### **1.1.3 A língua escrita**

#### **PB – A escrita escolar**

- **Averbug (2000): pesquisa sobre a realização do objeto direto anafórico em redações escolares**

Inspirada pelo trabalho de Corrêa (1991), Averbug (2000) estudou a variável objeto direto anafórico em textos escritos por estudantes dos ensinos fundamental e médio com o objetivo de verificar o papel da escola na recuperação do clítico acusativo, variante que, de acordo com resultados de pesquisas anteriores, tende ao desaparecimento, constituindo-se em um verdadeiro “fóssil” linguístico, conforme nos diz Kato (1994).

Apresentaremos a seguir os resultados encontrados por Averbug (2000) para a realização da variável estudada segundo o nível de escolaridade e, após a análise desses resultados, mostraremos a influência da escola na manutenção e na recuperação da variante considerada culta. A pesquisa foi feita com base em

redações em que os informantes recontavam, por escrito, uma história lida pela pesquisadora, contendo as quatro estratégias em pauta.

Tipo de <b>Objeto</b>	<b>Série</b>					<b>Total</b>
	Alfabetização	4 <sup>a</sup>	8 <sup>a</sup>	Ensino Médio	Universitários	
Objeto Nulo	<b>49</b>	45	33	36	23	35
Pron. Lexical	<b>19</b>	15	13	6	--	23
SN Anafórico	<b>30</b>	<b>34</b>	<b>31</b>	<b>30</b>	<b>37</b>	<b>33</b>
Clítico	2	6	23	28	<b>40</b>	9

Tabela 12: Ocorrência de objeto direto anafórico segundo o nível de escolaridade (%).

Através da análise dos resultados encontrados no estudo de Averbug (2000) ilustrados na tabela acima, percebemos que o número de ocorrências do clítico acusativo aumenta conforme o nível de escolaridade cresce, revelando que a escola é a responsável pelo aprendizado da variante de prestígio, o que confirma a hipótese de que os falantes não a adquirem no processo de aquisição de L1. Notemos que, com a intervenção da escola, o índice de clíticos alcança 40% para escrita, o mesmo que Freire (2000) encontrou para a fala culta portuguesa. Outra variante que demonstra a influência da escola no processo de implementação da variável estudada é o pronome lexical, pois sua ocorrência diminui proporcionalmente ao aumento do grau de instrução dos indivíduos, passando de 19% na alfabetização para 6% no ensino médio e a nenhuma ocorrência no ensino superior, revelando o sucesso da escola na inibição dessa variante considerada estigmatizada por muitos falantes. A variante objeto nulo é a preferida pelos informantes desde a alfabetização até a 3<sup>a</sup> série do ensino médio; apenas na escrita universitária é que passa a ser a variante menos utilizada com 23% das ocorrências,

perdendo o posto para o clítico acusativo (40%) e para o SN anafórico (37%). O uso do SN anafórico é regular ao longo do percurso dos alunos, situando-se em torno de 30%.

Em sua dissertação, Averbug (2000) aponta o traço semântico do antecedente, a transitividade verbal, a estrutura do predador e a escolaridade como os fatores mais relevantes na implementação da variável objeto nulo na escrita em PB. O traço [+/- animado] do antecedente é um dos fatores mais significativos para a ocorrência do objeto nulo. Os resultados de Averbug (2000) apontam a maior incidência dessa variante quando o traço semântico do antecedente é neutro – oracional – (84%), seguido pelo antecedente [- animado] (45% do total de dados encontrados), esses números confirmam os resultados apontados em pesquisas anteriores como Omena (1979) e Duarte (1986, 1989) segundo as quais os antecedentes [+oracional] e o [- animado] favoreceriam o uso do objeto nulo. Averbug (2000) destaca a incidência dessa variante com antecedente [+ animado], pois, segundo a pesquisadora, ainda que o percentual seja pequeno, já demonstra um avanço do objeto nulo em um dos contextos de maior resistência a ele. Quanto à transitividade verbal, os resultados apontam a estrutura simples com traço [neutro], cujo antecedente é oracional (84%) como aquela que favorece o uso do objeto nulo. Todavia, se o traço é [- animado], o SN anafórico concorre com o objeto nulo apresentando 54% e aquele, 44%. Como vimos na análise da tabela anterior, a variante objeto nulo é a mais usada desde a alfabetização até a 3<sup>a</sup> série do ensino médio, perdendo seu posto de preferida apenas no ensino superior, quando é substituída pela variante de prestígio.

A dissertação de Averbug (2000) mostra-se como um estudo interessante, visto que ratifica vários dos resultados encontrados em pesquisas anteriores,

particularmente os de Corrêa (1991), além de nos mostrar a evolução crescente da variante SN anafórico e a expansão dos domínios contextuais do objeto nulo.

Adiante, traremos à baila alguns resultados encontrados na pesquisa sincrônica realizada por Cyrino (2000), abordando o fenômeno estudado na modalidade escrita em PB e PE e, em seguida, mostraremos também os resultados de Freire (2005), que compara o comportamento das duas línguas na escrita.

### **PB e PE:**

- **Cyrino (2000): estudo comparativo do PB e do PE em textos publicitários**

Cyrino (2000) compara o comportamento da variante objeto nulo no Português do Brasil e no Português de Portugal, utilizando como *corpus* anúncios extraídos de revistas de grande circulação, como VEJA, CLÁUDIA, DOMINGO e VEJA RIO no Brasil, e VISÃO, QUO, ADOLESCENTES e PAIS & FILHOS em Portugal. A pesquisadora observa grande diferença no número de ocorrências de objeto nulo entre o PB e o PE. Nas revistas brasileiras, 76% do total de objetos diretos anafóricos encontrados são nulos, ao passo que, em revistas lusitanas, esse número é reduzido para apenas 3% do total, o que equivale a apenas uma ocorrência num total de 34 dados extraídos das revistas portuguesas. A seguir, reproduzimos esse único dado de objeto nulo encontrado em PE:

- (16)** Preencha *seus dados*, cole o cupão num postal dos CTT e envie \_\_\_ para a promoção QUO/NIVEA FOR MEN, Rua Filipe Folque 40 – 2º, 1069-124 Lisboa.(PE)

Cyrino frisa que esse único caso de objeto nulo encontrado na escrita lusitana acontece quando temos o uso do imperativo. Esse fato chama a atenção, pois se trata, segundo Kato (apud Cyrino 2000), de um contexto de comando, com o verbo no imperativo, sendo frequente a ocorrência de objetos nulos em tais contextos mesmo no inglês, língua que não aceita livremente o objeto nulo.

(17) Send \_\_\_ by mail.

Cyrino segue seu artigo nos mostrando que em PE, mesmo quando temos o uso do imperativo, ocorre também o preenchimento da posição de objeto, o que não ocorreria em PB. O exemplo a seguir ilustra essa afirmação.

(18) Muitos dentifrícios protegem contra as bactérias, mas está clinicamente provado que só *Colgate Total* protege contra as bactérias abaixo da linha da gengiva. Pensamos que lhe dá a proteção mais completa. Experimente-o. (PE)

Outra observação feita por Cyrino (2000) foi a de que não houve ocorrência de objeto nulo em orações coordenadas em PE, salvo aquela com imperativo. Já em PB essa variante ocorre nesse contexto, como demonstra através do exemplo a seguir:

(19) No dia dos Namorados, Baileys começa *a história*. A sua imaginação termina \_\_\_\_.  
(PB)

A pesquisadora observa ainda a animacidade do antecedente e encontra, no PB, 24 antecedentes [- animados], dos quais 19 são objetos nulos; os 5 restantes realizam-se como clítico acusativo (2 ocorrências); como SN anafórico (1 retomada de SN idêntico e 2 retomadas por pronome demonstrativo). Sua pesquisa ainda nos mostra que ocorreu apenas um caso com um objeto anafórico cujo antecedente era [+ animado] e a variante usada aqui não foi o objeto nulo, mas o Clítico, ratificando a preferência desse por antecedentes [+ animados] no PB. No PE a animacidade do antecedente nos traz resultados opostos aos encontrados para o PB, pois de 21 antecedentes [-animados], apenas um deles era objeto nulo – o exemplo com o imperativo. Já os dados com referência [+ animada] são todos preenchidos com o clítico acusativo.

Os resultados de Cyrino (2000), para a realização do objeto nulo em PB, confirmam a implementação do objeto nulo num gênero da escrita e, além disso, ratificam também a preferência pela sua ocorrência com o antecedente é [-animado], condicionamento já mencionado em Omena (1979) em sua pesquisa com a fala de mobralenses e confirmado em todos os estudos subsequentes.

- **Freire (2005): estudo comparativo dos clíticos acusativo e dativo na escrita do PB e do PE**

Freire (2005) coteja a escrita nas duas línguas no que tange à realização dos clíticos acusativo e dativo anafóricos. Voltaremos nossa atenção apenas para o primeiro caso, que é o nosso atual interesse. A tabela abaixo mostra os resultados encontrados pelo pesquisador:

Variedades	Clítico		Pron. Lexical		SN anafórico		Objeto nulo	
<b>PB</b>	189/406	47%	32/406	8%	58/406	14%	127/406	31%
<b>PE</b>	282/366	77%	--	–	40/366	11%	44/366	12%

Tabela 13: Distribuição das variantes segundo a variedade (Língua Escrita)

Os resultados acima mostram que o clítico é a estratégia mais usada na modalidade escrita tanto de PE quanto de PB. No entanto, ocorre em 77% dos dados lusitanos, constituindo-se como a estratégia efetivamente mais usada em PE, ao passo que em PB alcança o índice de 47%, bem próximo ao da fala lusitana apontado por Freire (2000). Assim, apesar de configurar como a estratégia mais usada, na escrita, pelos brasileiros, se somarmos os percentuais das outras variantes, veremos uma diferença de apenas 6% entre elas e o clítico. Logo, vemos que estratégias como objeto nulo e SN anafórico já ocorrem naturalmente na escrita do PB como estratégias alternativas ao clítico.

A seguir, mostraremos as contribuições de um estudo diacrônico para a evolução das pesquisas sobre a variável objeto direto anafórico.

## 1.2 A perspectiva diacrônica de Cyrino - o processo de perda do clítico

Nesta seção apresentaremos as contribuições do estudo de Cyrino (1993), em que ela retoma vários de seus trabalhos, investigando a mudança por que passa a marcação do Parâmetro do Objeto Nulo no PB. A pesquisadora investiga a variante objeto nulo com base em dois *corpora*: um composto por peças teatrais populares, escritas entre os séculos XVIII e XX; e o outro, por modinhas, comédias e poesias satíricas de autores populares do século XVI e XVII. O estudo de Cyrino (1993) utiliza a quantificação de dados com o intuito de comprovar, através dos resultados obtidos, a hipótese de que uma mudança na marcação do parâmetro

levaria a outras mudanças. A pesquisadora observa através de sua análise diacrônica, que o aumento no número de ocorrências de objeto nulo (de 14,2% para 81,1%) acontece paralelamente **(a)** à diminuição do índice de ocorrência do clítico acusativo de 3ª pessoa (34,8% para 4%); **(b)** ao surgimento do pronome nominativo em função acusativa a partir do século XIX; e **(c)** à mudança da colocação pronominal em geral. Devemos ainda a Cyrino (1993) o percurso da implementação do objeto nulo a partir do antecedente oracional/predicativo, estruturas em que essa variante já se encontrava a variação com o Clítico no século XVI.

Segundo a pesquisadora, essa estrutura foi a primeira a apresentar um aumento relevante de ocorrência na passagem do século XVII para o século XVIII, aumentando seu percentual de 17,9 % para 46,3 % e atingindo até 90 % no século XX. A próxima estrutura atingida seria o objeto nulo com antecedente SN [- animado], que chega a 88,3% no século XX. Os antecedentes com o traço [+ animado/+ humano] apresentam maior resistência ao objeto nulo, alcançando 14,3% no último período analisado. Observa-se, nessas restrições estruturais, a atuação da hierarquia de referencialidade proposta por Cyrino, Duarte e Kato (2000). Num processo de apagamento dos pronomes, os primeiros itens a se tornar nulos são os menos referenciais e os mais resistentes são os mais referenciais, enquanto num processo de realização fonética, a mudança começa pelos itens mais referenciais. Esses são os resultados do comportamento da variável objeto direto anafórico ao longo dos séculos estudados por Cyrino (1993,1997), com base em dados extraídos de peças de teatro, sob uma perspectiva gerativista.

### **1.3 O processamento do objeto direto anafórico no âmbito da psicolinguística experimental**

Conforme podemos observar, o estudo do objeto direto tem suscitado pesquisas à luz de perspectivas teóricas bastante diversificadas. Já vimos o percurso do interesse nesse fenômeno no que tange às pesquisas gerativistas como a que acabamos de ver, ou no que diz respeito a estudos variacionistas, seja centrados na fala, na escrita ou em ambas as modalidades, seja do ponto de vista diacrônico (tanto em tempo real, como a pesquisa de Cyrino, quanto em tempo aparente, como a de Marafoni) seja do ponto de vista sincrônico. Neste subitem, descreveremos brevemente dois estudos do objeto direto anafórico centrados na psicolinguística experimental.

- **O processamento do objeto anafórico no PB**

Em 1997, o professor Marcus Maia publica um artigo denominado “The processing of object anaphora in Brazilian Portuguese”, no qual mostra os resultados de seu estudo sobre o processamento psicolinguístico do objeto anafórico. Partindo de testes feitos com 48 estudantes universitários e graduados brasileiros, o pesquisador compara a velocidades do processamento de objetos anafóricos sob a forma de pronomes lexicais e de objetos nulos, em PB, estando o antecedente em posição A-barrado (não argumental) ou A (argumental).

Seu estudo comprova maior velocidade de compreensão do objeto direto anafórico quando seu antecedente está em posição de tópico (A') – não argumental, evidenciando assim a tendência do PB para a língua de tópico. Segundo o pesquisador, antecedentes em posição-A levam à preferência por elementos

anafóricos expressos, ao passo que os que estão em posição-A' favorecem a “retomada” por uma categoria vazia, interpretada apenas na forma lógica.

Seu estudo é bastante interessante por já mostrar a ocorrência do objeto nulo nos dois tipos de posição e apontar a predominância dessa estrutura com o antecedente em função não argumental, mais precisamente em posição de tópico, característica evidenciada em outros estudos.

Abaixo vemos outro estudo psicolinguístico tomando também como ponto de partida o fenômeno do objeto anafórico.

- **O processamento do objeto anafórico em estruturas coordenadas do PB**

Em 2005, o pesquisador Márcio Martins Leitão defendeu sua tese, orientada justamente por Marcus Maia, em que buscava “ampliar a compreensão da arquitetura do sistema de processamento do objeto direto anafórico em estruturas coordenadas do Português Brasileiro” (p. 31). Através da construção e da aplicação de cinco experimentos psicolinguísticos e do uso de variadas técnicas experimentais, ele nos mostra que objetos nulos e/ ou pronomes lexicais seriam capazes de reativar seus respectivos antecedentes e que esses seriam processados mais rapidamente do que SNs anafóricos, e que SNs mais gerais seriam processados mais facilmente que SNs mais específicos, o que nos faz lembrar a hierarquia de referencialidade já apontada nos estudos de Omena (1979) em que vimos que o objeto nulo avança inicialmente em contextos em que seu antecedente é [- específico] ou proposicional.

Em sua pesquisa, Leitão (2005: 138) também nos diz que, a partir de seus resultados experimentais, foi possível sugerir que “fatores como animacidade e

paralelismo estrutural desempenhariam um papel significativo principalmente no que diz respeito ao processamento da correferência pronominal”, o que, mais uma vez, vem ratificar estudos anteriormente descritos. Ainda segundo o pesquisador, esses dois fatores investigados, por meio de julgamentos de compatibilidade semântica ou através de aferição de tempos de leitura, poderiam sugerir a existência de interação convergente entre eles.

## **Pressupostos teóricos: a interpretação do objeto nulo no português**

As perspectivas de análise desta tese inserem-se na Teoria Linguística de Princípios e Parâmetros, de cunho gerativista, e no Modelo de Mudança de Weinreich, Labov & Herzog (2006 [1968]) conforme anunciado na introdução desse trabalho. Nas seções subsequentes, abordaremos o Modelo de Mudança e a Teoria Linguística com que trabalhamos.

### **2.1 O modelo de mudança apresentado por W, L & H (2006[1968])**

Em seu clássico texto de 1968, traduzido para o português por Bagno (2006), W, L & H propõem um modelo empírico de análise de variações linguísticas. A Sociolinguística Variacionista nos diz que toda mudança é precedida de um período de variação, em que há uma “competição” entre, pelo menos, duas variantes para a realização de uma variável. No caso de nossa variável, conforme já mencionado, trabalhamos com quatro variantes para representar o objeto direto anafórico: o clítico acusativo, o pronome lexical, o SN anafórico e o objeto nulo. Vimos também que

diversas pesquisas nos mostram que o clítico acusativo é, na realidade, uma variante praticamente em extinção no Brasil, sendo, inclusive, apontada como a menos utilizada na modalidade falada do PB (seja na fala popular, seja na fala culta – Omena (1979), Pará (1997) e Figueiredo Silva (2004) 0%; Duarte (1986) 5%; Malvar (1992), Luíze (1997) e Averbug (1998) 1%; Freire (2000) 3%, Baltor (2003) 4% e Marafoni (2004) 0,7%. Essas quatro variantes se encontram em competição no sistema do PB, embora já se possa afirmar que o objeto nulo é a opção não marcada em termos de frequência. A julgar pelos baixíssimos percentuais de clíticos na fala brasileira, essa forma já não faz parte dos dados da aquisição, sendo “aprendida” via escolarização, fato comprovado pelos estudos de Corrêa (1991) e Averbug (2000), vistos no capítulo anterior. Percebe-se, portanto, que o clítico acusativo de terceira pessoa está claramente em desvantagem na competição com as outras três estratégias: o objeto nulo, o SN anafórico e o pronome lexical cujo número de ocorrência não é tão alto, mas é notado pela saliência fônica e pela pressão normativa.

W, L & H (2006 [1968]) afirmam que a mudança linguística é um fato indiscutível que ocorre em todas as línguas naturais, e que, apesar disso ser comprovado por diversos estudos científicos, compreender as origens da mudança linguística e o modo como ela se processa configura tarefa árdua para a descrição de toda língua, pois, segundo os linguistas, esse processo de mudança linguística é muitas vezes brusco, não segue uma lógica aparente, tornando-se imprevisível, uma vez que trabalhamos com dados aparentemente caóticos, por trás dos quais, contudo há uma regularidade que pode conferir uma certa organização a esses fenômenos “imprevisíveis”.

Segundo os autores, uma teoria que tenha por função a observação do comportamento de qualquer mudança linguística deveria determinar os cinco problemas centrais relacionados à explicação dessas mudanças: os condicionamentos, a transição, o encaixamento, a avaliação e a implementação da mudança.

Desses cinco problemas, os trabalhos citados no primeiro capítulo abordaram **(a)** a análise dos condicionamentos linguísticos e extralinguísticos que restringem o uso de cada variante; **(b)** a noção de encaixamento que retrata os efeitos colaterais de toda mudança linguística, mostrando-nos de que maneira a mudança está ligada e como interfere em outros fenômenos linguísticos, e, **(c)** a noção de implementação linguística, que ilustra os caminhos que as variantes percorrem no sistema linguístico em que se processa a mudança.

Na realização do objeto direto anafórico inúmeras pesquisas vêm mostrando que o português do Brasil, ao contrário das demais línguas românicas, está, ao que tudo indica, mudando sua marcação, indo em direção ao objeto nulo. Além do mais, essa estrutura, no PB, ocorre em qualquer ambiente sintático sem restrições, o que fortalece a hipótese de que o PB já é uma língua positivamente marcada em relação ao objeto nulo, pois assim como uma língua de sujeito nulo prefere o sujeito nulo e aceita opcionalmente o sujeito expresso (naqueles contextos em que há necessidade de ênfase ou de contraste), a língua de objeto nulo prefere o objeto nulo, mas também aceita opcionalmente o objeto expresso em alguns contextos.

Para que esse modelo possa ser utilizado, para que os pressupostos e hipóteses possam ser levantados foi necessário optar por uma teoria linguística. No presente caso, a opção foi pela Teoria de Princípios e Parâmetros que permite

observar a variação intralinguística, mas interpretá-la à luz de variação interlinguística.

Tomando como ponto de partida tais pressupostos teóricos, nossa pesquisa busca explicitar, através da pesquisa empírica, a evidência da diferença estrutural nas construções do objeto direto anafórico em PB e em PE no que diz respeito à língua oral. Para tanto, nossa pesquisa associa o Modelo de Mudança Laboviano (no que tange ao levantamento e tratamento estatístico dos dados coletados) à Teoria de Princípios e Parâmetros (no que concerne à possibilidade de verificar a variação interlinguística e associar as possíveis diferenças entre PB e PE a diferentes marcações positiva ou negativa no que diz respeito ao parâmetro do objeto nulo).

Os resultados de nossa pesquisa podem nos ajudar a confirmar se, de fato, o PB está mudando essa marcação do Parâmetro do Objeto Nulo. Ao comparar os resultados encontrados neste Trabalho com os da Dissertação de Mestrado, veremos como os nativos de PB e de PE interpretam a realização do objeto direto anafórico; observaremos também que fatores atuam na maior ou menor restrição ao uso de determinadas formas. Acreditamos ser possível ratificar, ao final de nosso estudo, a ideia defendida por Galves (1998) de que PB e PE seriam línguas-l distintas, já que atribuem interpretações diferentes para enunciados superficialmente idênticos.

## **2.2 Teoria de Princípios e Parâmetros**

Segundo a Teoria Gerativa, todos os seres humanos ao nascer já trazem consigo um dispositivo de aquisição da linguagem, a chamada Gramática Universal

(GU), uma espécie de “sistema” abstrato que traria as características próprias de todas as línguas universais. O modelo de Princípios e Parâmetros proposto por Chomsky (1981) nos diz que a Gramática Universal é composta por dois tipos de princípios: os do primeiro tipo seriam princípios rígidos, invariáveis entre línguas, como, por exemplo, o Princípio de Projeção Extendido, segundo o qual todas as orações das línguas humanas possuem um sujeito estrutural. Um outro princípio rígido da G.U. seria o de que um verbo transitivo direto projeta necessariamente um objeto direto. O segundo tipo se refere a princípios abertos e variáveis (ou seja, são responsáveis pelas diferenças entre as línguas), cujo valor final vai variar segundo os dados a que o falante é exposto durante a aquisição e recebem o nome de Parâmetros. Esses parâmetros têm, pois, um valor positivo e um valor negativo, e cada língua os marca a partir dos dados da aquisição. Relacionando os Princípios aos Parâmetros, podemos dizer que, se a projeção obrigatória do sujeito é um Princípio da Gramática Universal, a sua forma de realização faz parte de um Parâmetro, conhecido como o Parâmetro do Sujeito Nulo, que distingue as línguas em dois tipos: as que permitem o sujeito nulo (como o espanhol e o italiano) e as que não permitem o sujeito nulo (como o inglês e o francês). Se a projeção do objeto direto por um verbo transitivo direto é um Princípio da GU, a forma de realização do objeto direto é um Parâmetro, conhecido como o Parâmetro do Objeto Nulo, que distingue as línguas que admitem o objeto nulo (como o português do Brasil) daquelas que não o admitem (como o francês, o inglês, o espanhol e o italiano). É, portanto, a marcação dos parâmetros que diferencia as línguas. Se duas línguas, ainda que tenham gramáticas bastante semelhantes, apresentarem a fixação de apenas um de seus parâmetros de modo distinto (uma sendo positivamente

marcada em relação ao parâmetro e a outra negativamente marcada), teremos duas gramáticas diferentes (cf. Raposo 1986, Galves 1998, entre outros).

O parâmetro do objeto nulo é essencial em nossa pesquisa. A discrepância de comportamento na realização do objeto direto anafórico em PB e em PE nos mostra que a língua brasileira vem, há algum tempo, se posicionando em direção a uma mudança na marcação do valor desse parâmetro. O PE mostra-se como uma língua negativamente marcada no que diz respeito ao Parâmetro do Objeto Nulo, o que significa que é uma língua em que o objeto direto anafórico é preferencialmente preenchido, especialmente pelo clítico acusativo (insistentemente recomendado pelas nossas gramáticas normativas, justamente por ser praticamente extinto do PB e não mais fazer parte de nossa gramática (L1).). O PB, no entanto, apresenta comportamento contrário, como vem nos apontando várias pesquisas, e se mostra cada vez mais como uma língua em que o objeto direto anafórico é preferencialmente nulo, ficando sua realização plena mais restrita aos casos em que não se trata de um argumento interno selecionado por um verbo transitivo direto, mas de um sujeito marcado excepcionalmente com o Caso acusativo. Nossa pesquisa atual visa a descobrir quais os fatores determinantes na diferenciação da realização dessa forma em PB e em PE, isto é, que fatores licenciam a ocorrência do objeto nulo no PB e por que eles não atuam da mesma forma no PE; que restrições ao objeto nulo operam no PE?

### **2.2.1 As diferentes interpretações teóricas para o objeto nulo no PB no âmbito da teoria gerativa**

Em inícios da década de 80, o objeto nulo no PB chamou a atenção de duas pesquisadoras “não nativas”: Wheeler (1981) e Galves (1984; 1989), que, a partir do

clássico artigo de Huang (1984) “On the distribution and reference of empty categories”, observam a semelhança entre os contextos que permitiam a identificação de um objeto nulo no PB e no chinês: o objeto nulo não podia ser vinculado por um SN em posição argumental (A). Vejamos os exemplos extraídos de Huang:

(20) \**João* disse que Pedro viu \_\_\_\_.

(21) \**João* sabe que *Maria* gostaria de conhecer \_\_\_\_.

(22) \**João* disse a *Maria* que gostaria de conhecer \_\_\_\_ melhor.

Ao contrário do que se observa em (20), (21) e (22) acima, um pronome lexical torna as sentenças gramaticais (ou um clítico caso se trate de PE), o que já nos diz que as duas estratégias não são permutáveis:

(23) *João* disse que Pedro viu **ele**

(24) *João* sabe que *Maria* gostaria de conhecer **ele**.

(25) João disse a *Maria* que gostaria de conhecer **ela** melhor.

Os exemplos supracitados comprovariam, portanto, que uma categoria vazia não pode ter como antecedente um SN que apareça na sentença, a menos que ela esteja numa posição não argumental ou que tenha sua referência fixada no discurso:

(26) a. A *Maria*, o João disse que gostaria de conhecer \_\_\_ melhor

b. (falando da *Maria*)

O João disse que gostaria de conhecer \_\_\_ melhor.

A categoria vazia objeto foi então caracterizada como uma “variável”, identificada por um tópico estrutural (26a) ou um tópico identificado no contexto discursivo (26b). Galves (1984, 1989) adota inicialmente a análise de Huang para o PB e chama a atenção para o fato de que o que está em jogo é a “vinculação” ou “ligação” da categoria vazia, uma vez que o objeto nulo também pode ser “identificado” ainda por um SN por correferência, como mostra o exemplo de Galves (1989:66) a seguir:

(27) No tempo de calor, a gente colhe *as maçãs* e guarda \_\_\_ no porão para comer no inverno (livro infantil).

Observe que o objeto nulo não se encontra na mesma sentença que seu antecedente, mas no segundo segmento de uma coordenada.

É importante notar que Huang se refere ao PB como sendo semelhante ao chinês no que diz respeito ao fato de ambas as línguas apresentarem o objeto nulo como variável. Acreditava-se até então que o objeto nulo fosse exclusividade do PB.

A surpresa viria com o texto de Raposo (1986), “On the Null Object in European Portuguese”, que, não só afirma ser o objeto nulo com interpretação definida uma construção gramatical no PE como também apresenta mais argumentos a favor de se tratar de uma variável. Além de não poder ser vinculado por um SN em posição A, seus argumentos para adotar tal estatuto para o objeto nulo estão baseados na agramaticalidade de sentenças como as seguintes:

**(28)** (Falando de *pastéis*)

\*O rapaz [que trouxe \_\_\_ agora mesmo da pastelaria] é o teu afilhado.

**(29)** (Falando das *jóias*)

\*Eu informei a polícia [da possibilidade de o Manuel ter guardado \_\_\_ no cofre da sala de jantar].

**(30)** (Falando do *tesouro*)

\*O pirata partiu para os Caraíbas [depois de ter escondido \_\_\_ no cofre].

Os exemplos anteriores mostram que mesmo estando o antecedente do objeto nulo no contexto discursivo as sentenças são consideradas agramaticais para o PE, porque obedecem às restrições de “ilhas sintáticas”, contextos dos quais não se pode extrair um constituinte para uma posição periférica à sentença. Vemos, então, que **(28)** é considerada agramatical devido ao fato de o objeto nulo estar “preso” dentro de uma oração relativa “*que trouxe \_\_\_ agora mesmo da pastelaria*”. A

sentença vista em **(29)** também não seria considerada bem formada para o PE porque o objeto nulo também estaria “preso”, dessa vez dentro de uma completiva de nome “da possibilidade *de o Manuel ter guardado \_\_\_ no cofre da sala de jantar*”. O mesmo aconteceria com o exemplo **(30)**, visto por Raposo como agramatical para o PE por trazer o objeto nulo retido em uma oração adjunta “*depois de ter escondido \_\_\_ no cofre*”.

Ora, se tais sentenças são agramaticais no PE, elas sofrem as mesmas restrições à extração de constituintes **qu**:

**(31)** O *que* o rapaz [que trouxe \_\_\_ agora mesmo] é o teu afilhado?

**(32)** O *que* eu informei à polícia da possibilidade [de o Manoel ter \_\_\_ guardado no cofre]?

**(33)** O *que* o pirata partiu para as Caraíbas [depois de ter escondido \_\_\_ no cofre]?

Tanto as sentenças em **(28)** a **(30)** como as sentenças em **(31)** a **(33)** são agramaticais no PE porque não se pode extrair um constituinte das chamadas “ilhas sintáticas”, respectivamente, uma relativa, uma completiva de nome e uma adverbial. Com isso, Raposo explicou por que o objeto nulo no PE só ocorreria em contextos que não constituíssem barreira ao movimento, sendo identificado, como visto anteriormente por um tópico discursivo ou estrutural:

**(34)** a. A Joana viu \_\_\_ na TV ontem

b. *Essa novela* a Joana viu \_\_\_ na TV ontem.

Observe-se que de uma sentença como **(34)** acima é possível extrair um constituinte:

**(35)** a. A Joana viu o Programa X na TV ontem.

b. O que a Joana viu \_\_\_ na TV ontem?

Finalmente Raposo apresenta uma estrutura em que o objeto nulo aparece dentro de uma “ilha” (uma relativa), mas que não é agramatical:

**(36)** O Manuel entregou *o dinheiro*, [mas conheço gente que não teria entregue \_\_\_].

Por alguma razão, que o próprio autor não consegue explicar, a sentença é gramatical no PE, ao contrário de **(28)**, **(29)** e **(30)** acima. Se considerarmos o exemplo dado por Galves, mostrando que objeto nulo pode ser correferencial com um SN em outra sentença (a que ela se refere como estruturas paralelas), podemos entender porque o efeito de ilhas não se faz sentir no PE em estruturas como **(36)**.

O que ocorre, porém, é que no PB todas as sentenças apresentadas por Raposo são gramaticais, o que leva Galves à conclusão de que o objeto nulo no PB tampouco se comporta como uma variável. O estatuto do objeto nulo no PB deveria ser um *pro*, e a impossibilidade de ocorrer em sentenças como **(20)**, **(21)** e **(22)** se deve a restrições semânticas que se exercem “sobre a interpretação dos sujeitos de verbos logofóricos como tópicos” (op. cit. 82), como é o caso de verbos como “dizer”.

Num artigo de 2001, (conforme já referido no capítulo anterior) dessa vez em parceria com Kato, Raposo não só revê a agramaticalidade das sentenças mostradas no texto de 1986 como volta ao tema, procurando encontrar, num estudo contrastivo, “convergências e divergências” na ocorrência do objeto nulo no PE e no PB.

A análise mostra que as duas línguas aceitam pronomes resumptivos nulos em construções de “topicalização” e clíticos em construções de deslocamento à esquerda clítica (CLLD), ao passo que as demais língua românicas admitem apenas as últimas construções, conforme comprovam com os exemplos transcritos a seguir:

**(37)** a. *Esse livro*, eu só encontrei \_\_\_\_ na FNAC.

a'. Esse livro, eu só **o** encontrei na FNAC.

b. \**Ese libro*, solo encuentre \_\_\_\_ em la FNAC.

b' *Ese libro*, solo **lo** encuentre em la FNAC.

Logo, o português, tanto PB quanto PE, também se diferenciaria das demais línguas românicas por admitir objetos nulos identificados por um tópico discursivo, conforme ilustram os exemplos transcritos abaixo:

**(38)** (falando do *livro*)  
a. Eu só encontrei \_\_\_\_ na FNAC.

a'. Eu só **o** encontrei na FNAC.

b. \***Solo** encuentre \_\_\_\_ em la FNAC.

**b'** Solo **lo** encuentre em la FNAC.

**(39) a.** Falamos sobre *o livro* e as nossas tentativas de comprar \_\_\_ na FNAC.

**b.** \*Hablamos sobre *el libro* y nuestras tentativas de comprar \_\_\_ em la FNAC.

Um outro aspecto que levantam como diferenciador entre o português e as demais línguas românicas é o fato de que o primeiro admitiria tanto os chamados nomes nus (sem artigo) quanto aqueles com artigos para objetos genéricos de atitude afetiva, ao passo que as outras línguas românicas exigiriam a presença do artigo, como bem nos mostram os exemplos que são reproduzidos a seguir:

**(40) a.** Maria detesta (as) cenouras. (PB / PE)

**b.** Maria detesta las zanahorias. (ESP)

Uma vez observada a convergência, buscam resposta para as seguintes perguntas: “Quais os pontos de divergência entre PE e PB?” “Qual a distribuição do objeto nulo em relação ao antecedente nas duas variedades do português?”.

Os autores começam por mostrar que o objeto nulo que estudam é diferente da categoria vazia cuja leitura seria indefinida ou arbitrária, já que tal construção seria bem distribuída nas línguas românicas, como ilustram através dos exemplos reproduzidos abaixo:

**(41) a.** Muitos dentifrícios protegem \_\_\_ contra as bactérias. (PE) (QUO, nº 49, Outubro, 1999, p.26 e 27)

b. Muchas pastas protegen \_\_\_\_ contra lãs bactéria. (ESP)

c. Gli altri dentifrici proteggono \_\_\_\_ contro i bacteri. (ITAL)

Apontam ainda os objetos nulos que aparecem em receitas culinárias como sendo uma espécie de “estrutura cristalizada”, pois tais construções com objeto nulo dêitico, no contexto de imperativo, assim como as exemplificadas em (39), teriam larga ocorrência entre as línguas, não configurando, portanto, como um diferenciador paramétrico, conforme já alertara Kato (1993). Também não se concentram no objeto nulo que tem como antecedente uma oração, anáfora do complemento nulo (“Null Complement Anaphora”) e que, portanto, não será abordado no presente estudo.

Assim, os autores se concentram no objeto nulo referencial, que tem caráter nominal, como os que os autores elencam como exemplo e retomamos abaixo:

(42) Por muitas decepções que possamos sofrer em democracia, não podemos esquecer a fabulosa frase de Churchill (à qual não aponho aspas, porque cito \_\_\_\_ de memória). (EXPRESSO, 22,01,99) **PE**

(43) Tirou o dinheiro do bolso e contou \_\_\_\_\_. (Paulo Coelho, 1999, *O Alquimista*. 56ª p. 66. Rio de Janeiro: Rocco) **PB**

Os dados que os autores examinam revelam que, quando se trata de objetos expressos, as duas línguas divergem claramente, visto que a lusitana opta pelo clítico, ao passo que a brasileira usa mais frequentemente o pronome tônico: o / ele, respectivamente.

Para observar a distribuição do objeto nulo em relação ao antecedente, retomam a questão suscitada por Huang (1984), discutida anteriormente, e a proposta de Figueiredo & Bianchi (1994) e Barra (2000), que defendem que o objeto nulo do PB pode também ter um antecedente em posição-A desde que esse não seja humano. O PE, ao contrário, não aceitaria um sujeito (posição-A) como antecedente para um objeto nulo, humano ou não. Observemos os exemplos elencados por Kato e Raposo (2001):

(44) a. *Esse livro*, decepcionou o público quando a editora pôs \_\_\_ à venda. **PB \*PE**

b. *Esse autor* decepcionou o público quando a editora apresentou \_\_\_ na cerimônia de lançamento. **\*PB \*PE**

Enquanto só o PB aceita um antecedente [-humano] em posição-A, vista acima, as duas línguas admitem antecedentes humanos ou não humanos na **posição-A'**:

(45) a. *Esse livro*, a editora pôs \_\_\_ a venda ano passado. **PB PE**

a'. *Esse livro*, a editora apresentou \_\_\_ na cerimônia de lançamento. **PB PE**

b. *Esse autor*, nem todos cumprimentaram \_\_\_. **PB PE**

Se, por outro lado, o antecedente aparece em posição de objeto, tanto os falantes de PB quanto os de PE não vêem qualquer tipo de problema se ele não for humano:

(46) a. Consertamos *o carro* antes de pôr \_\_\_ a venda. **PB PE**

b. A Maria quebrou *o relógio* quando tirou \_\_\_ da caixa. **PB PE**

Contudo, sendo [+humano] o antecedente em função de objeto direto, o grau de aceitabilidade dos informantes das duas línguas reduz bastante:

(47) a. O policial insultou *o preso* antes de torturar \_\_\_. **?PB ?\*PE**

b. Eu avisei *esses homens* (de) que a polícia ia prender \_\_\_. **?PB ?\*PE**

As generalizações feitas pelos autores acerca do objeto nulo seriam: **(a)** um objeto nulo prefere um antecedente na função de objeto com traço [- animado]; **(b)** a aceitação de um antecedente na função de sujeito, como em **(44)a**, ficaria restrita a verbos psicológicos, como *decepcionar, agradar*, que podem ter sujeitos com o traço [+/- animado].

Os autores concluem que o objeto nulo não pode ser tratado como variável, mas levantam a necessidade de um argumento empírico mais forte “com base em frases em que o antecedente do objeto nulo **não** seja tópico estrutural ou pragmático (discursivo), mas sim um SN integrado na própria frase em que ocorre o objeto nulo” (p. 684).

O presente trabalho buscará levar em conta, nos dados extraídos de nossas amostras, todos os tipos de restrições apontados neste capítulo a fim de fornecer mais elementos para as convergências e/ou divergências entre PE e PB. Para tanto usaremos, inclusive, um teste de aceitabilidade (de julgamento / intuição) dessas estruturas feito com diversos informantes brasileiros e também com um grupo de

falantes nativos de Portugal. Tal teste poderá servir como reforço / evidência dos resultados encontrados em nossos dados empíricos.

### 2.2.2 A Anáfora do Complemento Nulo

Como foi visto, Raposo e Kato (2001) excluem a anáfora do complemento nulo (ACN) de sua lista de estudos sobre as divergências entre as realizações do objeto direto anafórico em PB e em PE. Neste subitem, será feita a distinção entre esse objeto sentencial e o objeto nulo, com base em Matos (2003), um capítulo que extraímos de Mira Mateus et alii (2003) sobre construções elípticas, com o objetivo de analisar separadamente a ocorrência de objetos nulos sentenciais (ACN) dos objetos nulos não sentenciais, a fim de que nossa análise possa ser o mais precisa possível e possamos focalizar o estudo no objeto nulo com antecedente SN. O termo anáfora do complemento nulo é uma tradução para “null complement anaphora” que talvez fosse mais bem compreendido se traduzido como complemento anafórico nulo.

Segundo Matos, na anáfora do complemento nulo, a elipse equivaleria a “um constituinte frásico ou a um pronominal demonstrativo invariável, o clítico *o* ou o pronome não-clítico *isso*, denotando uma situação.” (p.884) Os exemplos abaixo, retirados, da autora portuguesa, ilustrariam um caso de anáfora do complemento nulo:

- (48) Ainda que queiras ( \_\_\_ ) não podes resolver esse problema com facilidade.  
( \_\_\_ ) = resolver esse problema com facilidade / o – Ø - isso.

(49) Nós pedimos à Teresa que voltasse para casa depressa, mas ela recusou-se ( \_\_\_ ).  
( \_\_\_ ) = a voltar para casa depressa / o - Ø - a isso.

(50) Ela quis fazer um curso de pós-graduação e os pais aprovaram ( \_\_\_ ).  
( \_\_\_ ) = ela fazer um curso de pós-graduação / isso.

A autora deixa clara a especificidade da anáfora do complemento nulo no que diz respeito à sua seleção por tipos determinados de verbos: “só é possível com semiauxiliares modais aspectuais e certos verbos de complementação”, conforme vemos nos exemplos transcritos a seguir:

(51) Ainda que *precises / necessites / possas / devas* ( \_\_\_ ), não vais resolver esse problema com facilidade.  
( \_\_\_ ) = (de) resolver esse problema.

(52) A Maria ainda não escreveu o livro todo, mas já começou ( \_\_\_ ).  
( \_\_\_ ) = a escrever o livro.

(53) A Maria já começou a escrever a tese, e vai acabar ( \_\_\_ ) em breve.  
( \_\_\_ ) = de escrever a tese.

A pesquisadora, no entanto, deixa de fora de seu rol, casos como:

(54) Eu fui ganhar a chave de casa aos 19 anos. eu conto ( \_\_\_ ) pra todo mundo?  
( \_\_\_ ) = o/isso/que eu fui ganhar a chave....

(55) Ele me pediu pra esconder o anel, mas eu não fiz isso.  
isso/ \*( \_\_\_ ) \*fiz esconder o anel

Se ocorre o verbo “fazer”, a única opção é usar “isso” e, naturalmente, na descrição dos dados, esses casos farão parte da análise qualitativa, sendo analisados separadamente.

Este trabalho exclui a anáfora do complemento nulo (ou objeto sentencial), que não distinguem as duas línguas em questão, concentrando-se no objeto anafórico que tem com antecedente um SN.

A partir do quadro apresentado nesse capítulo, refinaremos, no capítulo a seguir, nossos objetivos, hipóteses de trabalho e apresentaremos a metodologia utilizada para a concretização de nossa análise.

## Metodologia

Após rever os trabalhos empíricos de cunho variacionista e descrever o quadro teórico que orientou as discussões sobre o objeto nulo no âmbito da Teoria de Princípios e Parâmetros que sustentam esta pesquisa, dedicamos este capítulo ao refinamento dos objetivos e hipóteses de trabalho bem como ao detalhamento dos procedimentos metodológicos que orientam este estudo.

Conforme vimos no capítulo anterior, a posição (+/- argumental) do antecedente e a função sintática que ele exerce são determinantes para a restrição ao uso do objeto nulo tanto no PB quanto no PE. Segundo o estudo de Raposo (2004), essa restrição, em PB, aconteceria quando o antecedente do objeto nulo aparece em posição-A, exercendo a função de sujeito de um verbo psicológico e tem o traço [+ humano], como vimos no exemplo **(44)b**, retomado abaixo como **(56)**:

- (56) *Esse autor* decepcionou o público quando a editora apresentou \_\_\_ na cerimônia de lançamento. **\*PB \*PE**

Essa seria a única restrição integral (plena) ao uso do objeto nulo em PB. O único contexto em que a sentença seria considerada agramatical. Pelo exemplo acima, vemos que o PE também não aceitaria o objeto nulo nesse ambiente. Contudo, essa seria apenas mais uma restrição ao uso dessa estrutura em PE. Além desse contexto (em que as duas línguas convergem), lembremo-nos dos demais, apresentados na seção **2.2.1** do capítulo precedente, em que PB e PE diferem quanto à (a)gramaticalidade e à aceitabilidade.

- (57) a. *Esse livro* decepcionou o público quando a editora pôs \_\_\_ à venda. **PB \*PE**

No exemplo acima, as duas línguas diferem no que diz respeito à aceitabilidade da ocorrência do objeto nulo: o PB aceita perfeitamente um objeto nulo com antecedente [-animado] em função sintática de sujeito, ao passo que para o PE essa mesma estrutura seria considerada agramatical, segundo Kato & Raposo (2001) e Raposo (2004).

Se o objeto nulo se realiza em uma estrutura em que seu antecedente seja [-animado] e exerça a função sintática de sujeito, PB e PE convergem e aceitam plenamente a realização do objeto nulo em tal contexto. Vejamos os exemplos **(58 a e b)** abaixo:

- (58) a. Consertamos *o carro* antes de pôr \_\_\_ a venda. **PB PE**

- b. A Maria quebrou o relógio quando tirou \_\_\_ da caixa. **PB PE**

Contudo, se o antecedente do objeto nulo for [+animado] e estiver exercendo função sintática de objeto direto, as duas línguas analisarão de modo distinto a gramaticalidade da sentença: o PB irá considerá-la como estranha, mas possível, ao passo que o PE irá julgá-la como ou estranha, mas possível (convergindo com o PB) ou como agramatical (divergindo do PB). Observemos os exemplos:

(59) a. O policial insultou *o preso* antes de torturar \_\_. ?PB ?\*PE

b. Eu avisei *esses homens* (de) que a polícia ia prender \_\_. ?PB ?\*PE

Em (59 a e b), vemos o PB analisando uma sentença com antecedente [+animado] em função de objeto direto como estranha, mas possível; ao passo que a mesma sentença pode ser analisada pelo PE como ou estranha, mas possível também ou como agramatical.

Observando essas sentenças apontadas por Kato & Raposo (2001) e Raposo (2004), ficamos com a “impressão” (intuição de falante nativo do PB?) de que essas estruturas poderiam ter seu grau de aceitabilidade maior que o apresentado pelos pesquisadores. Com base em tal “impressão”, decidimos aplicar um teste de julgamento (cf. anexo) a falantes brasileiros e portugueses<sup>5</sup> em que os colaboradores atribuem (OK) para sentenças perfeitamente possíveis, (?) para estranhas, mas possíveis e (\*) para impossíveis (agramaticais),

---

<sup>5</sup> O teste, com falantes portugueses, foi feito com o auxílio das professoras Amália Mendes, Luísa Alice e Maria Fernanda Bacelar do Nascimento, que aplicaram o teste, por e-mail, a falantes de diferente grau de escolaridade. O resultado desse teste será apresentado no final do capítulo de análise.

Veremos, a partir de agora, as sentenças que apresentamos aos nossos informantes e o resultado do teste com os informantes brasileiros, fazendo sempre a oposição com os resultados de Raposo.

### **3.1 Teste de julgamento com falantes do PB**

Aplicamos o teste com 258 informantes. Desse total, 32 tinham nível superior completo (professores de ensino médio de diversas disciplinas) e 216 ensino médio incompleto (alunos da 2ª e 3ª séries do Colégio Pedro II e do Cefet). Vejamos os resultados.

As sentenças **(1)** e **(2)** de nosso teste de julgamento serão repetidas, a seguir, como **(60)** e **(61)**. Naturalmente, as sentenças foram apresentadas aos falantes sem as lacunas representando o objeto nulo (Cf. Anexo 1).

**(60)** Ela leu o livro antes de devolver \_\_\_ para mim.

**(61)** Ela quebrou a taça quando tirou \_\_\_ do armário.

Essas sentenças apresentam estruturas em que o objeto nulo retoma um antecedente [- animado] em posição de objeto direto, sendo, portanto, apontada por Kato & Raposo (2001) e Raposo (2004) como perfeitamente possíveis tanto para o PB quanto para o PE, como vemos em **(62)** e **(63)** abaixo:

(62) Consertamos *o carro* antes de pôr \_\_\_ a venda. **PB PE.**

(63) A Maria quebrou *o relógio* quando tirou \_\_\_ da caixa. **PB PE.**

Nossos colaboradores ratificaram essa informação: 77% consideraram o exemplo (60) como perfeito e 81% julgaram a estrutura de (61) como OK. 21% e 14% dos informantes acharam as sentenças (62) e (63), respectivamente, estranhas, mas possíveis. E 2% e 5% consideraram-nas agamaticais. Os resultados não apresentam nenhuma surpresa, visto que, como já vimos, diversos estudos já apontavam o antecedente [- animado] exercendo função sintática de objeto direto como grandes favorecedores da realização do objeto nulo.

A terceira sentença apresentada em nosso teste de intuição, repetida aqui como (64), não teve um índice de aceitação tão elevado. Observemos o exemplo abaixo:

(64) A taça foi quebrada quando ela tirou \_\_\_ do armário.

A estrutura do exemplo acima também traz um antecedente [- animado] só que, dessa vez, exercendo função sintática de sujeito da oração principal. Segundo Kato & Raposo (2001) e Raposo (2004), estruturas como essas seriam consideradas perfeitamente possíveis em PB, mas agramaticais em PE, relembremos o exemplo apontado pelos pesquisadores, repetido em (65) abaixo:

**(65)** *Esse livro* decepcionou o público quando a editora pôs \_\_\_ à venda. **PB \*PE**

50% dos informantes com que trabalhamos confirmaram a plena gramaticalidade do exemplo **(64)**, 44% acharam o exemplo estranho, mas possível e apenas 6 % rejeitaram a estrutura. Consideramos que o percentual dessa estrutura tenha tido um índice de gramaticalidade menor, devido ao fato de a oração principal estar na voz passiva, o que teria causado estranhamento nos informantes, mas ainda assim ela foi considerada como gramatical pela maior parte deles.

As sentenças **(4)** **(5)** e **(6)** de nosso teste de julgamento, retomadas aqui como **(66)**, **(67)** e **(68)** trazem estruturas em que o objeto nulo se relaciona com um antecedente [+ animado] em função sintática de objeto direto da oração principal. Vejamos os exemplos:

**(66)** A mãe penteou o bebê antes de levar \_\_\_ ao médico.

**(67)** A mãe machucou o bebê quando tirou \_\_\_ do berço.

**(68)** A mãe avisou as crianças que ia buscar \_\_\_ na escola depois das cinco.

De acordo com Kato & Raposo (2001) e Raposo (2004), estruturas como essas em que o antecedente do objeto nulo é [+animado] e exerce função de objeto

direto configuram-se como estranhas, mas possíveis em PB e, igualmente estranhas, mas possíveis ou agramaticais em PE. Relembremos os exemplos dos pesquisadores, retomados abaixo como **(69)** e **(70)**:

**(69)** O policial insultou *o preso* antes de torturar \_\_\_\_ . ?PB ?\*PE.

**(70)** Eu avisei *esses homens* (de) que a polícia ia prender \_\_\_\_ . ?PB ?\*PE.

Nossos informantes mostraram uma interpretação distinta no que diz respeito à gramaticalidade das sentenças **(66)** e **(67)**: consideraram-nas plenamente gramaticais com um percentual de 66% para ambas as sentenças. 27% consideraram a estrutura de **(66)** como estranhas, do mesmo modo que os 23 % julgaram o exemplo **(67)**. Apenas a sentença **(68)** confirma o proposto por Kato & Raposo (2001) e Raposo (2004): 44% dos informantes consideram sua estrutura como estranha, mas possível; 32% julgaram-na como gramatical e os 24% restantes acharam que essa estrutura seria agramatical em PB. É possível que o percentual de gramaticalidade dessa sentença tenha ficado abaixo do de aceitabilidade por ela ser formada de uma estrutura ambígua, abrindo margem para que o informante interprete seu complemento como objeto direto ou indireto, mesmo que não tenhamos colocado o acento grave em ‘as crianças’, indicando que se tratava do objeto direto e que, portanto, a regência do verbo ‘avisar’ nesse caso equivaleria a “avisar alguém de alguma coisa”.

As últimas quatro sentenças de nosso teste de intuição compreendem estruturas em que temos um objeto nulo com antecedente [+ animado] exercendo função sintática diferente da de objeto direto da oração principal, como podemos ver nos exemplos abaixo:

(71) *O bebê* foi penteado pela mãe antes de levar \_\_\_ ao médico.

(72) *O bebê* foi penteado pela mãe depois que tirou \_\_\_ do berço.

(73) *Ela* decepcionou o marido quando ele viu \_\_\_ com outro no shopping.

(74) O marido ficou decepcionado *com ela* quando ele viu \_\_\_ com outro no shopping.

Objetos nulos com antecedentes [+animados] em função sintática distinta da de objeto direto configuram-se como estruturas agramaticais tanto no PB quanto no PE segundo apontam Kato & Raposo (2001) e Raposo (2004). Inclusive, essa seria a única estrutura que o PB consideraria agramatical segundo os pesquisadores, conforme ilustram com o exemplo que repetimos abaixo como (75):

(75) *Esse autor* decepcionou o público quando a editora apresentou \_\_\_ na cerimônia de lançamento. \*PB \*PE.

44%, 42% e 37% dos nossos colaboradores não concordaram com a avaliação de Kato & Raposo (2001) e Raposo (2004), pois não consideraram as sentenças (71), (72) e (74), respectivamente, como agramaticais, mas como estranhas, porém possíveis. Contudo, 35%, 39% e 34% de nossos informantes julgaram as sentenças em questão como agramaticais exatamente como afirmam os autores supracitados. 21%, 19% e 29%, portanto, a minoria, consideraram essas sentenças plenamente gramaticais. Em relação à sentença (73), entretanto, 48% de nossos informantes concordaram com a avaliação de Kato & Raposo (2001) e Raposo (2004) em relação à sua agramaticalidade. No entanto, se somarmos as outras formas de avaliação – gramatical (16%) e estranha, mas possível (36%) – teremos um percentual de 52%, o que superaria a avaliação da sentença como agramatical.

Nosso teste de aceitabilidade nos mostrou, então, que em PB as restrições apontadas por Raposo & Kato (2001) e Raposo (2004) não se confirmam, pois o objeto nulo poderia ocorrer em qualquer uma das estruturas apontadas pelos pesquisadores, ainda que as sentenças em que aparecesse fossem consideradas como estranhas, mas possíveis. É preciso, entretanto, reconhecer que, mesmo no PB, o traço [+animado] associado à função de sujeito numa sentença com verbo psicológico principalmente constitui um contexto menos aceitável para um objeto nulo. Além disto, o teste confirmou, mais uma vez, que um antecedente [- animado] é a grande preferência do objeto nulo.

Veremos, no próximo capítulo, se a análise de nossos dados irá confirmar para o PE o que Kato & Raposo (2001) e Raposo (2004) apresentaram em suas pesquisas para o objeto nulo ou se o resultado de nossa pesquisa empírica do PE

se aproximará mais do que o teste de julgamento com falantes brasileiros acabou de nos mostrar.

À luz desses dados e análises, nossos objetivos são: apresentar a distribuição das formas de representação do objeto anafórico definido (SN); **(b)** verificar as restrições ao objeto nulo em PB e em PE, apontadas por Kato e Raposo (2001) e Raposo (2004), com o intuito de ver até que ponto essas línguas obedecem a tais restrições, e, desse modo, **(c)** contribuir para a descrição, o mais minuciosa possível, da distribuição do objeto nulo no PE e no PB, levando em conta os contextos estruturais levantados pelos trabalhos aqui revistos; e, com isso, **(d)** mostrar que o PB já se configura como uma língua positivamente marcada em relação ao parâmetro do objeto nulo e que tal característica está “encaixada” num conjunto de fenômenos relacionados à sua orientação para o discurso, além de **(e)** retratar que, ao contrário do PB, o PE mantém sua característica de língua negativamente marcada para o mesmo parâmetro, sendo a ocorrência do objeto nulo muito restrita contextualmente e quantitativamente não muito significativa; e, por fim, **(f)** atestar que PB e PE apresentam a marcação do parâmetro objeto nulo de maneira oposta, e, que, portanto, configurariam como Línguas-I distintas, nos termos de Galves (1998). Pretendemos, pois, fornecer os argumentos empíricos “com base em frases em que o antecedente do objeto nulo **não** seja tópico estrutural, mas sim um SN integrado na própria frase em que ocorre o objeto nulo”, conforme sugerem Kato e Raposo (2001: 684). Complementaremos nossa análise empírica com as evidências dos testes de julgamento aplicados com nossos informantes. Consideramos essa união um ótimo meio de ilustrar a contribuição de elementos da Gerativa e da Teoria da Variação para o estudo de um fenômeno linguístico.

### **3.2 Hipóteses no que diz respeito à ocorrência de objeto nulo com um antecedente SN**

Nossas hipóteses já foram aventadas no decorrer de nosso texto, mas explicitaremos novamente abaixo:

**(a)** em relação à função sintática do antecedente, esperamos que o objeto nulo tenha um índice de ocorrência maior em estruturas em que o antecedente exerça igualmente a função de objeto direto tanto em PB quanto em PE, mas acreditamos que o objeto nulo também ocorrerá mesmo em estruturas em que seu antecedente exerça função diferente da de objeto, inclusive, em PE, contrariando assim Raposo & Kato (2001) e Raposo (200);

**(b)** no que diz respeito ao traço semântico do antecedente, esperamos que haja uma ocorrência maior de objetos nulos com antecedente [- animado] nas duas línguas, mas aguardamos também que ocorra objeto nulo com antecedente [+animado] ainda que com um percentual maior para o PB;

**(c)** em relação ao tipo sintático em que ocorre o objeto direto anafórico, acreditamos que em PB haja uma distribuição do objeto nulo por todo tipo sintático de oração e que em PE seu índice de ocorrência seja maior em casos de coordenadas;

**(d)** em relação ao PE, acreditamos que a análise da estrutura do antecedente do objeto anafórico, especialmente no que tange à presença/ausência de quantificadores com nomes não contáveis (feijão), presença/ ausência de determinantes com nomes contáveis no singular (cenoura em vez de as cenouras)

poderá ser um ponto chave para mostrar o porquê de em PB haver um alto índice de objeto nulo em contraposição ao baixo índice de ocorrência dessa variante em PE.

### **3.3 Amostras**

As amostras utilizadas para o PB são entrevistas que fazem parte do acervo do Projeto PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua), que contém entrevistas feitas com gravações de informantes que representam a fala popular do Rio de Janeiro, colhidas em dois momentos: 1980 e 2000, com o mesmo indivíduo. Os dados lusitanos são provenientes de gravações feitas com falantes portugueses, encontradas no CD-Oral-Rom (Cresti and Moneglia 2005), projeto europeu que desenvolveu um material composto por um conjunto de amostras de língua falada em contexto informal e formal, *corpora* orais de fala espontânea e coloquial em quatro línguas românicas (o português europeu, o francês, o italiano e espanhol).

#### **3.3.1 *Corpus* para a análise do PB proveniente do PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua)**

Cotejaremos os resultados de análises feitas a partir de amostras do PB (Resultados da Dissertação de Mestrado) e do PE a fim de melhor descrevermos a distribuição do objeto anafórico nulo nessas línguas. A nossa intenção é rever os nossos dados da dissertação e compará-los com os de PE. Para tanto, retomamos as duas amostras usadas para nosso estudo de painel (Marafoni 2004) como mostra o quadro da seção 1.1. Por não estarmos fazendo um trabalho variacionista *stricto sensu*, utilizaremos esses dados em conjunto na nossa comparação. Como os

resultados para o PB são muito semelhantes, nós achamos que reunir essas duas amostras não comprometeria nossa análise. Extraímos, contudo, os casos de objeto oracional, uma vez que foram encontrados apenas dois casos na amostra do PE, e, como já mencionado, centraremos nossa análise no objeto anafórico com antecedente SN.

A tabela 1, apresentada na revisão da Dissertação, traz os informantes, colhidos em nosso estudo de painel, com os quais trabalharemos novamente.

### 3.3.2 *Corpus* para a análise do PE proveniente do CD-Oral-Rom

Esse material é bastante interessante, pois abarca amostras de entrevistas de fala espontânea em quatro línguas românicas: espanhol, francês, italiano e português europeu nas mais diversas situações comunicativas. Temos amostras de fala em situação informal e formal. A tabela a seguir ilustra a divisão do CD-Oral-Rom por estilo:

Estilos que compõem a amostra do PE				
Estilo Informal		Estilo Formal		
Familiar (Privado)	Público	Contexto Natural	Mídia	Telefonemas
Conversa	Conversa	Conferências	Reportagem	Privados
Diálogo	Diálogo	Negócios	Entrevistas	-----
Monólogo	Monólogo	Leis	Notícias	-----
-----	-----	Debate político	Programas Científicos	-----
-----	-----	Discurso Político	Esporte	-----
-----	-----	Pregação	Talk-show	-----
-----	-----	Relato profissional	Meteorologia	-----
-----	-----	Aulas	-----	-----

Tabela 14 – CD-Oral-Rom por estilo

O tempo de gravação das entrevistas é um fator que deve ser mencionado, pois elas têm em média oito minutos e abarcam uma temática que tenha a ver com a vida do entrevistado. Além disso, em muitos casos, o entrevistador é alguém do círculo familiar do informante, podendo haver ou não participação ativa de um pesquisador. Em alguns casos, aparecem, inclusive, observações acerca da possibilidade de o informante estar lendo o que fala.

Não consideramos, entretanto, que a diversidade de gêneros utilizada ou a pequena extensão da amostra constituam um problema à consecução dos nossos objetivos. O que nos interessa é, na verdade, observar as ocorrências de objeto nulo no PE.

Uma observação se faz importante: a análise de objetos oracionais não constitui objetivo deste estudo, visto que não é uma questão polêmica, já que o PE também aceita complementos oracionais nulos<sup>6</sup>.

Selecionamos todas as ocorrências de objeto direto anafórico encontradas tanto nas gravações formais quanto nas informais. Logo, foram analisadas 155 gravações. Em algumas não foi encontrado sequer um caso de objeto direto anafórico, o que ocorreu com as gravações “Meteorologia” e “Noticiários”, por exemplo.

---

<sup>6</sup> Encontramos apenas dois casos de objeto nulo sentencial:

- (i) Se puder *dar a lição*, dou e não telefono ... e ... se não puder \_\_, telefono. (176. Benedita, pfamcv01). **PE.**
- (ii) O jogo consiste em *introduzir a castanha pelo gargalo da garrafa* abaixo sem o auxílio das mãos. Vence quem conseguir \_\_ em menos tempo.(36. António, pfmedin01). **PE.**

### 3.3.3 Grupos de fatores considerados na coleta e codificação dos dados

Os dados coletados foram codificados, tendo em vista os grupos de fatores levantados, e processados segundo a metodologia de pesquisa variacionista. Procuramos as ocorrências de objeto direto anafórico nos textos com os quais trabalhamos e os codificamos de acordo com fatores estruturais (que serão especificados e exemplificados no subitem a seguir). O processamento dos dados foi feito com o pacote Varbrul (Pintzuk, 1988). Procedemos a rodadas utilizando o programa matemático, tomando uma das quatro formas estudadas como valor de aplicação – o objeto nulo, e, analisamos os resultados dos diversos cruzamentos feitos entre os vários grupos de fatores que nos interessavam, buscando contribuir para a descrição da realidade do português e observar até que ponto as gramáticas dos falantes brasileiro e português se aproximam ou se afastam.

Trabalhamos em nossa pesquisa com grupos de fatores, que apresentamos abaixo:

O *primeiro grupo* retrata a forma de representação do objeto direto anafórico: uso do clítico, pronome lexical, SN anafórico e objeto nulo. Apresentamos, em seguida, as chamadas variáveis independentes (na pesquisa sociolinguística), representadas por grupos de fatores que levantam as possíveis correlações morfológicas, sintáticas, semânticas e sociais com as formas de realização do objeto direto anafórico. Temos, então, os seguintes grupos de fatores:

### Fator de natureza morfológica:

#### (A) Forma (tempo / modo) verbal.

Esse grupo, de caráter morfológico, é considerado nessa análise, principalmente, por ser relevante para a manutenção do clítico em PB, uma vez que, através dele, observamos o possível contexto de resistência da estrutura ainda prescrita pelas gramáticas normativas: as formas verbais com infinitivo. Essas formas verbais são as que ainda abrigam o clítico acusativo, além de formas simples do presente e do passado (Cf. Duarte, 1986), como se vê em (76), (77) e (78) respectivamente:

- (76) Uma mãe assim... que está preocupada que... com *um marido* que não tinha dinheiro de pai nem mãe. Era ela que tinha que fazê o pé de meia e ajudá-**lo**. (Mgl48 – 80, L2, P7). **PB**.
- (77) Só mesmo *um Arthur da Távola* com toda a sua visão que eu acho ... Não **o** conheço pessoalmente, mas eu acho que a visão dele vai muito, sabe? De encontro à minha. (Eve43 – 80, L31, P14). **PB**.
- (78) A primeira coisa que o papai fez assim que veio pro Brasil: *ele* arrumou um conhecido que **o** ajudou muito. (Fat23 – 2000, L5, P11) **PB**.

Os dois exemplos a seguir destacam o uso do clítico no PE. Não esperamos qualquer tipo de restrição morfológica à sua ocorrência.

- (79) Às vezes aparece assim também *clientes chatos* . Oi pá! Isso é... as, eu... sabe, eu tenho assim um jeito um bocado especial para **os** levar.(19, Jo, pfamd13). **PE.**
- (80) À tarde era a merenda, a gente comíamos e à noite era a ceia. Eram quatro refeições que a gente tinha por dia e ao depois a gente ia, lavamos *roupa*, botamo-**la** a corar, outra a enxugar.(1, Em, pfamd3).**PE.**

### Fator de natureza sintática:

#### (B) Transitividade Verbal e Estrutura Projetada pelo Verbo

Esse grupo de fatores já foi apontado em pesquisas anteriores (Omena, 1979; Duarte, 1986, entre outros) como relevante para a realização do objeto direto anafórico no PB. Através de sua análise, podemos vislumbrar quais estruturas favorecem cada uma das realizações.

Vejamos, agora, alguns exemplos das estruturas sintáticas com as quais trabalhamos.

- **O verbo é Transitivo Direto e o objeto direto é um SN Simples**

- (81) A Bárbara levantô, rasgô a prova dela. Cada um foi lá procurando *a sua prova*, e rasgando \_\_\_\_\_. (Fat23 – 80, L21, P5) **PB.**
- (82) Punham lá *desenhos de máquinas* e eles não sabiam fazer \_\_\_\_\_. (22, Virgínia, pfamd15). **PE.**

- **O verbo é Transitivo Direto e o objeto direto é um SN Simples seguido por um Complemento Circunstancial:**

- (83) A Suelen ia comigo (à praia) com a Ariana, mas agora a Suelen com o neném vai ficá difícil pra í. Então só vai a Ariana ou então ela dêxa *o neném* com a minha mãe que aí ela não sai de casa não. Aí ela dêxa \_\_\_ lá e a gente vamos . (Jup06 –2000, L2, P8) **PB.**
- (84) *Isso* há de estar aí em qualquer sítio ah...por ali na cave, procure \_\_\_ ali na cave. (174, Antonio, ppubd11). **PE**

- **O verbo é Transitivo Direto e Indireto e o objeto direto é um SN Simples seguido por um objeto indireto igualmente simples:**

- (85) Essa onça depois vai crescê e tal, aí, quando ela era pequenininha, a gente pego \_\_\_ e trôxe \_\_\_ aqui no zoológico. Quando *ela* ficasse, assim, uma onça adulta, não é? Aí a gente entregava \_\_\_ para o zoológico.(Leo38 – 80, L25, P2) **PB.**
- (86) (Entrevistador: mas que serve de mezinha para quê?)  
Acilino: para o gado...para fazer um chá ...para fazer um ... *uma coisa qualquer* para dar \_\_\_ ao animal beber quando tem uma dor. (19, Acilino, pnatpe01). **PE**

- **O verbo é Transitivo Direto e tem como complemento um SN (Sujeito Acusativo) seguido de predicativo:**

- (87) Então, quando aparece um negocinho assim melhor que as criança identificam, como, Teletubies, coisinha que é bem infantilzinha, muita gente fala - Ah *isso* aí é imbecil.- não, mas é pra idade deles. Eles não acham \_\_\_ imbecil. (Leo38 – 2000, L22, P7). **PB**
- (88) Gostei imenso do ... eh.. por exemplo do doutor Henrique Antunes...não sei se tu sabes quem era... de Penal... também é novo.Ele é bastante novo. Ele é bastante novo e gostei imenso *dele*. Achei \_\_\_ um excelente assistente.(140, Raquel, pfamd117).

### (C) Tipo Sintático da Oração em que ocorre o objeto anafórico

A análise desse grupo de fatores é bastante importante para a observação do comportamento do objeto nulo em PB e em PE, pois, conforme nos mostrou Raposo (1986), haveria restrições à realização dessa estrutura em PE: não ocorreria objeto nulo dentro de “ilhas sintáticas” (orações relativas, completivas nominais e adverbiais). Como foi referido em nosso capítulo de retrospectiva teórica, em Kato & Raposo (2001) e Raposo (2004) essa questão foi revista. O pesquisador passou a enxergar naqueles contextos possibilidades de ocorrência da estrutura em pauta, como foi ilustrado no capítulo segundo. Digamos que em PB o uso do objeto nulo seria perfeitamente possível e em PE aceitável, de acordo com a nova visão de Raposo. (Re)veremos, portanto, como se comporta tal estratégia em ambas as línguas com especial atenção a esse grupo de fatores. Vimos, em nossa pesquisa de mestrado, que tal restrição, como previsto, não se estende ao PB, e, atentaremos agora, conforme citado anteriormente, para uma possível influência (Cf. Costa e Duarte, 2001) da animacidade do antecedente na realização de objeto nulo em contextos de ilhas sintáticas. Vejamos os tipos sintáticos com que trabalhamos, exemplificando-os:

- **Raiz**

(89) Depois de três anos de Normal, eu vô me formá, não é? Se precisá fazê *algum cursinho*, assim, pra se aperfeiçoá em professora se quisé dá aula em primário, eu faço \_\_.(Fat23 – 80, L16, P4). **PB**

- (90) Eram óptimos *esses produtos*, só que não tinham aquela venda, pronto, enfim, que a Yves entendia que havia de ter e eles acabaram por tirar \_\_\_ cá no nosso país. (49, Na, ppubd10). **PE.**

- **Completiva**

- (91) Você com a ... cheia de gente, estar todo dia ‘babababababa’, batendo boca, igual eu vejo minha mãe com meu padrasto. Eu não sei como é que eles estão conseguindo viver há vinte e cinco anos juntos. É porque a minha mãe é viúva, então se juntou com meu padrasto, tudo bem. Mas eu digo para *a minha mãe*, se eu tivesse uma mulher igual a ela, que eu já teria largado \_\_\_, porque eu não tenho saco para viver assim brigando todo dia. (Jvas26 – 80, L13, P5) **PB.**

- (92) Ele receitou-lhe eh os ...*uma mistura de ervas* portanto e explicou-lhe como é que ela devia fazer \_\_\_ em casa. (103, Isabel, pfamd105). **PE**

- **Relativa**

- (93) Aí eu vi o grau de desespero das pessoas pra fazê *o trabalho*. Gente que não tinha feito \_\_\_, a nota que ele deu, eu falei: isso aqui não é sério. (San39 – 2000, L37, P3) **PB**

- (94) Ele olha para *o artigo*, vê toda a estrutura que o compõe na fase em que vai fabricar \_\_\_. (30, Jorge, pnatpe02) **PE.**

- **Adjunta**

- (95) Ele perdeu *a vida*, como outros vão perdê \_\_\_ também, (Jan 03, 00, L23, p17,32). **PB.**

- (96) Eu, se calhar, também sou capaz de comprar **um prato** para o Jorge António para ele pôr \_\_\_ na parede lá no residencial porque ele está a reunir assim uma coleção de pratos para pôr \_\_\_ na parede.<sup>7</sup> (33, Maria, pfamd26). **PE.**

---

<sup>7</sup> A classificação dessa oração foi considerada ambígua, visto que para uns ela seria uma adjunta final e para outros, uma relativa não canônica.

- (97) Para mim *o poema* é assim uma coisa com que eu tropeço e leio e gosto e normalmente se o ouvir ler então aí realmente sou mais sensível do que ler \_\_\_. (95, Margarida, pfamd102). **PE.**
- (98) *Este capítulo* cujo sumário está aqui no quadro e que aguardarei e darei o tempo para que possam passar \_\_\_ para os vossos cadernos. (78, Tiago, ppen). **PE.**

#### (D) Função do Antecedente

Nesse grupo de fatores, observamos a função do antecedente do objeto direto anafórico.

Esse grupo de fatores mostrou-se importante, em nossa dissertação de mestrado, para a realização do objeto nulo, sua importância já havia sido apontada por Omena (1979), conforme vimos no capítulo de retrospectiva dos trabalhos sobre o objeto direto anafórico. Os trabalhos mais recentes de Raposo reforçam a importância desse grupo para o PE. Vejamos, no momento, apenas alguns exemplos desse grupo de natureza sintática:

- **Antecedente com a mesma função**

- (99) Tem o tradicional (cajuzinho), que compra *o amendoim* e torra \_\_\_ e tira *a casquinha*, sopra \_\_\_ assim, suja tudo, não é? Tem que tirá *a casquinha*, soprá \_\_\_, é casca de amendoim pra tudo quanto é lado. (San39, 80, L9, P15). **PB**
- (100) Ah, queres *uma pochette*? Então está bem, pode ser, mas isso, descansa que eu vou comprar \_\_\_ contigo. (30, Maria, pfamd26). **PE.**
- (101) O pastor traz *o leite* e depois a gente cõa\_\_\_ por um paninhos... para ... para uma panela. (48, Rui, pfmedrt01). **PE.**

(102) Se calhar, durante a semana, andam no ginásio, treinam *artes marciais* e, depois, ao fim de semana, querem pôr \_\_\_ em prática. (45, Miguel, ppubd05). **PE.**

- **Antecedente com função sintática diferente**

(103) Então, realmente, eu gostei muito do mineiro. *O capixaba* é mais quieto, né? Eu achei **ele**, assim, mais quieto, num é muito de brincá, né? (Adr63, 00, L14, P12) **PB.**

(104) Já sei que em determinada data foi posta em circulação **a edição xis** e portanto vou, espero nessa altura e compro \_\_\_. (37, Victor, pfamd29). **PE.**

(105) Eu vou falar mesmo como *eles* falavam porque eu já não sei hoje imitar \_\_\_ bem. (Elisa, pfamd, 119). **PE.**

**(E) Posição do Antecedente: Argumental (na mesma sentença ou em estruturas paralelas) ou não argumental (tópico estrutural ou tópico discursivo)**

Esse é um novo grupo de fatores usado em nossa Tese e que foi criado para controlar a realização do objeto nulo na posição-A (argumental). Segundo Kato e Raposo (2001), as restrições ao objeto nulo apareceriam nessa posição quando o antecedente se encontra em uma posição argumental em função de sujeito. A posição-A' (tópico estrutural ou discursivo) seria um contexto favorável ao uso do objeto nulo tanto em PB quanto em PE. Precisávamos, pois, controlar a posição do antecedente para verificar as supostas restrições apontadas pelos pesquisadores.

Em nossa codificação, consideramos **os termos das orações adjacentes como dentro da mesma sequência** (considerando-os sujeitos, objetos etc) e só consideramos como **tópicos discursivos** os antecedentes mais distantes ou em turnos distintos.

O teste de julgamento, aplicado a falantes nativos do PB e do PE, fornecerá dados dentro da mesma sequência sintática para testar a hipótese de Kato & Raposo (2001) e Raposo (2004).

- **Posição Argumental (A)**

O antecedente do objeto direto anafórico aparece em uma posição-A, que pode ser na mesma sentença ou em uma estrutura paralela como as coordenadas. Vejamos os exemplos abaixo:

(106) Eu vou falar mesmo como *eles* falavam porque eu já não sei hoje imitar \_\_\_ bem. (Elisa, pfamd,119) **PE**.

(107) Se *o filme* for bom, eu assisto \_\_\_ até o final. (Jan03, 00, L8,p15,29) **PB**.

(108) Então, semeava-se *o milho*, a gente amanhava-o de ...da enxada e, ao depois, e... ele o milho crescia. Regava-se , preparava-se , vingava. A gente, ao depois, cortámo-lo e traziamo-lo para casa e, à noite, íamos escamisar \_\_\_ e, então essas espigas escamisadas... botavam-se penduradas... (Emília, pfamd3, 9) **PE**

(109) Aí, ele ... o fiscal foi puxá *o papel higiênico*, pegô \_\_\_, rasgô \_\_\_, e jogô \_\_\_ no chão. (Ag33, 00, l3,p5, 111) **PB**

- **Posição não argumental (A')**

O antecedente ocupa uma posição A' em estruturas de tópico, seja estrutural (110) e (111) seja discursivo (112).

(110) *Um*s conversações até eu assisti \_\_\_ cá embaixo no estaleiro. (Filipe, pafam25, 28).  
PE

(111) Olha, *planos*, eu não tenho \_\_\_ (Ev17, 00, l25, p7, 162) PB

(112) (Falando sobre trabalho de diarista). Se fosse mais dias, arrumava uma pessoa que era capaz de querer \_\_\_. (07, Matilde, ptelpv04).

Nossa hipótese é que o objeto nulo seja favorecido por um antecedente em função de tópico discursivo.

#### **Fatores de natureza semântica:**

##### **(F) O Traço Semântico do Antecedente**

Esse grupo de fatores sempre é mencionado como relevante para a realização do objeto direto anafórico. Os trabalhos que apresentamos anteriormente (Omena, 1979; Duarte, 1986; Averbug, 2000) comprovam a importância desse fator semântico para o estudo do fenômeno que analisamos. Em nossa dissertação não foi diferente: o traço semântico do antecedente também foi selecionado como um dos fatores relevantes para a realização do objeto nulo. Além disso, trabalhos sobre o PE (Raposo, 2004) apontam restrições à função e ao traço do antecedente. Vejamos alguns exemplos dos traços semânticos que são analisados em nossos dados.

- **Traço [+ animado] do Antecedente**

(113) *Meus netos* são felizes, se relacionam muito bem com a mãe, com o pai e são crianças verdadeiras que eu espero que continuem assim... Eu sô aquela imagem da avó, né? É que tudo, mais ou menos, corre pra vó resolvê a situação, e eu participo dando conselhos, eu participo orientando \_\_\_ no que fô possível e vendo as coisas que eu acho que precisam ser moldadas um pouquinho melhor. (Jup06,00, L42, P2). **PB**

(114) E, ao depois, cantámos assim: “Ó *rapazito* de boina, quem me dera ver \_\_\_ cair. (14, Emília, pfamd3) **PE**.

Em (113), vemos um objeto nulo retomando o SN “Meus netos”, que possui traço semântico [+animado]. Já vimos que esse é o traço semântico mais resistente ao uso do objeto nulo, o que não impede que haja ocorrência dessa forma, como acabamos de ver no exemplo. Em (114), o objeto nulo superficial (sujeito da infinitiva “cair”, uma função que geralmente é representada foneticamente pelo clítico no PE e pelo pronome lexical no PB) refere-se ao SN “rapazito” cujo traço semântico também é [+animado].

- **Traço [-animado] do Antecedente**

(115) Então o salário é uma droga, mas, *os benefícios*, se você somá \_\_\_ entendeu? Vale a pena. (Adr63, 00, L30, P6).**PB**

(116) Comprava-se *o jornal* e ele lia \_\_\_. (26, Virgínia, pfamd15) **PE**.

Vimos em nossas pesquisas anteriores que esse fator atua positivamente no aumento do favorecimento do objeto nulo.

### (G) Especificidade do Antecedente

Esse grupo ilustra a especificidade do termo a que o objeto anafórico se refere: se se trata de um *nome contável no plural com ou sem determinante*, como nos exemplos (117), (118) e (119); ou se é *contável no singular com ou sem determinante*, como nos exemplos (120) e (121), ou ainda se é um *nome não contável com ou sem determinante*, como vemos em (122), (123), (124) e (125).

- **Nomes contáveis no plural com determinante**

(117) *Mais dias, não é? Se ela puder dar \_\_\_ eu digo-lhe.* (09, Matilde, ptelpv04).

- **Nomes contáveis no plural sem determinante**

(118) *Mas estás a ver, faltam-me selos anteriores a mil novecentos e trinta e cinco de maneira que é um bocado difícil... agora, quer dizer, só comprando \_\_\_ mesmo nessas casas fitatéticas no Largo de Santos e no ... portanto, há ali no Rossio também há ali uma loja que vende \_\_\_, umas casas que vendem selos de maneira que comprando aos poucos... depois vou comprando \_\_\_.* (38, Victor, pfamd29). **(PE)**.

- **Nomes contáveis no singular com determinante**

(119) *Eu vou-te mandar um e-mail agora, está? Manda-me \_\_\_.* (28, Joana, ptelpv02) **(PE)**.

- **Nomes contáveis no singular sem determinante**

(120) *Roupa de inverno*, se calhar, vou-lhe comprar \_\_\_. ( 32, Maria, pfamd26). **(PE)**.

(121) A minha neta diz: “ Vó, arranja *carambola* pra fazê aquele doce que fica com estrelinha.” Eu falei: “Eu não tenho \_\_\_” (Nad36, 00, L4, P10).**(PB)**

- **Nomes não contáveis com determinante**

(122) O pastor traz *o leite* e depois a gente cõa \_\_\_ por uns paninhos. (46, Rui, pfmeddrt01). **(PE)**.

(123) Ela foi ali numa tenda que tinha ali, aí pediu *um pouco de querosene*. O moço disse que não tinha \_\_\_, aí ela foi na casa do lado e pediu \_\_\_ a uma menina. Só tinha uma menina pequena. Ela pediu *um pouquinho de álcool*, a menina deu \_\_\_. (Jup06, 80, l29, p15). **(PB)**

- **Nomes não contáveis sem determinante**

(124) Tenho *stock* para avançar com esta ordem de fabrico? Se tenho \_\_\_, efectuo o lançamento. (35, Jorge, pnatpe02). **(PE)**.

(125) Cidade pequena não tá conseguindo mesmo, tá difícil mesmo. Tem que dá uma sorte assim... e *sorte*... e contá com a sorte, minha filha, ninguém tá podendo, né? Vô ficá contando com a sorte que eu vô ganhá na loteria, vô ficá ... *Sorte* é uma coisa que pinta. Se pintô tem que agarrá \_\_\_ mermo.(Eri59, 00, L28, P11).**(PB)**

Conforme já mencionado, esse é um dos fatores ao qual dedicamos especial atenção, por acreditarmos que o antecedente não contável sem determinante tem papel importante no favorecimento do objeto nulo no PB.

### **Estilo: Formal VS informal**

Como as gravações do CD-Oral-Rom (Cresti & Moneglia 2005) se subdividem em vários grupos, tivemos o cuidado de verificar o tipo de entrevista em que o objeto nulo se manifesta. É um controle importante, pois existem tipos de entrevistas que não favorecem o uso do objeto direto anafórico, como é o caso das gravações meteorológicas em que, conforme já mencionamos, não ocorreu um único caso da estrutura estudada. Esse tipo de gravação configura-se como um caso de “estrutura cristalizada”, um modelo que se repete alterando apenas o valor numérico da temperatura, logo não é propício para o aparecimento do que estamos abordando em nossa tese. Vejamos os estilos de gravações com que trabalhamos:

#### **(H) Estilo formal**

A parte denominada formal do CD-Oral-Rom (Cresti & Moneglia 2005) divide-se em três partes: mídia, fala natural e conversa telefônica privada.

- **Mídia**

Composta por um grupo de sete tipos de gravações transmitidas via rádio que discriminaremos a seguir:

**1) Entrevista:** gravações de programas de entrevista em que se tem um convidado especialista em determinado assunto, respondendo a questões feitas por um repórter. Esse subgrupo é formado por 5 gravações.

**2) Meteorologia:** gravações de boletins meteorológicos anunciados em programas de rádio. Já havíamos adiantado que não foi encontrada uma única ocorrência de objeto direto anafórico nesse tipo de gravação por se tratar de uma “estrutura cristalizada” que não propicia manifestações de dados do tipo que pesquisamos. Temos um total de 10 boletins meteorológicos gravados no CD-Oral-Rom (Cresti & Moneglia 2005).

**3) Notícias:** gravações de “flashes”; boletins de notícias. Apresentação de uma série de acontecimentos que marcaram o dia em uma dada região. Há apenas uma gravação desse tipo na qual também não encontramos sequer um exemplo do fenômeno que estudamos.

**4) Reportagem:** entrevistas feitas por um jornalista a pessoas que dominam o assunto em pauta. Esse subgrupo é formado por 2 gravações.

**5) Apresentação científica:** entrevistas feitas com especialistas em alguma área da Ciência. O entrevistado responde a várias questões acerca de um tema de seu domínio. Temos 2 gravações nesse subgrupo.

**6) Esporte:** um repórter esportivo entrevista uma personalidade esportiva. Foram gravadas 3 entrevistas desse tipo.

**7) Talk-show:** Entrevistas feitas por um apresentador a várias pessoas sobre diferentes temas.

- **Fala Natural**

Formada por 8 diferentes tipos de gravações que apresentamos abaixo, esse grupo retrata gravações temáticas feitas em circunstâncias consideradas formais pelos organizadores do CD-Oral-Rom (Cresti & Moneglia 2005).

**1) Negócios:** formado por 3 gravações, esse subgrupo apresenta um entrevistador fazendo perguntas a um especialista em algum tipo de negócio financeiro. É a gravação de um programa sobre empreendedorismo.

**2) Conferência:** gravação de um monólogo: um especialista em um determinado assunto, em geral científico, palestra sobre ele. Temos 3 gravações desse tipo.

**3) Leis:** especialistas em leis discorrem sobre esse assunto sob a forma de um monólogo. Esse item é formado por cinco gravações.

**4) Debate político:** gravações de sessões parlamentares em que vários políticos debatem um assunto. Composto por 5 gravações.

**5) Explicação profissional:** entrevistas em que o entrevistado responde a questões sobre a área em que atua profissionalmente. Temos 2 gravações desse tipo no CD-Oral-Rom (Cresti & Moneglia 2005).

**6) Pregação:** gravação de algum tipo de pregação religiosa em forma de monólogo. Foram encontradas 2 gravações desse subgrupo.

**7) Discurso político:** fala de um candidato que também se materializa sob a forma de monólogo. Temos 3 gravações desse tipo.

**8) Aula:** gravação de 3 aulas (monólogo) para o ensino médio e universitário.

Esses quinze grupos formam a vertente formal em que se subdivide o CD-Oral-Rom (Cresti & Moneglia 2005). Vejamos agora os tipos de gravações que compõem a contraparte informal da amostra do PE:

#### **(I) Estilo formal**

A parte informal do CD-Oral-Rom (Cresti & Moneglia 2005) divide-se em três partes: conversa, diálogo e monólogo, que se subdividem em privado e público. Vejamos essa distribuição a seguir:

- **Conversa telefônica privada**

Esse grupo, composto por 17 gravações, retrata o diálogo telefônico entre duas pessoas via telefone. O pesquisador é alguém hierarquicamente superior ao entrevistado, como a sogra da patroa de uma empregada doméstica. O informante não sabe que a conversa está sendo gravada.

- **Conversa Familiar**

Faz parte do grupo de entrevistas que, segundo a organização do CD-Oral-Rom (Cresti & Moneglia 2005), compõem sua vertente Informal. Trata-se da gravação de conversas (entrevista: um integrante faz perguntas que são respondidas por várias pessoas em forma de conversa) entre diversos participantes. Esse grupo é formado por um total de 12 gravações.

- **Diálogo Familiar (Privada)**

Também está inserido no grupo considerado informal do CD-Oral-Rom (Cresti & Moneglia 2005). Nesse caso, as 31 gravações que compõem esse grupo configuram-se como uma entrevista, nos moldes das usadas em geral nos estudos variacionistas, em que uma pessoa faz as perguntas e uma outra as responde. O peculiar aqui é que o entrevistador é alguém conhecido do informante.

- **Monólogo Familiar (Privada)**

Não temos a estrutura de entrevistas como podemos antever pela nomenclatura 'monólogo'. Um pesquisador direciona uma pergunta a um tema e deixa seu interlocutor à vontade para falar sobre ele. Temos 24 gravações desse tipo.

- **Conversa Pública**

Sua estrutura é a mesma da conversa familiar (privada). A diferença está no fato de o entrevistador não ser conhecido dos seus interlocutores. Esse grupo é composto por apenas 1 gravação.

- **Diálogo Público**

Composto por 11 gravações, o diálogo público consiste em uma conversa (sob a forma de entrevista) entre um pesquisador e seu informante, é semelhante ao diálogo familiar, distingue-se desse porque o entrevistador não faz parte do convívio pessoal do entrevistado.

- **Monólogo Público**

É um discurso de um informante acerca de um determinado tema proposto por um pesquisador que não faz parte de seu círculo de amizade. Esse grupo é formado por 7 gravações.

Encerramos aqui este capítulo de apresentação dos objetivos, hipóteses e metodologia que norteiam nosso trabalho. O capítulo subsequente é dedicado à análise dos resultados de nossa pesquisa. Passemos a ele.

## Análise dos resultados

Nesse capítulo, procederemos à análise dos dados encontrados na amostra do PE, proveniente do Cd-Oral-Rom (Cresti & Moneglia 2005), e, conforme formos apresentando esses resultados, compararemos com os do PB, retirados das amostras, provenientes PEUL, já usadas em nossa dissertação. Também apresentaremos, na última seção, uma análise do teste de julgamento<sup>8</sup>, aplicados aos falantes nativos do PE, com o objetivo de complementar nossos dados empíricos.

Como mencionado, as amostras do PE foram divididas em dois grupos: formal e informal. Seguimos a própria organização do CD-Oral-Rom (Cresti & Moneglia 2005) para essa distinção, já apresentada no capítulo anterior. Veremos, agora, as estratégias de realização do objeto anafórico encontradas em nossas amostras do PE.

---

<sup>8</sup> Agradeço, imensamente, às professoras Amália Mendes, Luísa Alice Santos Pereira e Maria Fernanda Bacelar do Nascimento pela valiosa ajuda na aplicação desses testes.

#### 4.1 As estratégias de realização do objeto direto anafórico

Foram encontradas em nossa pesquisa, três possibilidades de realização do objeto direto anafórico em PE: Clítico Acusativo, Objeto Nulo e SN Anafórico. Como se esperava, não houve qualquer ocorrência de Pronome Lexical, que, em PB, é a terceira estratégia mais utilizada, ficando bem à frente do clítico acusativo, tanto na fala de informantes analfabetos (cf. tabela 8) quanto na de falantes escolarizados (cf. tabela 9). Vejamos abaixo, exemplos de cada uma dessas estratégias encontradas na amostra:

- **Clítico Acusativo:**

(126) A mulher, evidentemente, está sempre com medo de perder *o seu homem*, não é? e então também não o ... não o... não lhe interessa muito estar a embonecá-**lo**, não é? (51, Nazaré, ppubd10)<sup>9</sup>

- **Objeto Nulo:**

(127) Antigamente, minha senhora, não se podia congelar *queijo*. Olhe, eu... eu congelo \_\_\_ também e dou-me muito bem com isso. (162, Adelino, ppub03).

- **SN Anafórico:**

(128) Lá na Golegã vi matarem *um cavalo* ao pé de mim... que passou ao pé de mim...tinha passado ao pé de mim.Vi matar *o cavalo* e como eu toda gente foi ver **o cavalo**. (121, Antonio, pfamd107).

---

<sup>9</sup> Entre parênteses, temos o código dos exemplos com o nº do dado, o nome do informante e o tipo de entrevista.

Passemos à análise de nossos resultados.

## 4.2 Análise

Para comparar os resultados encontrados nas amostras do PE com os do PB, tivemos que selecionar, dentre as amostras formal e informal, o gênero textual entrevista, visto que nossos dados de PB são retirados de entrevistas do acervo do PEUL, conforme mencionado no capítulo anterior.

Dos 21 tipos de gravações distribuídas entre os inquéritos formal e informal do PE, apresentados na **tabela 14** no capítulo anterior, 13 aproximam-se do gênero entrevista, por possuírem diálogos entre pelo menos duas pessoas que discorrem sobre um ou mais assuntos. Dessas 13 gravações, 4 fazem parte da amostra informal: diálogos familiar e público; e conversas familiar e pública. Não foi encontrado nenhum dado de objeto anafórico nos inquéritos relativos à conversa pública. As outras nove gravações, provenientes da amostra formal, que se aproximam do gênero entrevista compreendem conversa telefônica, reportagem, talk-show, negócios, debate político, explanação profissional, entrevista, apresentação científica e esporte. Não foi encontrada sequer uma ocorrência de objeto direto anafórico nas duas últimas: apresentação científica e esporte.

Apresentamos abaixo duas tabelas com a distribuição dos dados provenientes do gênero textual entrevista. A primeira traz a distribuição dos dados encontrados no inquérito formal, ao passo que a segunda apresenta essa mesma distribuição, com base no inquérito informal:

	<b>Clítico</b>	<b>SN Anafórico</b>	<b>Objeto Nulo</b>
<b>Conversa telefônica</b>	8	0	11
<b>Explicação profissional</b>	5	1	9
<b>Reportagem</b>	5	0	2
<b>Talk-show</b>	4	1	0
<b>Negócios</b>	3	0	0
<b>Debate político</b>	1	1	0
<b>Entrevista</b>	4	1	0
<b>Total</b>	30 (54 %)	4(7%)	22(39%)

Tabela 15- Distribuição das estratégias pelos gêneros textuais considerados formais

	<b>Clítico</b>	<b>SN Anafórico</b>	<b>Objeto Nulo</b>
<b>Diálogo familiar</b>	48	17	50
<b>Diálogo público</b>	19	8	21
<b>Conversa familiar</b>	1	0	4
<b>Total</b>	66 (40%)	25(15%)	73 (45%)

Tabela 16 – Distribuição das estratégias pelos gêneros textuais considerados informais

Observando as tabelas acima, vemos que a estratégia mais utilizada pelos falantes portugueses, na amostra formal, é o clítico, que aparece em todos os gêneros, com 54 % do total de dados. O objeto nulo vem em seguida, ainda nessa mesma amostra, com 39%, chegando a ser preferido ao clítico na conversa telefônica e na explicação profissional, e, por último, temos o SN anafórico correspondendo a 7 % do total de dados de “entrevistas formais”. Podemos notar, ainda, que o preenchimento supera o objeto nulo, um resultado que não surpreende quando se considera que o PE é um sistema positivamente marcado em relação ao Parâmetro do Objeto Nulo.

Analisando a tabela 16, vê-se que o objeto nulo (45%) ultrapassa os 40% de clíticos acusativos encontrados na amostra informal do PE. O objeto nulo aumentou 7% em relação a sua realização na amostra formal. O SN anafórico continua sendo a estratégia menos usada (15%) pelos portugueses, mas também teve seu percentual aumentado (6%) em relação à amostra formal. Sua presença, no entanto,

não tem uma grande significação para a nossa análise, a não ser o fato de representar, junto com o clítico, uma estratégia de preenchimento do objeto. Além do mais, seu aumento justamente em entrevistas mais informais confirma não estarmos diante de uma “estratégia de esquiva” ao uso do clítico e do pronome lexical, como observou Duarte (1986; 1989) em relação ao PB em sua dissertação de mestrado. Segundo a autora, o índice de SNs anafóricos por brasileiros aumenta na fala mais formal das entrevistas de TV, quando cai drasticamente o uso do pronome lexical. Se somarmos os percentuais de clíticos e de SNs, atingiremos um percentual de 55% de estratégias preenchidas *versus* 45 % de objeto nulo.

A distribuição das estratégias de realização do objeto direto anafórico, vista na tabela 16, nos mostra que o objeto nulo, ao contrário do que se acredita, tem espaço significativo em PE. Resta verificar em que contextos linguísticos eles ocorrem.

Os exemplos, a seguir, ilustram as três estratégias – clítico, SN anafórico e objeto nulo, respectivamente - para as entrevistas formais em **(a)** e informais em **(b)**:

**(129a).** Os jogos luso-galaicos são importantes porque aproximam *duas comunidades*. Aproximam-**nas**, digamos, oficialmente. (37, António, pfmedin01).

A companhia produtora de... *desses boneco* mostrou-se disponível para mostrar **os bonecos** e vamos tê-los cá para ... para todas as pessoas verem de onde vem a animação. (39, Gaio, pfmein01).

O pastor traz *o leite* e depois a gente cõa\_\_ por um paninhos... para ... para uma panela. (48, Rui, pfmeddrt01).

(129b). Apesar de *o povo, os trabalhadores e os camponeses* estarem ... eh ... em luta contra o sistema econômico que **os** oprimia, não estavam organizados de forma política capaz de vencer a ... a repressão. (73, Álvaro, ppub05)

E vamos mais é construir *uma casita* nossa que nós tínhamos o terreno que foi o meu sogro que nos deu, não é, e então, vamos fazer **a casita**. (48, Margarida, ppubd07)

Eram ótimos *esses produtos*, só que não tinham aquela venda, pronto, enfim, que a Yves entendia que havia de ter e eles acabaram por tirar \_\_\_ cá no nosso país. Em Portugal retiraram \_\_\_ e em França continua a haver \_\_\_. (50, Nazaré, ppubd10)

Observe-se que, no PE, o SN anafórico não parece ser uma estratégia de esquiva ao uso do clítico (cf. Duarte 1989), já que o entrevistado usa as duas estratégias em seguida. Voltaremos a essa questão abaixo.

Como o SN anafórico é também uma forma de realizar foneticamente o objeto, é usado em todos os contextos em que o clítico é usado e o que está em foco é examinar as restrições ao objeto nulo, nossa análise vai opor objeto pleno a objeto nulo, mantendo, entretanto a distribuição das três estratégias. A tabela a seguir opõe plenos *versus* nulos:

Estratégias de realização do objeto anafórico	Formal		Informal	
	Nº	%	Nº	%
Objetos Plenos	34	61	91	55
Objetos Nulos	22	39	73	45
Total	56	100	164	100

Tabela 17 – Objetos plenos x objetos nulos nos inquéritos formal e informal

Passemos agora à distribuição do objeto nulo pelos contextos linguísticos levantados:

#### 4.2.1 A distribuição das estratégias pelos contextos de ordem morfológica, sintática e semântica

##### 4.2.1.1 Contexto de natureza morfológica

Iniciaremos nossa análise observando a distribuição das estratégias de realização do objeto anafórico por um contexto de natureza morfológica: a forma do verbo que seleciona o objeto. Vejamos as tabelas abaixo:

Formas verbais	Amostra formal							
	Clíticos		SNs Anafóricos		Objetos Nulos		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Indicativo	13	<b>50</b>	2	<b>8</b>	11	<b>42</b>	26	<b>100</b>
Locução (infinitivo)	8	<b>73</b>	0	<b>0</b>	3	<b>27</b>	11	<b>100</b>
Infinitivo simples	6	<b>40</b>	2	<b>13</b>	7	<b>47</b>	15	<b>100</b>
Locução (particípio)	2	<b>100</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>	2	<b>100</b>
Gerúndio / locução	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>	0	<b>100</b>
Subjuntivo / imperativo	1	<b>50</b>	0	<b>0</b>	1	<b>50</b>	2	<b>100</b>

Tabela 18 – Clíticos, SNs e Objetos Nulos quanto à forma verbal na amostra formal

Formas verbais	Amostra informal							
	Clíticos		SNs Anafóricos		Objetos Nulos		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Indicativo	43	<b>46</b>	13	<b>14</b>	37	<b>40</b>	93	<b>100</b>
Locução (infinitivo)	9	<b>26</b>	4	<b>12</b>	21	<b>62</b>	34	<b>100</b>
Infinitivo simples	12	<b>41</b>	7	<b>24</b>	10	<b>35</b>	29	<b>100</b>
Locução (particípio)	2	<b>67</b>	1	<b>33</b>	0	<b>0</b>	3	<b>100</b>
Gerúndio / locução	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>	4	<b>100</b>	4	<b>100</b>
Subjuntivo / imperativo	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>	1	<b>100</b>	1	<b>100</b>

Tabela 19 – Clíticos, SNs e Objetos Nulos quanto à forma verbal na amostra informal

Analisando as tabelas acima, podemos dizer que o objeto nulo só não ocorreu (nem na amostra formal nem na informal) em estruturas formadas por auxiliar +

particípio, como a que vemos nos dois únicos exemplos em que essa estrutura aparece.

**(130)** Eu vou para a conferência *do Chomsky*... dormi que nem uma maluca... uma vergonha que ainda por cima a *Âmbar* tinha-**mo** apresentado. (27, Joana, ptelpv02).

Essa preocupação distingue o nosso festival de mui... muitos outros festivais de cinema. Essa preocupação de formação, *a preocupação pedagógica* o Cinanima tem-**na** mantido através deles todos os anos, (41, Gaio, pfmedin01)

As duas únicas ocorrências da estrutura formada por verbo do tipo “locução com particípio” trazem justamente o clítico como estratégia de realização do objeto anafórico na amostra formal. Veja-se que os exemplos de **(130)** ilustram a subida do clítico, construção que já não se encontra no PB escrito formal, com verbos transitivos diretos, na realidade, essa é uma das formas verbais que mais favorece o objeto nulo ou a estratégia de esquiva: uso do SN lexical.

Se considerarmos a amostra informal, veremos que não há restrição ao objeto nulo com o gerúndio, nem em sua forma complexa (em locução), como veremos no exemplo **(131)**, nem em sua versão simples, como ilustramos em **(132)**. Na amostra formal não houve qualquer ocorrência de forma verbal no gerúndio.

**(131)** Há ali uma loja que vende, umas casas que vendem *selos* de maneira que comprando aos poucos ... depois vou comprando \_\_ (40, Victor, pfamd29).

**(132)** Mas estás a ver? Faltam-me *selos* anteriores a mil novecentos e trinta e cinco de maneira que é um bocado difícil ... agora, quer dizer, só ... só comprando \_\_ mesmo nessas casas fitatéticas no Largo de Santos, (39, Victor, pfamd29)

Nos dois exemplos, o objeto nulo retoma o antecedente “selos”. Podemos supor que a preferência pelo objeto nulo se deva à estrutura do antecedente: um SN no plural, indefinido.

Se observarmos o percentual de preenchimento com as formas do indicativo, especialmente pelo clítico, tanto na amostra formal (58%) quanto na informal (60%), podemos constatar a vitalidade do clítico no PE. Os exemplos, a seguir, ilustram as três estratégias – clítico, SN anafórico e objeto nulo, respectivamente - para as entrevistas formais em **(a)** e informais em **(b)**:

**(133 a).** Os jogos luso-galaicos são importantes porque aproximam *duas comunidades*. Aproximam-**nas**, digamos, oficialmente. (37, António, pfmedin01).

Eles procuram... chegam a procurar *a instituição* porque querem o amor, mas recusam **a instituição** porque a instituição tal como funciona não é autêntica na concessão desse amor. (52, Tiago, pfmeddts01)

É uma coisa tão simples... é *um fio*... Eu, se fosse ao Porto, arranjava-**te** \_\_\_. (14, Teresa, ptelpv11)

**(133 b).** *O senhor* quer ir para ali, eu levo-**o** para ali. (21, João, pfamd13)

Eles gostavam muito *da escola*, adoravam **a escola**. (147, Elisa, pfamd119).

Quem quiser comer *peixe* fresco no Algarve, encontra \_\_ sempre. (122, Valentina, pfamd108)

Nas construções com locução com infinitivo, a preferência pelo clítico só é mais alta na amostra formal. Os próximos exemplos ilustram as três estratégias – clítico, SN anafórico e objeto nulo, nessa ordem - para as entrevistas formais em **(a)** e informais em **(b)**:

**(134 a)** Vamos ter ah... até vamos provar *um queijo da serra*. Daqui a pouco, vamos abri-**lo**, vamos prová-**lo** com aquele pão de centeio. (45, Rui, pmedrt01)

Ele olha para *o artigo*, vê toda a estrutura que o compõe na fase em que vai fabricar\_\_\_. (30, Jorge, pnatpe02).

**(134 b)**. Esse embate entre o estado que tem que fornecer *dinheiro* e os artistas que têm que **o** reivindicar, (43, Carlos, Ppubd04).

E vamos mais é construir *uma casita* nossa que nós tínhamos o terreno que foi o meu sogro que nos deu, não é, e então vamos fazer **a casita**. (48, Margarida, ppub07).

Ele receitou-lhe e... os ... *uma mistura de ervas* portanto e explicou-lhe como é que ela devia fazer \_\_\_ em casa. (103, Isabel, pfamd105)

A seguir, vemos exemplos das estratégias em estruturas com infinitivo simples para as entrevistas formais em **(a)** e informais em **(b)**:

**(135 a)**. *O Cinanima* tem sempre mais gente a procurá-**lo**. (38, Gaio, pmedin01).

Ele olha para *o artigo*, vê toda a estrutura que o compõe na fase em que vai fabricar, analisa as quantidades que são necessárias e... para... para fazer **esse artigo** e vai-me gerar recomendações de compra. (30, Jorge, pnatpe02).

Ele olha para *o artigo*, vê toda a estrutura que o compõe na fase em que vai fabricar \_\_. (30, Jorge, pnatpe02)

**(135 b)**. Quando nós temos e... *um grupo de alunos entusiastas* e... e... consegue-se eh deix... eh..., pronto, consegue-se ou arranjar estratégias e... sugestões ou deixá-**los** fazer as suas e.. as suas sugestões, 90, Luísa, Pfamd).

Atualmente já não ... só usamos *agulhas* descartáveis, ou seja, são do paciente que compra a caixa de agulhas com cem agulhas e elas vão-se deitando fora no fim de cada sessão. É proibido reutilizar **as agulhas**. (112, Isabel, pfamd105).

Há *máscaras* já com as duas propriedades de firmeza e de hidratação que são utilizadas como um creme. Não é necessário retirar \_\_. (53, Nazaré, ppudd10).

Os exemplos de **(134 a e b)** e de **(135 a e b)** trazem o clítico em estruturas com verbos no infinitivo (locução e formas simples) que, como dissemos, constituem, em PB, contexto que ainda recupera os escassos clíticos, especialmente, por aparecer na ordem canônica e recuperar o *onset* silábico após essas formas verbais.

Em nossa dissertação de mestrado, os poucos clíticos que apareceram em nossos dados (apenas 11! – equivalem a menos de 1% do total de dados) distribuíram-se entre as formas simples do presente e do passado (2 ocorrências) e as formas verbais com infinitivo sejam simples ou locuções (9 dados). Essas formas funcionam como o último contexto de resistência do clítico em PB, se é que pode falar em resistência com níveis tão insignificantes na fala. Contudo, os trabalhos com a escrita (cf. Averbug 2000 e Freire 2005), entre outros, mostram que é justamente

nos tempos do indicativo e com a forma infinitiva que a escola consegue recuperar o clítico na escrita.

Podemos ainda ilustrar as duas únicas ocorrências de imperativo, uma na amostra formal **(136 a)** e outra na informal **(136 b)**. Em ambas, a estratégia usada foi o objeto nulo, conforme vemos a seguir:

**(136 a)**. Eu vou-te mandar *um e-mail* agora, está? Manda-\_\_ me. (28, Joana, ptelpv02)

**(136 b)**. *Isso* há de estar aí em qualquer sítio... a... por ali na cave, procure \_\_ ali na cave.(174, António, ppubd11).

Agora, vejamos o único exemplo o subjuntivo, que ocorreu na amostra informal com o clítico acusativo.

**(137)** *Eles* querem o amor, mas querem um amor autêntico, um amor que **os** liberte. (54, Tiago, pfmedts01).

Vimos, então que, no que diz respeito à forma verbal, o objeto nulo: (a) só não ocorreu em locução com participio. Como essa não é uma forma verbal recorrente, não significa que essa estratégia de substituição do objeto anafórico não possa aparecer nesse tipo de estrutura; e (b) suplantou as formas plenas, somente na amostra informal e nesses três contextos – locução com infinitivo (62%) nas poucas formas de gerúndio (100%) e na única ocorrência de imperativo (100%).

Analisaremos, a seguir, as três estratégias de realização do objeto direto anafórico, segundo os contextos de natureza sintática.

#### 4.2.1.2 Contexto de natureza sintática

Deteremos nossa atenção a três ambientes sintáticos em que encontramos o objeto direto anafórico: a função sintática do antecedente; o tipo sintático da oração e a estrutura projetada pelo verbo.

- **Função sintática do antecedente**

Já sabemos de antemão que esse contexto é importante para a observação da realização do objeto direto anafórico, uma vez que diversos estudos apontaram esse ambiente sintático como um dos mais relevantes para a ocorrência de uma estrutura em detrimento de outra (cf. capítulo 1).

Vejam, as tabelas 20 e 21:

Função Sintática do Antecedente	Amostra Formal							
	Clítico		SN anafórico		Objeto nulo		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Mesma função	11	46	2	8	11	46	24	100
Função diferente	18	82	1	4	3	14	22	100
Tópico estrutural / discursivo	1	10	1	10	8	80	10	100

Tabela 20 – Clíticos, SNs e nulos quanto à função sintática do antecedente na amostra formal

Função Sintática do Antecedente	Amostra Informal							
	Clítico		SN anafórico		Objeto nulo		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Mesma função	25	34	11	15	38	51	74	100
Função diferente	39	51	13	17	25	32	77	100
Tópico estrutural / discursivo	2	15	1	8	10	77	13	100

Tabela 21 – Clíticos, SNs e nulos quanto à função sintática do antecedente na amostra informal

Observando as tabelas acima, notamos o expressivo percentual de objetos nulos no PE, especialmente, quando seu antecedente exerce função de tópico estrutural ou discursivo. Sabemos que esse tipo de estrutura não argumental (cf. Kato & Raposo, 2001; Raposo, 2004) favorece fortemente o uso do objeto nulo. Daí, os 80% e os 77% encontrados na amostras formal e informal respectivamente. Vejamos os exemplos abaixo, em que ilustramos um objeto nulo retomando um tópico discursivo em **(a)** e um tópico estrutural em **(b)**:

**(138) a.** (Falando sobre trabalho de diarista). Se fosse mais dias, arrumava uma pessoa que era capaz de querer \_\_\_. (07, Matilde, ptelpv04).

**b.** *Os outros sítios* [deu para conhecer \_\_\_ bem]. 99. (Rita, Pfm104).

Os exemplos, a seguir, ilustram um clítico acusativo e um SN anafórico com antecedentes em uma estrutura de tópico:

**(139) a.** Essa preocupação de formação, *a preocupação pedagógica* o Cinanima tem-na mantido através deles todos os anos, (41, Gaio, pfmedin01)

**b.** *As reformas* eu não tenho estado e... a ... não tenho acompanhado **as reformas** que se têm feito. (86, Luísa, pfamd101)

Quando o antecedente exerce a mesma função de objeto direto o percentual de objetos nulos também é elevado: 46% na amostra informal e 51% no inquérito formal. Vejamos os exemplos abaixo:

(140) a. O pastor traz *o leite* e depois a gente cõa\_\_ por um paninhos... para ... para uma panela. (48,Rui, pfmehrt01).

b. Se calhar, durante a semana, andam no ginásio, treinam *artes marciais* e, depois, ao fim de semana, querem pôr \_\_ em prática. (45, Miguel, ppubd05).

Somente um antecedente exercendo função diferente da de objeto direto é que inibe fortemente a ocorrência do objeto nulo no PE, como podemos ver pelo percentual das tabelas anteriores: 32% na amostra informal e 14% no inquérito informal. Vejamos alguns exemplos:

(141) a. Se fosse *mais dias*, eu era capaz de arranjar \_\_. 6, Matilde, ptelpv04).

b. Eu vou falar mesmo como *eles* falavam porque eu já não sei hoje imitar \_\_ bem. (Elisa,pfamd,119).

Vê-se que a função sintática do antecedente é um fator muito importante para a realização do objeto nulo; no PB ele é um condicionamento fortíssimo para a realização dessa estratégia, como podemos observar pela tabela a seguir:

Função Sintática do Antecedente	Resultados a dissertação – PB (%)				
	Clítico	SN anafórico	Pronome Lexical	Objeto nulo	Total
Mesma função	0	20	6	74	100
Função diferente	2	17	27	54	100

Tabela 23 - Distribuição das estratégias de realização do objeto anafórico por função sintática do antecedente em PB

Percebe-se que o percentual de objetos nulos quando o antecedente exerce a função de objeto direto é bastante elevado (74%). Entretanto, mesmo quando ele está em função distinta da de objeto o índice de objetos nulos é muito alto também (54%), o que nos mostra que a força da antecedente em função, embora menor, não favorece o preenchimento como em PB.

Nesta seção, confirma-se que a função do antecedente é extremamente relevante para a ocorrência do objeto nulo no PE oral, confirmando o que Raposo tem afirmado desde 1986, quando chama a atenção para a possibilidade de objeto nulo com antecedente em função de tópico (estrutural ou discursivo) e mais recentemente quando aponta a mesma função como outro importante contexto a favorecer o objeto nulo. Afinal, percentuais entre 70 e 80% para o primeiro caso e entre 40 e 50% para o segundo não podem passar despercebidos.

Passemos para a análise de outro contexto de natureza sintática: o tipo sintático da oração em que ocorre o objeto nulo.

- **Tipo sintático da oração**

Vejamos, agora, a distribuição das três estratégias segundo o tipo sintático da oração. De todos os tipos sintáticos, o objeto nulo só não esteve presente (no inquérito formal) na oração completiva de verbo; essa estrutura só ocorreu duas vezes no inquérito informal e com o mesmo verbo “esquecer-se”, a primeira, uma reduzida, na função de complemento oblíquo do verbo; a segunda, uma relativa sem antecedente, na mesma função, como atestam os dois exemplos:

**(142) a.** Deixamos *o carro* aberto ao pé do Cristo-Rei. O nosso guia esqueceu-se de trancar **o carro**.(100, Rita, pfamd104).

b. Frequentemente a pessoa já se esqueceu do que é que a levou lá.(113, Isabel, pfamd105).

Vejamos, a seguir, as tabelas 24 e 25 com a distribuição do clítico, do SN anafórico e do objeto nulo pelo tipo de oração:

Tipo da oração	Formal							
	Clítico		SN anafórico		Nulo		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Raiz	3	<b>75</b>	0	<b>0</b>	1	<b>25</b>	4	<b>100</b>
Adjunta	3	<b>33</b>	2	<b>22</b>	4	<b>45</b>	9	<b>100</b>
Completiva de verbo (na função de objeto)	2	<b>100</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>	2	<b>100</b>
Relativa	5	<b>50</b>	0	<b>0</b>	5	<b>50</b>	10	<b>100</b>
Completiva de verbo (na função de sujeito)	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>	0	<b>100</b>
Coordenada	17	<b>59</b>	2	<b>7</b>	10	<b>34</b>	29	<b>100</b>
Completiva de nome	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>	2	<b>100</b>	2	<b>100</b>

Tabela 23 – Clíticos, nulos e SNs quanto ao tipo sintático da oração na amostra formal

Tipo de oração	Amostra informal							
	Clítico		SN anafórico		Nulo		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Raiz	16	<b>37</b>	7	<b>16</b>	20	<b>47</b>	43	<b>100</b>
Adjunta	2	<b>18</b>	2	<b>18</b>	7	<b>64</b>	11	<b>100</b>
Completiva de verbo (na função de objeto)	4	<b>29</b>	2	<b>14</b>	8	<b>57</b>	14	<b>100</b>
Relativa	15	<b>75</b>	1	<b>5</b>	4	<b>20</b>	20	<b>100</b>
Completiva de verbo (na função de sujeito)	2	<b>40</b>	1	<b>20</b>	2	<b>40</b>	5	<b>100</b>
Coordenada	26	<b>38</b>	12	<b>17</b>	31	<b>45</b>	69	<b>100</b>
Completiva de nome	1	<b>50</b>	0	<b>0</b>	1	<b>50</b>	2	<b>100</b>

Tabela 24 – Clíticos, nulos e SNs quanto ao tipo sintático da oração na amostra informal

Observando as tabelas anteriores, vê-se que em termos percentuais, o tipo sintático em que mais ocorreu o objeto nulo foi na completiva de nome (100%) na amostra informal e (50%) no inquérito informal. Esses números, entretanto, são

pouco significativos por corresponderem a apenas três num total de quatro dados.

Vejamos o próximo exemplo:

**(143)** (Falando sobre trabalho de diarista). Se fosse mais dias, arrumava uma pessoa que era capaz de querer \_\_\_. (07, Matilde, ptelpv04).

O segundo tipo oracional com índice mais alto de uso do objeto nulo em PE é a adjunta (45% na amostra formal) e (64% no inquérito informal), tanto em desenvolvidas quanto em reduzidas, como mostram os exemplos de **(144 a-d)**:

**(144) a.** Tenho *stock* para avançar com esta ordem de fabrico? Não tenho \_\_\_. Se tenho \_\_\_, efectuo o lançamento. (35, Jorge, pnatpe02).

**b.** Eu vou falar mesmo como *eles* falavam porque eu já não sei<sup>10</sup> hoje imitar \_\_\_ bem. (Elisa, pfamd, 119).

**c.** Para mim *o poema* é assim uma coisa com que eu tropeço e leio e gosto. E normalmente se **o** ouvir ler, então aí realmente sou mais sensível do que ler \_\_\_. (94, Margarida, pfamd102).

**d.** Conforme comia *as camisa de milho* quase que inteiras e a depois ao remoer \_\_\_, que remói e então assim. (22, Acilino, pnatpe01).

O PE, como o PB, não ofereceu resistência a essa ocorrência, contrariando a hipótese de Raposo (1986) acerca das restrições aos contextos de ilhas sintáticas e,

---

<sup>10</sup> Estamos considerando “saber” como um auxiliar modal.

também, dando-lhe razão por ter abandonado essa hipótese. Resta, entretanto, observar que o uso do clítico nesses mesmos contextos é abundante no PE.

Na sequência, o tipo sintático em que mais ocorre objeto nulo é nas orações coordenadas (34% e 45%, nos inquéritos formal e informal). Esperava-se que o nulo tivesse seu maior índice de ocorrência nessas estruturas paralelas por serem sempre mencionadas como contextos que não oferecem obstáculo ao objeto nulo (Galves, 1989; Raposo, 2004). Vejamos os exemplos abaixo:

**(145) a.** O pastor traz *o leite* e depois a gente cõa\_\_ por um paninhos... para ... para uma panela, (48,Rui, pfmedrt01).

**b.** Eu também tenho *um tio* na América e tenho \_\_ de fato. (92, Margarida, pfam102)

Conforme podemos conferir, nas tabelas 23 e 24, o objeto nulo também ocorre em orações relativas (50% e 20% nas amostras formal e informal) tanto em relativas canônicas quanto nas não canônicas<sup>11</sup>, como mostram os exemplos de

**(146 a - d):**

**(146) a.** Ele olha para *o artigo*, vê toda a estrutura que o compõe na fase [em que vai fabricar \_\_]. (30, Jorge, pnatpe02).

**b.** *Os conjuntos que existem cá*, todos eles tentam estar sempre em cima do... do top e aprenderem a ... os primeiros classificados ... aprenderem da melhor maneira para agradarem ao... aos jovens [que vão ouvir \_\_]. (27, Teresa, pfamd23).

---

<sup>11</sup> Embora nossas gramáticas tradicionais só apresentem as relativas reduzidas de gerúndio e participio, as reduzidas de infinitivo são as mais frequentes no PB (cf. Callou, Brandão e Duarte 2006)

**c.** A gente lá na tropa usa sempre uma manta dobrada, mas eu tenho visto nesses cavalos de estimação *um preparo mesmo* [para usar \_\_\_ debaixo da sela]. (18, Acilino, pnatpe01).

**d.** Eu , se calhar, também sou capaz de comprar *um prato* [para o Jorge António pôr \_\_\_ na parede lá no residencial] porque ele está a reunir uma coleção de *pratos* [para pôr \_\_\_ na parede]. (33, Maria, pfamd26).

Em **(146) a e b**, vemos que os dados, mais uma vez, contrariam a hipótese de restrição aos objetos nulos em ilhas sintáticas, uma vez que o objeto nulo está dentro da oração relativa “em que vai fabricar \_\_\_” na amostra formal e “que vão ouvir \_\_\_” no inquérito informal. Quanto às relativas não canônicas, o objeto nulo parece ser a opção preferencial, segundo os falantes do PE que consultamos.

A estrutura em que o objeto nulo aparece com a menor frequência é a que exerce o papel de raiz (25%). Os exemplos seguintes retratam essa estrutura sintática:

**(147) a.** É uma coisa tão simples... é *um fio...* Eu, se fosse ao Porto, **arranjava-te** \_\_\_\_\_. (14, Teresa, ptelpv11)

**b.** (E como é que lavavam *a roupa?*) (...) A gente só ia para o rio no in... no verão. No inverno, lavávamos \_\_\_ ali ... ali no pé do pontão da linha. (2, Emília, pfamd3).

O objeto nulo de **(147) a** está dentro da oração principal que aparece posposta à oração adjunta “se fosse ao Porto”, ao passo que em **(147) b** o nulo está em uma oração absoluta.

Vimos que o objeto nulo ocorre até mesmo nas chamadas ilhas sintáticas, mencionadas por Raposo (1986). Assim, como em PB, o objeto nulo aparece em qualquer tipo de estrutura sintática. Contudo, em PE, as formas plenas continuam na dianteira em relação a essa estratégia.

Veremos, a seguir, a distribuição das formas de retomada do objeto anafórico em PE, observando um último contexto sintático: a estrutura projetada pelo verbo.

- **Estrutura projetada pelo verbo**

As tabelas a seguir retratam as três estratégias de acordo com a estrutura projetada pelo verbo.

Estrutura projetada pelo verbo	Formal							
	Clítico		SN anafórico		Nulo		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
<b>(I) Grupo 1 (S V OD)</b>	27	<b>56</b>	4	<b>8</b>	17	<b>36</b>	48	<b>100</b>
<b>(II) Grupo 2 (S V OD OI)</b>	1	<b>17</b>	0	<b>0</b>	5	<b>83</b>	6	<b>100</b>
<b>(III) Grupo 3 (S V [Minioração]/SV Compl. infinitiva)</b>	2	<b>100</b>	0	<b>0</b>	0	<b>0</b>	2	<b>100</b>

Tabela 25 – Clíticos, nulos e SNs quanto à estrutura projetada pelo verbo na amostra formal

Estrutura projetada pelo verbo	Informal							
	Clítico		SN anafórico		Nulo		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
<b>(I) Grupo 1 (S V OD)</b>	39	<b>33</b>	25	<b>21</b>	55	<b>46</b>	119	<b>100</b>
<b>(II) Grupo 2 (S V OD OI)</b>	17	<b>57</b>	0	<b>0</b>	13	<b>43</b>	30	<b>100</b>
<b>(III) Grupo 3 (S V [Minioração]/SV Compl. infinitiva)</b>	10	<b>67</b>	0	<b>0</b>	5	<b>33</b>	15	<b>100</b>

Tabela 26 – Clíticos, nulos e SNs quanto à estrutura projetada pelo verbo na amostra informal

As tabelas acima apontam que o **Grupo 1** favorece as formas plenas, visto que, na amostra formal, clítico e SN somam 64% contra 36% de objetos nulos; e, na

amostra informal, as formas preenchidas resultam em 54% x 46% da forma nula.

Vejamos os exemplos abaixo:

(148) Quem quiser comer *peixe* fresco no Algarve, encontra \_\_\_ sempre. (122, Valentina, Pfamd108). **PE.**

Esse resultado mostra-se diferente do que encontramos em nossa dissertação de mestrado, pois, em nossos dados, o objeto nulo correspondia a 72% das ocorrências de objeto anafórico em estruturas como a do **Grupo 1**, apontando-o como o que mais favorece o objeto nulo no PB. O exemplo a seguir representa esse grupo:

(149) Cada um foi lá procurando *a sua prova* e rasgando \_\_\_. (Fat23, 80, l21,p5)

O **Grupo 2** apresenta uma distribuição menos regular entre as amostras formal e informal: no primeiro caso, favorece fortemente o objeto nulo (83%) contra 17% das formas plenas (clítico), ao passo que, no inquérito informal, o objeto nulo passa para segundo plano com 43%, perdendo para os 57% do clítico.

Observemos os exemplos abaixo:

(150) Correram com o tipo de lá, conseguiram correr com o tipo de la e agora houve *mil e tal assinaturas* para um ... e mandaram \_\_\_ para Lisboa para um inquérito que vão fazer ao fulano. (27, Filipe, Pfamd25).

(151) *Roupa de inverno* se calhar vou-lhe comprar \_\_\_. (32, Maria, pfamd26).

No PB, o objeto nulo representava 62% das ocorrências nesse contexto. Os exemplos (152) e (153) ilustram essa estrutura em PB:

(152) A Suelen ia comigo (à praia) com a Ariana, mas agora a Suelen com neném vai ficá difícil pra í. Então só vai a Ariana ou então ela dexa *o neném* com a minha mãe que aí ela não sai de casa não. Aí ela daxa \_\_ lá e a gente vamos. (Jup06, 00, l2,p8)

(153) Quando *e/la* ficasse assim uma onça adulta, não é? Aí a gente entregava \_\_ para o zoológico. (Leo38, 80, l25, p2)

O **Grupo 3** mostra que, em PE, é o contexto mais favorecedor do clítico: 100% na amostra formal e 67% na informal.

Vejamos os exemplos abaixo:

(154) Não sei se tu sabes quem era ... de Penal... também é novo. Ele é bastante novo. Ele é bastante novo e gostei imenso *dele*. Achei \_\_ um excelente assistente. (140, Raquel, Pfamd117).

(155) O *rapazito de boina*, quem me dera ver \_\_ cair, (14, Emília, Pfamd3).

(156) Quando nós temos e... *um grupo de alunos entusiastas* e... e... consegue-se eh deix... eh..., pronto, consegue-se ou arranjar estratégias e... sugestões ou deixá-**los** fazer as suas e.. as suas sugestões. (90, Luísa, Pfamd).

Esse contexto é de suma importância para vermos como PB e PE apresentam comportamento gramatical distinto. Enquanto o PE privilegia o clítico e, em menor índice, uma categoria vazia, o PB prefere o pronome lexical ou igualmente uma categoria vazia para preencher essa posição, que tradicionalmente classificamos como objeto por receber caso acusativo do verbo da oração anterior. Em nossos resultados da dissertação de mestrado, não tivemos nenhuma ocorrência de clítico em construções como as do **Grupo 3**. Esse grupo é o que mais favorece o pronome lexical no PB, seja nas estruturas em que temos o sujeito de uma minioração seja nos contextos em que temos o sujeito de uma infinitiva ou gerundiva, um sujeito a que Bagno (2004) se refere como “pronome sujeito-objeto”<sup>12</sup>, como vemos nesses exemplos extraídos de nossa dissertação:

**(157)** Negócio de *Tiazinha* ficá com aquela bunda lá e tudo. Pô, eu acho que tinha que tê horário. Os... A gente mesmo acha [**ela** bonita] e tudo, mas ... a gente vê aquilo ali e as criança hoje em dia tão dormindo tarde, entendeu? (Eri59, 00, l28,p8). **(PB)**

**(158)** Aí ele (o quiabo) vai ficá refogando, lê vai dá aquela espuma. Quando ele tive sequinho, aí você bota o resto dos tempero nel: coentro, chêro verde, aí *e/e* pega o ... pega o gosto, aí bota um pouquinho d'água e dêxa [**ele** cozinhando]. (Jvas26, 00, l24,p11). **(PB)**

No exemplo **(157)**, o pronome lexical destacado aparece dentro de uma minioração [ela bonita]. Como o SN não pode receber caso de seu predicador “bonita”, ele recebe caso acusativo do verbo. Como em PE o clítico acusativo é usado, cuja função usual é a de objeto direto, temos a impressão de se tratar de um objeto direto de fato.

<sup>12</sup> Bagno (2004) chama de pronome sujeito-objeto o que a Gramática Tradicional denomina de sujeito acusativo de verbos infinitivos.

O exemplo (158) ilustra um caso em que temos um verbo causativo. Como as formas nominais não regem seus sujeitos, eles recebem igualmente o caso do verbo da oração principal. Essa é uma das estruturas que mais favorecem a realização do pronome lexical no PB, pois, na verdade, o termo a que nos referimos como objeto é o sujeito do gerúndio, como vimos no exemplo “deixar [ele cozinhando]”. A escolha entre uma forma plena (clítico no PE e pronome lexical no PB) e uma categoria vazia está intimamente relacionada ao traço semântico [+/-animado] do sujeito, como mostraremos na próxima seção.

No que concerne aos contextos de natureza sintática, podemos dizer que, em PE, não há qualquer espécie de restrição ao objeto nulo, visto que essa estratégia ocorre em todos os ambientes que apresentamos nessa seção. Contudo, vimos que, em PB, tal estratégia tem uma incidência muito mais ampla, sobrepujando as formas plenas de realização do objeto anafórico, ao passo que, em PE, essas formas preenchidas, particularmente com o clítico, são as recorrentes.

Vejamos, no próximo item, a distribuição das três estratégias de retomada do objeto anafórico, em PE, levando em conta fatores de natureza semântica.

#### **4.2.1.3 Contexto de natureza semântica**

Após vermos as três estratégias de retomada do objeto anafórico distribuídas em ambientes de natureza morfológica e sintática, observaremos o comportamento dessas formas em contextos semânticos considerando a animacidade do antecedente e sua especificidade.

- Animacidade do antecedente

Esse contexto de natureza semântica é sempre mencionado como crucial para a realização do objeto nulo (cf. Omena, 1978; Duarte 1986; Freire, 2000, Marafoni, 2004, entre outros), no PB. Vejamos como os dados de PE irão se distribuir.

Animacidade do Antecedente	Amostra Formal							
	Clítico		SN anafórico		Objeto nulo		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
[- animado]	17	40	4	9	22	51	43	100
[+ animado]	13	100	0	0	0	0	13	100

Tabela 27 – Distribuição das estratégias segundo animacidade do antecedente na amostra formal

Animacidade do Antecedente	Amostra Informal							
	Clítico		SN anafórico		Objeto nulo		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
[- animado]	30	27	21	19	61	54	112	100
[+ animado]	36	69	4	8	12	23	52	100

Tabela 28 – Distribuição das estratégias segundo animacidade do antecedente na amostra informal

Analisando as tabelas anteriores, vemos que o traço [- animado] do antecedente não favorece o objeto nulo no PE da forma como se observa no PB. Os percentuais obtidos para antecedentes com esse traço, 51% na amostra formal e 54% na amostra informal revelam que o preenchimento concorre de perto com o objeto nulo nesse contexto. Este, entretanto, não é um resultado pouco significativo quando se leva em conta que o PE é considerado uma língua com objetos nulos pouco frequentes. Como, entretanto, sabemos que a maioria dos nulos se verifica

com o antecedente em função de tópico (estrutural ou discursivo), devemos distinguir entre frequência e restrição contextual. No PB, esse traço é indiscutivelmente um fator fortemente atuante na realização do objeto nulo. Como vimos anteriormente, em Marafoni (2004) 74% dos dados cujo antecedente é [- animado] configuram-se como objeto nulo.

Quando o traço do antecedente é [+ animado], fica evidente a preferência pela realização fonética do objeto, particularmente pelo clítico. Não há nenhuma ocorrência de objeto nulo no inquérito formal. Nos 13 dados de objeto anafórico com antecedente [+ animado] a estrutura escolhida para retomar o antecedente foi o clítico acusativo. Na amostra informal, temos 77% de preenchimento (69% com o clítico) e apenas 23% de ocorrências ~~use~~ de objeto nulo.

Os exemplos de **(159)** retratam um objeto nulo com antecedente [- animado] na amostra formal, na informal e em PB, respectivamente.

**(159) a.** O pastor traz *o leite* e depois a gente cõa \_\_\_ por uns paninhos... para ... para uma panela. (46,Rui, pfmeddrt01). **PE.**

**b.** Correram com o tipo de lá, conseguiram correr com o tipo de lá e agora houve mil e tal *assinaturas* para um... e mandaram \_\_\_ para Lisboa para um inquérito que vão fazer ao fulano.(27, Filipe, pfamd25). **PE.**

**c.** Eles só não robaram *geladêra, fogão, essas coisa*, porque não deu pra carregá \_\_\_ mermo, porque assim eles robavam \_\_\_. (Eri59, 00, l33, p2). **PB.**

Os exemplos de **(160)** ilustram o objeto nulo com antecedente [+ animado] na amostra informal e em PB:

(160) a. *O professor Vasco Pereira da Silva* ninguém respeitava \_\_\_ menos ou ... ou desconsiderava \_\_\_ apenas porque ele era assim tão simpático com os alunos e tão bem disposto. (136, Raquel, pfamd117). **PE**.

b. Olha, quanto tempo eu não vejo *a minha avó*. Eu vi \_\_\_ quando ela veio aqui, e, nas minhas férias eu acho que vô viajá lá pra Vitória. (Adr27, 80, l1, p19). **PB**.

Esse contexto de natureza semântica ratifica, até certo ponto, a relevância do traço [-animado] na realização do objeto nulo também em PE.

Vejamos, agora, o último contexto de natureza semântica: a especificidade do antecedente.

- Especificidade do antecedente

Esse contexto, de natureza semântica, verifica a “definitude” do antecedente, isto é, se ele é determinado (marcado por determinante) ou não; contável ou não contável. Na dissertação de mestrado, observamos que o uso de palavras contáveis no singular favorecia o objeto nulo. Resolvemos testar, então, esse mesmo fator para o PE.

Tomamos como referência para atribuição dos valores “contável” e “não contável” a aceção encontrada em Dubois *et alii* (1997), transcrita abaixo:

“Chamam-se substantivos *contáveis* uma subcategoria de substantivos que designam entidades sentidas como suscetíveis de entrar na oposição *um / muitos* (*singularidade / pluralidade*; os substantivos *não contáveis* ou *maciços* designam as entidades que são consideradas como não suscetíveis de entrar na oposição *um / muitos*”. (p.148).

Vejamos como os dados de PE foram distribuídos nesse ambiente.

Especificidade do antecedente	Formal							
	Clítico		SN anafórico		Nulo		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Contável plural sem/com det.	6	<b>60</b>	1	<b>10</b>	3	<b>30</b>	10	<b>100</b>
Contável no singular sem det.	1	<b>33</b>	0	<b>0</b>	2	<b>67</b>	3	<b>100</b>
Contável no singular com det.	18	<b>58</b>	2	<b>6</b>	11	<b>36</b>	31	<b>100</b>
Não contável sem det.	0	<b>0</b>	1	100	0	<b>0</b>	1	<b>100</b>
Não contável com det.	5	<b>50</b>	0	0	5	<b>50</b>	10	<b>100</b>

Tabela 29 – Distribuição das estratégias segundo a especificidade do antecedente na amostra formal

Especificidade do antecedente	Informal							
	Clítico		SN anafórico		Nulo		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Contável plural sem/com det.	24	<b>41</b>	7	<b>12</b>	28	<b>47</b>	59	<b>100</b>
Nome contável no singular sem determinante	1	<b>25</b>	0	<b>0</b>	3	<b>75</b>	4	<b>100</b>
Nome contável no singular com determinante	29	<b>53</b>	7	<b>13</b>	19	<b>34</b>	55	<b>100</b>
Nome não contável sem determinante	3	<b>20</b>	6	<b>40</b>	6	<b>40</b>	15	<b>100</b>
Nome não contável com determinante	9	<b>29</b>	5	<b>16</b>	17	<b>55</b>	31	<b>100</b>

Tabela 30 – Distribuição das estratégias segundo a especificidade do antecedente na amostra informal

Começamos o exame das duas tabelas observando o resultado para antecedentes **contáveis no plural** com ou sem determinante, reunidos na primeira linha, por duas razões: na amostra formal, todos os contáveis no plural (10 no total) ocorrem com determinante; em segundo lugar, porque o fato de serem contáveis faz com que a presença ou ausência de determinante não seja significativa para o nosso estudo. O que importa é que com nomes contáveis no plural a amostra formal prefere o preenchimento (70%) enquanto a informal apresenta distribuição mais equilibrada (53% de objetos preenchidos e 47% de nulos. Vejamos os exemplos **(161 a, b)** a seguir, que ilustram o objeto nulo com antecedentes contáveis no plural **com determinante**:

(161) a. *Mais dias, não é? Se ela puder dar \_\_\_ eu digo-lhe.* (09, Matilde, ptelpv04).

b. *Correram com o tipo de lá, conseguiram correr com o tipo de lá e agora houve mil e tal assinaturas para um ... e mandaram \_\_\_ para Lisboa para um inquérito que vão fazer ao fulano.* (27, Filipe, pfamd25).

Em (162), temos um exemplo extraído da amostra informal, com antecedente contável no plural **sem determinante**, ocorrência bastante mais rara no PB falado:

(162) *Mas estás a ver, faltam-me selos anteriores a mil novecentos e trinta e cinco de maneira que é um bocado difícil... agora, quer dizer, só comprando \_\_\_ mesmo nessas casas fitatélicas no Largo de Santos e no ... portanto, há ali no Rossio também há ali uma loja que vende \_\_\_, umas casas que vendem selos de maneira que comprando aos poucos... depois vou comprando \_\_\_.* (38, Victor, pfamd29).

Em relação aos nomes **contáveis no singular** (segunda e terceira linhas das tabelas), o que temos é uma distribuição bastante semelhante. Na ausência de determinante, o objeto nulo é preferido (67% na amostra formal e 75% na informal), como mostram os exemplos em (163 a, b); com um determinante, as formas plenas são preferidas sobre o objeto nulo, que alcança 36% e 34%, respectivamente, como se vê em (163 c,d):

(163) a. *Roupa de inverno, se calhar, vou-lhe comprar \_\_\_.* (32, Maria, pfamd26).

b. *Rapazito de boina, quem me dera ver \_\_\_ cair.* (14, Emília, pfamd3).

c. *Eu vou-te mandar um e-mail agora, está? Manda-me \_\_\_.* (28, Joana, ptelpv02)

d. Precisei de ter frases do ... do Salazar e então lembrei-me que havia um disco ... um long-play... eh ... na Melodia que trazia tudo com discursos dele e entrei na Melodia, está claro? Depois do vinte e cinco de abril, entrei na Melodia e pedi o ... *o long-play com os discursos do Salazar* e o caixeiro com um olhar muito aborrecido: “ Nós não temos cá disso não.” Ora essa, não tem \_\_, mas tinham \_\_. Isso há de estar aí em qualquer sítio .. ah.. por ali na cave, procure \_\_ ali na cave. (174, António, ppubd11).

É importante, porém, chamar a atenção para o fato de que, embora os percentuais para objeto nulo com antecedentes contáveis no singular sem determinante sejam altos, esses índices correspondem a apenas 5 dados em um total de 7 (3 na amostra formal e 4 na informal). No PB, o número de ocorrências é alto nesse contexto, ilustrado com um dado da nossa dissertação:

(164) Cozido eu também não gosto muito quando coloca *banana*, eu não coloco \_\_.  
(Nad36, 00, l32, p5). **PB**

Passemos aos antecedentes **não contáveis**, nas duas últimas linhas das tabelas. No caso de não contáveis sem determinante, tivemos, na amostra formal, apenas um dado com SN anafórico, enquanto na informal, tivemos um total de 15 dados, seis dos quais (40%) com o objeto nulo, como se vê em (165):

(165) a. Tenho *stock* para avançar com esta ordem de fabrico? Se tenho \_\_, efectuo o lançamento. (35, Jorge, pnatpe02).

b. Quem quiser comer *peixe* fresco no Algarve, encontra \_\_ sempre.  
(122, Valentina, Pfamd108). **PE**.

Quanto aos não contáveis com determinante, o percentual de nulos se equilibra com os plenos nas duas amostras. Em **(166)** exemplos de nulos podem ser vistos:

**(166) a.** O pastor traz *o leite* e depois a gente cõa \_\_\_ por uns paninhos. (46, Rui, pfmeddrt01).

**b.** Ela foi ali numa tenda que tinha ali, aí pediu *um pouco de querosene*. O moço disse que não tinha \_\_\_, aí ela foi na casa do lado e pediu \_\_\_ a uma menina. Só tinha uma menina pequena. Ela pediu *um pouquinho de álcool*, a menina deu \_\_\_. (Jup06, 80, l29, p15). **PB)**

Nossa análise da fala mostra que o objeto nulo tem ocorrência mais ampla no PE do que se esperava. Ainda que em termos quantitativos pouco expressivos, podemos encontrar a estrutura dentro de relativas e adjuntas, retomando antecedentes com o traço [-animado] e, ocasionalmente, com o traço [+animado]; além disso, os traços de especificidade aqui considerados mostram que o objeto nulo é possível, embora sejam raras as ocorrências de nomes contáveis no plural sem determinante. Entretanto, é necessário reconhecer que o objeto nulo no PE prefere antecedentes que funcionem como tópico discursivo ou estrutural. Essa última estrutura, conhecida como topicalização, não é exclusiva de línguas positivamente marcadas em relação ao objeto nulo (como é o caso do inglês), não servindo, pois, de argumento em favor de qualquer afirmação acerca do objeto nulo no PE. Poucos são os contextos ocorridos, na amostra, que nos permitem refutar a hipótese de Kato & Raposo (2001) e Raposo (2004).

Como se vê, nos exemplos a seguir, poucos são os casos em que se tem um antecedente na mesma sequência que nos permita comparar com os apresentados pelos autores citados (cf. capítulo terceiro), que serão retomados na seção seguinte:

(167) a. Quem quiser comer *peixe* fresco no Algarve, encontra \_\_\_ sempre. (122, Valentina, pfamd108).

b. *Este capítulo* cujo sumário está aqui no quadro e que aguardarei e darei o tempo para que possam passar \_\_\_ para os vossos cadernos. (78, Tiago, ppen).

c. Ele olha para *o artigo*, vê toda a estrutura que o compõe na fase em que vai fabricar \_\_\_. (30, Jorge, pnatpe).

d. *O dinheiro* que vos dou também me custa a ganhar \_\_\_. (13, Emília, pfamd3).

e. Para mim *o poema* é assim uma coisa com que eu tropeço e leio e gosto e normalmente se o ouvir ler então aí realmente sou mais sensível do que ler \_\_\_. (95, Margarida, pfamd102).

#### 4.2.1.4 Estilo (formal / informal) das gravações

Como vimos, nossas amostras de PE comportavam gravações de estilos formal e informal. Essa duplicidade de estilo, contudo não acarretou diferença na distribuição de nossos dados.

Em virtude das considerações anteriores, aplicamos testes de julgamento a 22 falantes portugueses, não linguistas, com estruturas que nos permitissem testar o grau de aceitabilidade das sentenças propostas por Raposo (2004). Os resultados serão apresentados na seção a seguir.

### 4.3 Teste de julgamento com falantes do PE

Aplicamos o mesmo teste de intuição, apresentado no capítulo precedente para o PB, a 22 falantes nativos do PE. Desse total, 16 tinham nível superior completo; 1 possuía graduação incompleta; 5 ensino médio (4 completo e 1 incompleto). Vejamos os resultados.

As sentenças **(1)** e **(2)** de nosso teste de julgamento<sup>13</sup> serão repetidas, a seguir, como **(168)** e **(169)**.

**(168)** Ela leu o livro antes de devolver \_\_\_ para mim.

**(169)** Ela quebrou a taça quando tirou \_\_\_ do armário.

Essas sentenças apresentam estruturas em que o objeto nulo retoma um antecedente [- animado] em posição de objeto direto, sendo, portanto, apontada por Kato & Raposo (2001) e Raposo (2004) como perfeitamente possíveis tanto para o PB quanto para o PE, como revemos em **(170)** e **(171)** abaixo:

**(170)** Consertamos *o carro* antes de pôr \_\_\_ a venda. **(OK) PB (OK) PE**. (Kato & Raposo, 2001; Raposo, 2004)

**(171)** A Maria quebrou *o relógio* quando tirou \_\_\_ da caixa. **(OK) PB (OK) PE**. (Kato & Raposo, 2001; Raposo, 2004)

---

<sup>13</sup> Naturalmente, os dados foram apresentados aos falantes sem a lacuna do objeto nulo.

Nossos colaboradores discordaram da gramaticalidade conferida por Kato & Raposo (2001) e Raposo (2004) para sentenças com antecedentes [- animados] em função de objeto direto. Nenhum informante considerou gramatical o exemplo **(168)**. A maioria julgou-o agramatical (68%); os (32%) restantes acharam-na estranha, mas possível. O exemplo **(169)**, também considerado agramatical pela maioria (55%), aceitável por 36%, foi eleito como gramatical por apenas 9% dos falantes, que fazem parte daqueles que possuem nível superior.

É interessante notar que o único contexto apontado como gramatical, por Raposo & Kato (2001) e Raposo (2004), provoca forte resistência nos falantes de PE. Essa dificuldade em aceitar o objeto nulo **não deve ser atribuída a uma questão normativa**, uma vez que nem todos são pessoas ligadas às letras e muitos têm poucos anos de escolaridade e são ainda adolescentes cursando o segundo grau. O que esses resultados revelam, isso sim, é que se trata de estruturas que não estranhas ao PE, ao contrário das estruturas com clíticos, naturalmente adquiridas ao longo do processo de aquisição da linguagem e obviamente despercebidas. Aos brasileiros, ao contrário, causam estranhamento justamente as estruturas com clíticos, não adquiridas na infância e consideradas pedantes (como mostra Duarte 1989).

Vejamos alguns dos comentários feitos pelos portugueses no corpo do teste:

**(172)** “Assinalamos como “impossível” na aceção de “incompleto”, pois em “**português de Portugal**”, apenas por **lapso** ou por **ignorância** se poderia escrever como se lê nas frases em apreço.” (grifo nosso) [77 anos; nível superior];

**(173)** “Até me arrepio só de ler estas frases...” (69 anos; ensino médio);

(174) “100% contra o acordo ortográfico” (?) (28 anos; nível superior);

(175) “Claro que a falta dos pronomes torna as frases bem estranhas” (53 anos; nível superior);

(176) “Falta sempre o pronome” (40 anos; nível superior);

(177) “Acho que falta um “o” ou um “a” e por isso nenhuma das frases para mim estaria aceitável em nossa língua. **Será que vão desaparecer os pronomes?**”(grifo nosso) [66 anos; nível superior].

A reação dos falantes portugueses pode parecer contraditória em relação aos resultados de nosso estudo empírico, que mostra o objeto nulo como a estratégia mais usada pelos portugueses quando o antecedente é [- animado] em função de objeto direto (64%) na amostra informal e 46% (empatado com o clítico!) no inquérito formal. Longe, entretanto, de ser contraditório, esse resultado nos revela que o critério que vimos utilizando para considerar o antecedente como ocupando uma posição argumental não é o mesmo que os autores utilizam. Na realidade, na maioria dos casos, o antecedente está sim em posição argumental, mas numa sequência sintática precedente, o que o torna **um tópico discursivo**. Isso foi mencionado no final da seção anterior e foi o que nos levou a aplicar o teste.

Voltando ao nosso teste, passemos à terceira sentença apresentada, aqui repetida aqui como (178), que teve um índice de rejeição mais elevado que as anteriores:

**(178)** A taça foi quebrada quando ela tirou \_\_\_ do armário.

A estrutura do exemplo acima também traz um antecedente [- animado], argumento interno da “quebrar”, mas, dessa vez, exercendo **função sintática** de sujeito da oração principal. Segundo Kato & Raposo (2001) e Raposo (2004), estruturas como essas seriam consideradas agramaticais em PE, relembremos o exemplo apontado pelos pesquisadores, repetido em **(179)** abaixo:

**(179)** *Este livro* decepcionou o público quando a editora pôs \_\_\_ à venda. **PB \*PE.** (Kato & Raposo, 2001; Raposo, 2004)

68 % dos informantes confirmaram a agramaticalidade do exemplo **(178)**; 28% julgaram a sentença estranha, mas possível e apenas 1 (4%) colaborador considerou a sentença **(178)** gramatical. Esse mesmo informante também considerou a construção **(169)** perfeita para o PE.

As sentenças **(4)** **(5)** e **(6)** de nosso teste de julgamento, retomadas aqui como **(180)** e **(181)** trazem estruturas em que o objeto nulo se relaciona com um antecedente [+ animado] em função sintática de objeto direto da oração principal, enquanto em **(182)** o antecedente é um objeto indireto. Vejamos os exemplos:

**(180)** A mãe penteou o bebê antes de levar \_\_\_ ao médico.

**(181)** A mãe machucou o bebê quando tirou \_\_\_ do berço.

**(182)** A mãe avisou às crianças que ia buscar \_\_\_ na escola depois das cinco.

De acordo com Kato & Raposo (2001) e Raposo (2004), estruturas como essas em que o antecedente do objeto nulo é [+animado] e exerce função de objeto direto configuram-se como estranhas, mas possíveis ou agramaticais em PE. Relembremos os exemplos dos pesquisadores, retomados abaixo como **(183)** e **(184)**:

**(183)** O policial insultou *o preso* antes de torturar \_\_\_. ?PB ?\*PE. (Kato & Raposo, 2001; Raposo, 2004)

**(184)** Eu avisei *estes homens* (de) que a polícia ia prender \_\_\_. ?PB ?\*PE. (Kato & Raposo, 2001; Raposo, 2004)

Nossos colaboradores julgaram agramatical a ocorrência de objeto nulo com antecedente [+ animado] em função de objeto direto, ainda que Kato & Raposo (2001) e Raposo (2004) apontem a possibilidade de objetos nulos em estruturas como essas serem considerados estranhos, mas possíveis. As sentenças vistas em **(180)**, **(181)** e **(182)** foram consideradas agramaticais por 55%, 64% e 82% dos informantes nessa ordem. Essa última teve um índice de agramaticalidade maior, sugerindo que, de fato um objeto nulo com antecedente na mesma função é mais bem aceito no PE. 36 % dos colaboradores acharam as estruturas de **(180)** e de **(181)** estranhas, mas possíveis e 14% dos informantes julgaram a sentença **(182)** também dessa forma, enquanto **(180)** e **(182)** foram consideradas gramaticais por

apenas 9% e 4% dos informantes, respectivamente. Ninguém conferiu gramaticalidade à sentença **(181)**.

As últimas quatro sentenças de nosso teste de intuição compreendem sentenças em que temos um objeto nulo com antecedente [+ animado], exercendo função sintática de sujeito da oração principal, em duas estruturas passivas **(185)** e **(186)**, uma estrutura com verbo psicológico **(187)** e uma estrutura copular **(188)**, como podemos ver nos exemplos abaixo:

**(185)** *O bebê* foi penteado pela mãe antes de levar \_\_\_ ao médico.

**(186)** *O bebê* foi penteado pela mãe depois que tirou \_\_\_ do berço.

**(187)** *Ela* decepcionou o marido quando ele viu \_\_\_ com outro no shopping.

**(188)** O marido ficou decepcionado *com ela* quando ele viu \_\_\_ com outro no shopping.

Objetos nulos com antecedentes [+animados] em função sintática distinta da de objeto direto configuram-se como estruturas agramaticais tanto no PB quanto no PE segundo apontam Kato & Raposo (2001) e Raposo (2004) para o exemplo aqui retomado em **(189)**:

(189) *Este autor* decepcionou o público quando a editora apresentou \_\_\_ na cerimônia de lançamento. \*PB \*PE. (Kato & Raposo, 2001; Raposo, 2004)

Nossos informantes confirmaram a agramaticalidade para objetos nulos em contextos como os dos exemplos (185) a (188), com 63%, 77%, 81% e 68% respectivamente. Apenas 1 (4%) colaborador, graduado, de 65 anos, considerou as quatro sentenças gramaticais. Esse foi o informante que mais conferiu gramaticalidade às sentenças apresentadas nesse teste: 80%. Ele considerou estranha, mas possível apenas a estrutura vista em (168) e julgou agramatical somente a sentença apresentada em (181). Os outros 33 %, 19%, 15% e 28%, nessa ordem, julgaram as estruturas estranhas, mas possíveis.

Nosso teste de aceitabilidade confirmou, em parte, a hierarquia de gramaticalidade apresentada por Kato & Raposo (2001) e Raposo (2004). Os informantes, como visto, têm resistência em considerar gramaticais até mesmo as estruturas consideradas gramaticais por Raposo (2004) considerando todos os contextos agramaticais.

Comparando esses resultados com os obtidos para os falantes do PB, apresentados na seção 3.1 do capítulo precedente, podemos concluir que:

(a) quando o antecedente é um objeto direto com o traço [- animado], temos os mais altos índices de aprovação do objeto nulo entre os brasileiros (79%). Apenas 3% dos informantes brasileiros consideram essa estrutura agramatical, ao passo que 62% dos portugueses julgam a mesma estrutura agramatical. Somente 4% dos informantes de PE conferiram gramaticalidade a tal estrutura;

**(b)** quando o antecedente é um sujeito com o traço [-animado], também temos atribuição de valores de gramaticalidade oposta em relação ao PB e ao PE: 50% dos colaboradores brasileiros consideram estruturas com antecedente [- animado] em função de sujeito como perfeitamente possíveis, 44% acham essa estrutura estranha, mas possível e 6% julgam-na agramatical. Em PE, o percentual de gramaticalidade dessa estrutura foi inversamente proporcional ao do PB: 4% consideraram-na gramatical, 28% julgaram-na estranha, mas possível e 68% acharam essa estrutura agramatical;

**(c)** quando o antecedente é um objeto direto com o traço [+animado], 55% dos informantes brasileiros consideram gramatical o uso do objeto nulo enquanto apenas 4% dos colaboradores portugueses julgam essa estrutura dessa mesma forma. 31% e 29% dos informantes de PB e de PE, respectivamente, aceitam, embora achem estranhos, nulos com antecedentes [+ animados] em função de objeto direto e 14% dos colaboradores brasileiros e 67% dos portugueses julgaram essa estrutura agramatical;

**(d)** quando o antecedente é um sujeito com o traço [+animado], brasileiros e portugueses convergem ao atribuir o menor percentual de gramaticalidade a estruturas desse tipo: 21% e 4% nessa ordem. 40 % dos informantes brasileiros consideraram estruturas desse tipo estranhas, mas possíveis e 39% julgaram-nas agramaticais, ao passo que 72% dos informantes lusitanos acharam essas estruturas agramaticais e 24% consideraram-nas estranhas, mas possíveis.

Isso nos revela **(a)** que o objeto nulo é muitíssimo mais restrito no PE do que no PB, quando o antecedente se encontra na mesma sequência sintática; **(b)** que a mesma função do antecedente, suficiente em PB para licenciar livremente o objeto nulo, não é garantia de seu licenciamento no PE, como mostram os dois primeiros exemplos de nosso teste. Isso pode indicar que a oração subordinada adjunta seja responsável pela baixa aceitabilidade da estrutura; **(c)** que independentemente do traço de animacidade, um antecedente na função de sujeito é uma fortíssima restrição ao objeto nulo no PE; e **(d)** que a restrição parece ser ilimitada no PB e diminui no PE quando o antecedente é um tópico discursivo, o que se conclui da análise da fala das entrevistas.

Confrontamos os resultados dos testes de intuição para o PB e para o PE com as sentenças apresentadas por Kato & Raposo (2001) e Raposo (2004) e elaboramos as tabelas abaixo, a partir desse confronto:

Amostras do PE	[- Objeto Direto]		[+ Objeto Direto]	
	[-animado]	[+animado]	[-animado]	[+animado]
Kato & Raposo(2001) / Raposo (2004)	*	*	OK	?*
Teste de intuição	*	*	*	*

Tabela 32 - Objeto nulo quanto à animacidade e função sintática do antecedente em PE.

Amostras do PB	[- Objeto Direto]		[+ Objeto Direto]	
	[-animado]	[+animado]	[-animado]	[+animado]
Kato & Raposo(2001) / Raposo (2004)	OK	*	OK	?
Teste de intuição	OK	?	OK	OK

Tabela 33 - Objeto nulo quanto à animacidade e função sintática do antecedente em PB.

As tabelas acima condensam os resultados encontrados nos testes com falantes nativos do PE e do PB. A tabela 32 mostra que, como havíamos visto na última seção do capítulo anterior, os informantes portugueses, embora usem o

objeto nulo, têm resistência em reconhecer essa forma que passa despercebida em seu uso lingüístico. Já a tabela 33 retrata que em PB o objeto nulo não apresenta qualquer restrição, ocorrendo, inclusive, no contexto que Kato & Raposo (2001) e Raposo (2004) apontam como agramatical.

Apresentamos, no decorrer desse capítulo, os resultados da nossa análise da fala natural e buscamos complementar nossos resultados com testes de gramaticalidade aplicados a falantes nativos.

Passemos, agora, às considerações finais.

## Conclusão: síntese e considerações finais

Retomaremos nossos objetivos e hipóteses e faremos uma breve retomada dos resultados de nossa pesquisa para que possamos tecer nossas considerações finais.

Conforme explicitamos na introdução, o objetivo desta Tese foi apresentar uma análise da realização do objeto direto anafórico no PE e no PB, focalizando de modo especial como o objeto nulo se distribui nessas línguas.

Para atingirmos esse objetivo, trabalhamos com a Teoria Linguística de **Princípios e Parâmetros**, centrando-nos especialmente no Parâmetro do Objeto Nulo. Utilizamos também o **modelo de mudança** proposto por Weinreich, Labov & Herzog (2006[1968]).

Partimos da hipótese geral de que o objeto nulo encontrado em PE não é tão raro quanto se acredita, mas não ocorre tampouco de forma irrestrita e frequente como parece ocorrer no PB. Deve-se, portanto destacar em PE a ocorrência do objeto nulo está muito mais condicionada à função sintática e ao traço semântico de seu antecedente do que em PB.

No primeiro capítulo, fizemos um percurso do estudo do objeto direto anafórico: vimos pesquisas sincrônicas de cunho variacionista, que focalizaram esse fenômeno na fala e na escrita, em PB e em PE; apresentamos o fenômeno sob a ótica diacrônica e também do ponto de vista da psicolinguística experimental.

No segundo capítulo, mostramos os pressupostos teóricos que orientam a presente pesquisa e apresentamos também uma seção em que vimos as diferentes interpretações teóricas para o objeto nulo no PB no âmbito da teoria gerativa.

No capítulo terceiro descrevemos, mais especificamente, nossas hipóteses para a ocorrência do objeto nulo com antecedente (SN) em PB e em PE. Explicitaremos, novamente, essas hipóteses a fim de que possamos, a partir delas, proceder a uma síntese dos resultados encontrados em nosso atual estudo:

**(a)** em relação à função sintática do antecedente, esperamos que o objeto nulo tenha um índice de ocorrência maior em estruturas em que o antecedente exerça igualmente a função de objeto direto tanto em PB quanto em PE, mas acreditamos que o objeto nulo também ocorrerá mesmo em estruturas em que seu antecedente exerça função diferente da de objeto, inclusive, em PE, contrariando assim Raposo & Kato (2001) e Raposo (2004);

**(b)** no que diz respeito ao traço semântico do antecedente, esperamos que haja uma ocorrência maior de objetos nulos com antecedente [- animados] nas duas línguas, mas aguardamos também que ocorra objeto nulo com antecedente [+animado] ainda que com um percentual maior para o PB;

**(c)** em relação ao tipo sintático em que ocorre o objeto direto anafórico, acreditamos que em PB haja uma distribuição do objeto nulo por todo tipo sintático de oração e que em PE seu índice de ocorrência seja maior em casos de coordenadas;

(d) em relação ao PE, acreditamos que a análise da estrutura do antecedente do objeto anafórico, especialmente no que tange à presença/ausência de quantificadores com nomes não contáveis (feijão), presença/ ausência de determinantes com nomes contáveis no singular (cenoura em vez de as cenouras) poderá ser um ponto chave para mostrar o porquê de em PB haver um alto índice de objeto nulo em contraposição ao baixo índice de ocorrência dessa variante em PE.

No que diz respeito à função sintática do antecedente, nossa hipótese foi confirmada. Deixando de fora as estruturas de tópico que favorecem nitidamente o objeto nulo (80% na amostra formal e 77% na informal), o objeto nulo materializa-se com frequência maior em estruturas cujos antecedentes exerçam a mesma função sintática de objeto direto: 46% no inquérito formal e 51 % na amostra informal, confirmando, portanto, nossa hipótese de que essa estratégia teria um percentual de ocorrência maior com antecedentes na mesma função sintática. O fato de termos também a presença do objeto nulo em estruturas com antecedentes em funções distintas das de objeto direto (14% na amostra formal e 32% na informal) reafirma nossa hipótese de que, mesmo em PE, o objeto nulo ocorreria com antecedente em função diferente. É preciso, entretanto, lembrar que consideramos com antecedentes em função argumental aqueles que se encontravam em sentenças adjacentes. Os teste de gramaticalidade, inspirados em raposo, ao contrário, só consideram antecedentes na mesma estrutura sintática (principal + subordinada(s)).

Quanto ao traço semântico do antecedente, nossas hipóteses também foram confirmadas: o maior índice de objeto nulo foi e estruturas com antecedente [- animado] – 51% no inquérito formal e 55% no informal, superando, inclusive, as

demais estratégias. Assim como tivemos casos de objeto nulo com antecedentes com o traço [+ animado] no PB (52%), também tivemos em PE, mas com um percentual menos elevado, e, mesmo assim, somente na amostra informal: 25%, o que, mais uma vez reafirma nossa hipótese de que encontraríamos essa estratégia com antecedente [+ animado] mesmo em PE, mas com percentual mais baixo do que o encontrado em PB.

No que concerne ao tipo sintático de oração em que encontramos o objeto nulo, podemos dizer que nossa hipótese foi confirmada, já que, de fato tivemos casos de objetos nulos distribuídos por todo tipo sintático, inclusive nas adjuntas, nas relativas e nas completivas, o que nos mostrou a ocorrência dessa estratégia até em contextos de ilha sintática, estruturas em que Raposo (1996) acreditava não pudessem ocorrer objetos nulos com antecedente no contexto discursivo; o maior índice de ocorrência de objeto nulo, entretanto, foi nas coordenadas: 45% na amostra formal e 42% no inquérito informal.

No que tange à presença/ausência de quantificadores com nomes não contáveis e não contáveis, os dados mostram que o objeto nulo é possível, ainda que tenhamos poucas ocorrências dessa estrutura com antecedentes contáveis no plural sem determinante.

As tabelas, a seguir, ilustram os resultados comparativos entre as avaliações feitas por brasileiros e portugueses para as mesmas sentenças apresentadas em nosso teste de julgamento. Apresentaremos quatro tabelas em que observamos o objeto nulo com antecedentes [+ / - animados] e em função igual ou diferente da de objeto direto.

Vejamos a avaliação de falantes brasileiros e portugueses para a sentença a seguir que apresenta um objeto nulo com antecedente [- animado] em função de objeto direto:

“Ela leu *o livro* antes de devolver \_\_\_ pra mim.”

Teste de intuição	[+ Objeto direto / - animado]
Português brasileiro	Gramatical (81%)
Português europeu	Agramatical (68%)

Tabela 34 – objeto nulo com antecedente [+ O.D. / - animado] no PB e no PE

Observemos a avaliação de falantes brasileiros e portugueses para a sentença a seguir que apresenta um objeto nulo com antecedente [+ animado] em função de objeto direto:

“A mãe penteou *o bebê* antes de levar ao médico.”

Teste de intuição	[+ Objeto direto / + animado]
Português brasileiro	Gramatical (66%)
Português europeu	Agramatical (55%)

Tabela 35 – objeto nulo com antecedente [+ O.D. / + animado] no PB e no PE

Vejamos a avaliação de falantes brasileiros e portugueses a sentença a seguir que apresenta um objeto nulo com antecedente [- animado] em função diferente da de objeto direto:

“A taça foi quebrada quando ela tirou \_\_\_ do armário.”

Teste de intuição	[- Objeto direto / - animado]
Português brasileiro	Gramatical (50%)
Português europeu	Agramatical (68%)

Tabela 36 – objeto nulo com antecedente [- O.D. / - animado] no PB e no PE

Observemos a avaliação de falantes brasileiros e portugueses para a sentença a seguir, que apresenta um objeto nulo com antecedente [+ animado] em função diferente da de objeto direto:

“Ela decepcionou o marido quando ele viu \_\_\_ com outro no shopping.”

Teste de intuição	[- Objeto direto / + animado]
Português brasileiro	Agramatical (48%)
Português europeu	Agramatical (81%)

Tabela 37 – objeto nulo com antecedente [- O.D. / + animado] no PB e no PE

As tabelas comparativas do PB e do PE com seus respectivos testes de intuição e as estruturas apresentadas por Kato & Raposo (2001) e Raposo (2004)

confirmaram que **(a)** no Brasil, não há nenhuma restrição ao uso do objeto nulo (incluindo-se aí o contexto em que temos um antecedente [- objeto direto / + animado] apontado por Kato & Raposo (2001) e Raposo (2004) como agramatical para o PB) e **(b)** em Portugal, se não há rejeição ao objeto nulo, ele é alvo de muita resistência por parte dos informantes.

Os resultados mostram que PE e PB se diferenciam fortemente em termos **qualitativos**, conforme mostram os dados empíricos e de julgamento, em relação ao objeto nulo. Fica claro que o PE não rejeita o objeto nulo, mas sua ocorrência é fortemente condicionada pelo traço do antecedente e pela sua função. Um antecedente no discurso não constitui qualquer obstáculo ao objeto nulo no PE. Pode-se dizer, seguindo Soares da Silva (2006) em relação ao Parâmetro do Sujeito Nulo para o PB, que é possível localizar o PB num extremo de uma hierarquia que aceita o objeto nulo referencial definido, tal como o chinês, com poucas restrições. No extremo oposto estariam as línguas que não aceitam o objeto nulo, como o espanhol e o italiano. O PE, a considerar os nossos resultados, estaria entre as línguas que aceitam o objeto nulo sem restrições quando seu antecedente é um tópico discursivo e muito restritivamente quando seu antecedente se encontra na oração mais alta (principal) com a mesma função.

### Referências bibliográficas

1. AVERBUG, M. C. G. Objeto Direto Anafórico: variação na produção oral e escrita e influência no ensino. *Estudos da linguagem: atualidade & paradoxos: Anais do VII Congresso da ASSEL – Rio*, 1998. Rio de Janeiro: ASSEL – Rio, p. 680 – 687.
2. \_\_\_\_\_. Variação Linguística e Ensino: em foco o objeto direto anafórico. *Estudos da linguagem: renovação & síntese: Anais do VIII Congresso da ASSEL – RiO*. Rio de Janeiro: ASSEL – RIO, 1999. p. 827 – 834.
3. \_\_\_\_\_. *Objeto Direto Anafórico e Sujeito Pronominal na Escrita de Estudantes*. Rio de Janeiro, 2000. Dissertação de Mestrado em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa). Curso de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
4. \_\_\_\_\_. *Aquisição em Português Brasileiro: O Parâmetro do Objeto Nulo*. Rio de Janeiro, 2008. Tese de Doutorado em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa). Curso de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade federal do Rio de Janeiro.
5. BAGNO, Marcos. *Português ou Brasileiro?: um convite à pesquisa*. 4ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
6. \_\_\_\_\_ (org). *Linguística da Norma*. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
7. BALTOR, Cristiane da S. *Estudo Variacionista do Objeto Direto de Terceira Pessoa em Série Anafórica no Falar Pessoense*. Paraíba, (2003). Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Universidade Federal da Paraíba.
8. BANDEIRA, Manuel. Evocação do Recife In *Libertinagem*. Poesia Completa e Prosa. Rio de Janeiro: Aguillar, 1974, pp. 212-214.
9. CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris. (2ª ed. 1982)
10. CORRÊA, Vilma Reche. *Objeto Direto Nulo no Português do Brasil*. (1991). Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Universidade de Campinas.
11. COSTA, J., Duarte, I. Objetos Nulos em Debate. *Razões e Emoção: Miscelânea de estudos oferecidos a Maria Helena Mateus*, 2001.
12. CRESTI, Emanuela & Massimo MONEGLIA (eds.). *C-ORAL-ROM – Integrated Reference Corpora for Spoken Romance Languages*. Studies in Corpus Linguistics, vol. 15. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 2005.
13. CYRINO, Sônia M. L. Observações sobre a Mudança Diacrônica no Português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: ROBERTS, I. & KATO. M. A. (org). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da UNICAMP, p. 163 – 184. 1993.

14. \_\_\_\_\_. *O Objeto Nulo no Português Brasileiro: um estudo sintático-diacrônico*. Londrina: Editora UEL. 1997.
15. \_\_\_\_\_. ; DUARTE, M. E. L.; KATO, M. Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: KATO, M. A. & NEGRÃO, E. V. (org.). *Brazilian Portuguese and the Null Subject*. Frankfurt am Main: Vervuet. 2000. p. 55 – 73.
16. \_\_\_\_\_. O objeto nulo no português do Brasil e no português de Portugal. In: SOARES, M. E. (org.). *Boletim da ABRALIN*. Fortaleza: Imprensa Universitária / UFC, (25). 2006. p. 173 – 182.
17. \_\_\_\_\_, MATOS, G. Anáfora do Complemento Nulo: anáfora profunda ou de superfície? Evidência do português brasileiro e europeu. *Letras de Hoje*. Porto Alegre. V. 41, nº 1. 2006. p. 121 – 141.
18. DUARTE, M. E. L. *Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. São Paulo: PUC. 1986.
19. \_\_\_\_\_. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: TARALLO, Fernando (org). *Fotografias Sociolinguísticas*. Campinas: Pontes. 1989. 19 – 34.
20. \_\_\_\_\_. Sociolinguística Paramétrica: perspectivas. I Simpósio Nacional de Estudos Linguísticos, JP, UFPB. 1997.
21. \_\_\_\_\_. Sociolinguística e Teoria de Princípios e Parâmetros. *Estudos da linguagem: renovação & síntese: Anais do VIII Congresso da ASSEL – RIO*. Rio de Janeiro: ASSEL – RIO. 1999. p. 803 – 810.
22. \_\_\_\_\_. A Sociolinguística Paramétrica: perspectivas. In: HORA, D. & CHRISTIANO, E. (org.). *Estudos linguísticos: realidade brasileira*. João Pessoa: Idéia. 1999. p. 107 – 113.
23. \_\_\_\_\_. O locus da variação e mudança linguística. In: *Anais do Xiii Encontro Nacional da ANPOLL*. CD-Rom. 2000.
24. \_\_\_\_\_. O objeto direto anafórico no português brasileiro. Comunicação apresentada na Universidade Estadual de Feira de Santana. 2003.
25. DUBOIS, Jean et alii. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Editora Cultrix. 10ª ed. 1998.
26. FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina Vieira de. *Objeto Nulo no Dialeto Rural Afro-brasileiro*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. (2004).
27. FREIRE, GILSON C. *Os Clíticos de Terceira Pessoa e as Estratégias para sua Substituição na Fala Culta Brasileira e Lusitana*. Dissertação de Mestrado em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa). Curso de Pós-Graduação em letras vernáculas. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2000.

28. \_\_\_\_\_; DUARTE, M. E. L. ; VASCO, S. L. Português europeu e português brasileiro: alguns aspectos morfosintáticos. Seção de comunicações coordenadas. II Seminário de Pesquisa em Língua Portuguesa. UERJ. 2002.
29. \_\_\_\_\_. *A Realização do Dativo e do Acusativo Anafóricos de Terceira Pessoa na Escrita Brasileira e Lusitana*. Tese de Doutorado em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa). Curso de Pós-Graduação em letras vernáculas. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2005.
30. GALVES, C. C. A sintaxe do português brasileiro. *Ensaio de linguística*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG. 1987. 13, p. 31 – 50.
31. \_\_\_\_\_. O objeto nulo no português brasileiro: percurso de uma pesquisa. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas. 1989. 17. p. 65 – 90.
32. \_\_\_\_\_. A gramática do português brasileiro. *Línguas e instrumentos linguísticos*. Campinas: Pontes Editores. 1998. 1, p. 79 –96.
33. KATO, M. A. Português brasileiro falado: aquisição em contexto de mudança linguística. *Congresso Internacional sobre o Português: actas* (1994). Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística.
34. \_\_\_\_\_. Os frutos de um projeto herético: parâmetros na variação intralinguística”. In: HORA, D. ; CHISRTIANO , E. (org.). *Estudos linguísticos: realidade brasileira*. João Pessoa: Idéia. 1999. p. 95 – 106.
- 35 \_\_\_\_\_.; RAPOSO, E. O objeto nulo definido no português europeu e no português brasileiro: convergências e divergências. *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL. 2001. p.673 – 685.
36. \_\_\_\_\_. *Generative grammar and variation theory: a happy marriage in the description of Brazilian Portuguese*. 2004.
37. LABOV, W. *Sociolinguistics patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. 1972.
38. \_\_\_\_\_. *Principles of linguistic change: internal factors*. Cambridge: Blackwell.(1). 1994. p. 9 –27.
38. LEITÃO, Márcio. O processamento do objeto anafórico em estruturas coordenadas do PB. Tese de Doutorado em Linguística. Universidade Federal Do Rio de Janeiro. 2005.
39. LUÍZE, Terezinha B. *Entre o PE e o PB: o falar açoriano de Florianópolis*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Florianópolis: UFSC. 1997.
40. MACEDO, A. T.; RONCARATI, C. ; MOLLICA, M. C. (org.). *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1996.
41. MALVAR, Elisabete da Silva. *A realização do objeto direto de 3ª pessoa em cadeia anafórica no português do Brasil*. Dissertação de Mestrado. Brasília: UnB. 1992.

42. MARAFONI, Renata Lopes. *A realização do objeto direto anafórico: um estudo em tempo real de curta duração*. Rio de Janeiro. 2004. 112f. Dissertação de Mestrado em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa). Curso de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
43. MATEUS, M. H. M.; BRITO, A. M.; DUARTE, I. S. ; FARIA, I. H. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho. 1983
44. MATOS, G. Construções Elípticas. In: Mateus, M. H., A. Brito, Duarte, I., Faria, I., Frota, S., Matos, G., Oliveira, F., Vigário, M., Vilalva, A. *Gramática da Língua Portuguesa*, cap. 21. 2003. Lisboa. Caminho.
45. MAYA, Marcus. The processing of object anaphora in brazilian portuguese. In: *Recherches Linguistiques de Vincennes* nº 26. 1997. p.151-172, França.
46. MOLLICA, M. C. (org.). *Introdução à sociolinguística Variacionista*. Rio de Janeiro: Cadernos Didáticos da UFRJ. 1996.
47. NARO, A. J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In Mollica, M. C. (org) *Introdução à Sociolinguística Variacionista. Cadernos didáticos*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ. 17-28. 1992.
48. NUNES, J. Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro. In: ROBERTS, I. KATO, M. A. (org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da UNICAMP. 1993. p.207–222.
49. OLIVEIRA E SILVA, G. M. de . Um caso de definitude. In: *Organon*. (18). 1999. p. 90 – 108.
50. OMENA, Nelize Pires de. *Pronome pessoal de terceira pessoa: suas formas variantes em função acusativa*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: PUC - RJ. 1979.
51. PAGOTTO, E. G. Clíticos, mudança e seleção natural. In: ROBERTS, I. & KATO, M. A. (org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da UNICAMP. 1993. p. 183 –203.
52. \_\_\_\_\_. “Norma e condescendência; ciência e pureza”. *Línguas e instrumentos linguísticos*. Campinas: Pontes Editores, 2, Jul / Dez. 1998. p.49 –68.
53. PAIVA, M. da C. de ; DUARTE, M. E. L. Mudança linguística: observações no tempo real. In: MOLLICA ; BRAGA (org.). *Introdução à Sociolinguística Variacionista*. São Paulo: Contexto. 2003.
54. PARÁ, Mara Lúcia Dias. *Estratégias de representação do objeto direto correferencial: um estudo variacionista*. Dissertação de Mestrado em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa). Curso de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1997.
55. PINTZUK, Susan. *Varbrul Programs*. Inédito. 1988.

56. RAMOS, Jânia. Sociolinguística Paramétrica ou Variação Paramétrica?. In: HORA, D. ; CHRISTIANO, E. (org.). *Estudos linguísticos: realidade brasileira*. João Pessoa: Idéia. 1989. p. 83 – 93.
57. RAPOSO, E. P. On the null object in european portuguese. In: JAEGGLI, O. & SILVA-CORVALÁN, C. (ed.). *Studies in romance linguistics*. Dordrecht – Holland / Riverton – U. S. A.: Foris. 1986. p. 373 – 390.
58. \_\_\_\_\_. *Objetos Nulos e CLLD: uma teoria unificada*. Revista da ABRALIN. Dez. 2004.
59. ROBERTS, I. O português brasileiro no contexto das língua românicas”. In: \_\_\_\_\_ & KATO, M. A. (org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da UNICAMP, . 1993. p. 409 – 421.
60. SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 24ª. ed. São Paulo: Cultrix. 1999.
61. SOARES DA SILVA, H. *O Parâmetro do Sujeito Nulo: Confronto entre o Português e o Espanhol*. Rio de Janeiro, 2006. Dissertação de Mestrado em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa). Curso de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
62. TARALLO, F. L. (org.). *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas: Pontes. 1989.
63. \_\_\_\_\_. “Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d’além-mar ao final do século XIX”. In: ROBERTS, I. & KATO, M. A. (org.). *Op. cit.* Campinas: Ed. da UNICAMP. 1993. p. 69 – 105.
64. \_\_\_\_\_. *A pesquisa sociolinguística*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1994.
65. WEINREICH, Uriel. *Fundamentos empíricos para uma teorias da mudança linguística* / Uriel Weinreich, William Labov, Marvin I. Herzog; tradução Marcos Bagno; revisão técnica Carlos Alberto Faraco; posfácio Maria da Conceição A. de Paiva, Maria Eugênia Lamoglia Duarte. – São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

**Anexo**

Nome: \_\_\_\_\_  
Idade: \_\_\_\_\_ Escolaridade: \_\_\_\_\_  
Profissão: \_\_\_\_\_. Naturalidade: \_\_\_\_\_  
Obs.: \_\_\_\_\_

Por favor, leiam as sentenças a seguir e atribuam os seguintes símbolos para elas:

( OK ) para as sentenças que você julgar perfeitamente possíveis na língua em uso;  
( ? ) para as sentenças que você considerar estranhas, mas possíveis na língua em uso;  
( \* ) para as sentenças que você achar que são impossíveis na língua em uso.

- (1) Ela leu o livro antes de devolver pra mim. ( )
- (2) Ela quebrou a taça quando tirou do armário. ( )
- (3) A taça foi quebrada quando ela tirou do armário. ( )
- (4) A mãe penteou o bebê antes de levar ao médico. ( )
- (5) A mãe machucou o bebê quando tirou do berço. ( )
- (6) A mãe avisou às crianças que ia buscar na escola depois das cinco. ( )
- (7) O bebê foi penteado pela mãe antes de levar ao médico. ( )
- (8) O bebê foi penteado pela mãe depois que tirou do berço. ( ).
- (9) Ela decepcionou o marido quando ele viu com outro no shopping. ( )
- (10) O marido ficou decepcionado com ela quando ele viu com outro no shopping.( )

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)